

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta, equidem res temporis acti
in praesens, validusque in veniens stimulus.

DEZEMBRO DE 1899

ANNO VI

VOL VI

N. 22



BAHIA

1899



REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

Anno VI

Dezembro de 1899

Num. 22

MUNICIPIO DO PRADO

A joia do Estado da Bahia

Viajei no sul deste Estado, e voltei para a pomposa Bahia de Todos os Santos, qual acordado de bello e phantastico sonho dourado, suavemente delectado o meu espirito e a minha alma, recordando-me dos soberbos encantos e das formosas maravilhas da natureza, do rico e grandioso sólo, do ainda em grande ponto desconhecido sul do Estado da Bahia, que denominarei com toda a justiça — *a joia do Estado da Bahia*.

Lembrei-me por vezes das encantadoras e maravilhosas fabulas das bellas historias de mil e uma noites, quando vi um rio, denominado *Iaia*, no municipio de Santa Cruz, com trechos de agua fria e agua quente, correjos, com a nascença nas mattas virgens, cujas aguas são nas partes superiores verdes e tambem amarellas, outros, e lagoas, conquistados e dominados pela traiçoeira e seductora *dama do lago* — muralhas enormes, construidas pela natureza com o mais perfeito alinhamento e comple-

tamente cimentadas, para abrigo do grande porto de Porto Seguro, contra os perigosos elementos das furiosas tempestades do sul, enormes paredões ao longo da costa, de côr vermelha, violeta, amarella, preta, côr de rosa, róxa e branca, sólos sobre os quaes se caminhando, estremecem, morros e serras que retumbam e onde em noites escuras apparecem, lampejando, fogos fatuos e nuvens de fumaça, plantas silvestres impregnadas de balsamos, argillas e terras ora pretas como o carvão, ora brancas como a neve, ora vermelhas como o sangue humano, cinzentas e azuladas, impregnadas de betumes oleosos, de negro alcatrão, da naphtha, producto impuro do petroleo e de bellas resinas cheirosas,—terras que produzem a cera egual a das abelhas, e outras sulfurosas, enxofre compacto e tambem em pó e crystalisado, plumbaginas puras e misturadas com o graphito, carvão de pedra e lenhites, turfas brancas, amarellas, cinzentas e pretas, cascalhos dos rios e dos correjos que sahem das mattas virgens, contendo, os amarellos topazios, as pretas tormalinhas, as roxas amethistas, as vermelhas e escuras granadas e as brancas crisolitas e aguamarinas, e os rubis, côr de fogo,—massas enormes e gigantescas de ferro magnitite, oligista, micaceo, escamoso e oxido, em camadas de metros e leguas quadradas de superficie.

Toda a costa do sul forma nas suas zonas montanhosas importantes jazidas de ferro, quasi sempre acompanhadas por outros mineraes, inclusive o valioso manganez.

Não desejo relatar a espantosa riqueza das terras e da flora em geral, para não ser taxado do exaggerado.

Mas é segredo publico a magnificencia da matta virgem com as suas arvores gigantescas, abraçadas com interminaveis cipós e trepadeiras, que ostentam as galas mais elegantes, distinguindo-se o rei das arvores, o nobre jacarandá, pela elegancia da sua folhagem, o inssará, o tão querido cauino do indio, a piassava, a copahyba, a mangabeira, o jatobá, o

genipapo, o páo-brazil, as palmeiras, a sacupaia, a sucupira, o vinhatico e muitos outros de importante e grande valor commercial.

As terras, cobertas por enormes quantidades de humus, producto de decomposição das plantas e das arvores de milhares de annos, são fertilissimas e produzem tudo, e ainda não vi no Estado da Bahia terrenos taes e productos de fructos e de legumes tão descomunaes.

Vi cachos de bananas da terra, contendo alguns 186 fructos, e carga pezada para dois homens; inhames, aipins e mandiocas, e tudo o mais com pesos e tamanhos extraordinarios.

Até as celebres e geralmente de todos tão cubiçadas areias do Prado jazem nessas felizes terras, e no fundo das jazidas das mesmas; nas mattas virgens visinhas, existem arvores colossaes que exalam cheiro atomático, e outras que produzem o pechuim, o copal, o sangue de drago, a copahyba, e em grande abundancia a modesta e tão aromática e apreciada baunilha.

Vi tambem uma curiosa antiguidade, n'um alto morro, com difficil subida, perto da cidade alta de Porto Seguro, no lado esquerdo da ladeira e escondido no matto, um grande canhão de bronze, de feitio antigo, de calibre 50, com a seguinte inscripção:

18 2 15

Um velho disse-me que o canhão é do tempo da guerra dos hollandezes, e que ouviu dizer isso dos seus antepassados.

Perto desse logar não existe o menor vestigio de alguma fortificação, e offerece ao espectador um esplendido panorama sobre o horisonte e o mar.

..

Um soberbo e grandioso aspectó apresenta-se aos passageiros dos vapores da Companhia Lloyd Brasileiro, em viagem para o sul do Estado, na aproximação da barra da actual cidade do Prado.

Brilantemente illuminados pelos ardentes raios

solares, apresentam os celebres barreiros da encantada costa, vista de longe, aos passageiros e ao intelligente observador, um maravilhoso, estupendo e deslumbrante panorama, representado galhardamente pelos mais ricos e mais vivos desenhos de bella côr de rosa, oriunda de pouco vulgar formação das suas rochas e das suas terras, recamadas, qual renda finíssima, nas suas faldas, pelas esmeraldinas côres do vasto e poderoso lençol d'agua, rico berço das afamadas areias de Curumuchatiba, e dominados nas suas corôas e cumes, pelas escuras sombras dos proximos morros e serras e das magestosas mattas virgens, ainda hoje inviolavel abrigo dos ultimos restos dos pobres indios, antigos senhores deste bello, fertil e rico sólo.

Os barreiros começam, cerca de uma legua da barra, dividindo, no extremo sul, com terrenos de Alcobaca e estendem-se, no mais perfeito semicirculo, com pequenas interrupções, cerca de 130 kilometros até Corumbão, divisa com as terras do municipio de Porto Seguro, e na frente do porto apresenta-se, desde a barra até o lugar denominado Pixame, quasi em linha recta, uma grande ordem de recifes, com uma extensão de cerca de 130 kilometros, que se destacam para o centro da bacia do mar; e ainda para maior realce da bella costa e praia, cerca de 100 kilometros de recifes, caprichosamente jogados e espalhados em diversos pontos da grande bahia, allongando-se ás vezes até a praia e a encosta dos barreiros.

Cerca de uma legua de distancia da barra do porto para o vapor, leves canôas levam passageiros e bagagens, em uma hora de viagem, pela barra e pelo rio Jucurucú, para o centro da futura cidade do Prado.

Durante as epochas em que reina o perigoso vento do sul, a viagem da barra para a cidade, e principalmente d'esta para o vapor, é muito arriscada, e muitas vezes até impossivel.

O rio que mede da barra até ao ponto do desembarque na cidade cerca de mil metros, tem geral-

mente uma profundidade de 4 a 444 metros, excepto na entrada da barra, que tem em certa extensão apenas 3.66^m; mas os vapores do Rio de Janeiro, por serem de menor calado, entram perfeitamente no porto, e costumam carregar, junto a uma pequena ponte, na frente da cidade, passageiros e mercadorias.

Rios do Município— Infelizmente não tive tempo de examinar o rio Jucurucú, que tem franca navegação uns 30 a 40 kilometros da cidade para cima, até o começo das cachoeiras, para patachos; e devo aos senhores agrimensor Domingos Soriano de Alcantara, estudioso e curioso, e ao intelligente senhor Magno T., valiosas e interessantes noticias, a respeito d'esse importante e pouco conhecido rio, que tem um longo curso.

Dizem que é desconhecida por ora a origem do rio, constando, porém, que nasce em Minas Geraes, e atravessa a cordilheira dos Aymorés, onde tem muitas cachoeiras, e as mattas virgens, e entra no município do Prado, onde recebe pela margem esquerda os seguintes tributarios conhecidos: Bom-Viver, Beija-Flor do Norte, Ribeirão da Lage, Furados, Ribeirão, Agua Branca, e riacho das Pedras, e pela margem direita os ribeirões do Quebrado, Perigoso, Beija-Flor do Sul e Riacho Grande de cima, pela margem esquerda do rio do Sul, Canudos, Quilombo, Ribeirão da Cachoeira e Ribeirão da Pedrinha, e pela margem direita, o Corrego do Nascimento.

O rio do sul, que nasce perto de S. Miguel, em Minas-Geraes, cerca de 4 leguas distante dessa cidade, une-se com o rio do Norte, cerca de 24 kilometros distante da cidade do Prado, no lugar denominado «Fazenda Duas Barras», pertencente ao fazendeiro Osmundo da Silva Gomes, e toma, deste ponto em diante, o nome indigena «Jucurucú».

Navios e vapores sobem perfeitamente até as «Duas Barras» e desse ponto em diante navegam canoas até os côrtes de madeiras na matta virgem, tanto no rio norte, como no rio sul, passando, porém, em certos logares com grandes difficuldades, e por vezes

por cima das pedras, puchadas a bois, por causa das cachoeiras

As cachoeiras por ora conhecidas são:

A cachoeira de Baixo, Bom Socco, Seccá, Grande, Tope, Teimoso, Arrependido, Massaranduba, Santa Clara, S. Benedicto, Funil, Trapezio, S. Pedro, S. Paulo, Santa Izabel, Santa Barbara e S. Francisco.

O rio Corumbáo, que serve de limite entre o municipio do Prado e o de Porto Seguro, é bastante caudaloso, e o Riacho Grande do Norte, Embassuaba, Rio do Peixe Grande, Rio do Peixe Pequeno, Curumuchatiba e Gahy desembocam no oceano pelo norte, Riacho do Ouro, Dous Irmãos, Areia Preta, Japamirim, Japará Grande, das Ostras, da Paixão, Viçosa e das Barreiras desaguam pelo lado norte da cidade do Prado.

Serras—No municipio não ha nenhuma serra notavel, e a costa é geralmente baixa, excepto o terreno entre o Prado e Curumuchatiba até Corumbáo, que tem uns morros escarpados de 30 até 40 metros de altura, que no fundo desses augmentam, principalmente nas margens das cachoeiras do Jucurucú, a maiores alturas, até a serra dos Aymorés, que segue em maior ou menor distancia da costa para o Norte, com ramificações que vão em certos pontos quasi até a costa, formando a cordilheira, denominada «Serra Verde», e entre o rio do Norte e da Villa Verde, a denominada «João do Leão», com alguns picos de fórma pyramidal, e com ramificações denominadas, Monte do Pescoço, Monte Coroado e Monte da Janella.

Na divisa do municipio com o de Porto Seguro existe o Monte Paschoal, a primeira terra do sólo brasileiro descoberta por Pedro Alvares Cabral a 22 de Abril de 1500; é o monte mais notavel do municipio do Prado.

Mineraes—Dizem que ha na serra dos Aymorés diamantes, e no João do Leão turfas, betumes, enxofre e carvão de pedra; no rio do Norte plumbagina, agua-marinhas, crisolitas, rubins, amethistas, topazios e granadas, e até fallam de ouro, mas isso só

pode ser verificado por sérios estudos das formações das rochas existentes, auxiliados por uma intelligente exploração.

O que é certo, é a existencia de enormes quantidades de oxydo de ferro, e a das celebres areias phosphaticas.

..

O municipio é composto da actual cidade do Prado, que tem cerca de 700 casas, todas munidas de passeios, 12 ruas largas e algumas mais estreitas, completamente alinhadas, um trapiche, uma egreja, Camara Municipal, uma philarmonica, cerca de 7 a 8,000 habitantes, e mais cerca de mil emigrados na maior parte de Assú da Torre que residem na povoação «Escondido», e cerca de 300 na povoação de Curumuchatiba, na maior parte antigos indios.

Na primeira povoação ha uma capella, e na segunda uma egreja e um cemiterio, sendo a instrucção publica representada por um professor e uma professora.

A respeito da origem da povoação, consta que foi fundada por indios, ignorando-se por quem, e em que epocha, sendo provavel que a creação fosse devida aos padres jesuitas.

Os antigos contavam que havia na povoação só 12 casas, habitadas por indios, e que em 1508 vieram os primeiros 5 portuguezes e 6 brazileiros que trouxeram, para vigario da freguezia, o Padre José Lopes Ferreira.

A familia Marcial, que anda hoje existe, é descendente de Ignacio Marcial, que foi um dos primeiros moradores da freguezia.

Havia então nesta freguezia um indio de nome Calixto Soares, por alcunha, Calixto Traude, que exercia o cargo de juiz ordinario.

Diz mais a tradição que elle usava, como distinctivo, uma roda de sipó vermelho, enfiada em um dos braços; na rua em que elle passava quem não se puzesse de pé e não descobrisse a cabeça, era

imediatamente preso, e levado para o tronco pelo tempo que lhe conviesse.

Prado foi creada villa, por carta regia de 12 de Dezembro de 1784, e possui de patrimonio 4 leguas quadradas de terrenos.

Os limites são os seguintes:

Pelo Norte o rio Corumbão que divide o município com os de Porto Seguro e Alcobaça; pelo Sul na pontã das Guarabibas, no rio Taífuga, na frente com o mar e com os recifes que formam as barras do Sul e do norte e a bacia do porto da cidade, que se espraia em uma extensão de cerca de 75 kilometros e com cerca de 5 a 6 kilometros de largura.

Os fundos dos terrenos do município formam as mattas virgens do Sul do Estado, que se allongam com cerca de 240 kilometros até a villa de S. Miguel, ao Norte do Estado de Minas Geraes.

As margens do rio Surucucú consistem nos primeiros 30 kilometros de barrancos de 3 até 4,00^m de altura, compostos de grês e alguma argilla, e terminam ao pé dos proximos outeiros e morros.

Em 18 de Outubro de 1784, o Ouvidor geral da Capitania de Porto Seguro o desembargador Thomaz Coelho de Abreu, proclamou e inaugurou a villa, e pela lei de 3 de Agosto de 1896 foi elevada á cidade.

A cidade do Prado tem um grande futuro, e tem um clima muito ameno; cerca de duas leguas distante da cidade começam as soberbas mattas virgens, onde nasce provavelmente o celebre rio Jucurucú com as suas formosas desesete cachoeiras.

O terreno, excepto 2 leguas de praia é fertilissimo, e consiste em grês, e argillas ferruginosas, sendo regado e cortado por innumerados correjos e regatos.

O clima é muito sadio, pois não ha pantanos nos grandes e extensos terrenos entre Prado, Alcobaça e Porto Seguro; os habitantes esperam anciosos a chegada de colonos activos e morigerados, para fazerem desta vasta e rica zona um emporio de lavoira, de industria e commercio, visto que é auxiliada por bons pórtos e facil communicacão pelos rios para os pórtos do mar, e destes para a capital da Bahia.

O sr. engenheiro José Barroso de Souza, que tem estado longos tempos nessas paragens, e as conhece perfeitamente, confirmará certamente o meu imparcial juizo a respeito da riqueza dessas terras, e quão vantajoso será a *installação de alguns pequenos nucleos coloniaes, entre a zona de Alcobaça até Porto Seguro e Santa Cruz* para a actual administração, que já tem dado brilhantes provas de que quer organizar uma colonisação exemplar e especial, abandonando os pessimos e antigos systemas, que sempre naufragaram.

A intendencia, dirigida pelo laborioso e intelligente Coronel José Ferreira Ramos, para facilitar o transporte dos productos de grande numero de fazendas creadas ultimamente, mandou abrir por conta da Camara uma importante estrada de comunicação, que começa na cidade do Prado, e termina em S. Miguel, no Estado de Minas Geraes, atravessando para esse fim cerca de quarenta leguas de mattas virgens, habitadas por algumas tribus de indios mansos.

O encarregado desse importante trabalho, acompanhado de curiosas e mui interessantes episodios, incommodos e perigos soffridos, foi o engenheiro francez, o Dr. Frot, que provavelmente tomou valiosas notas a respeito das peripecias dessa audaciosa excursão, digna de ser publicada.

O fim dessa excursão foi iniciar a comunicação do porto do Prado com a villa de S. Miguel, abrindo o transito de 250 kilometros de matta virgem, tanto em proveito dos activos e industriaes mineiros do extremo Norte do Estado de Minas Geraes, quanto dos interesses e do progresso do Sul do Estado da Bahia.

O engenheiro Frot encontrou-se com mais de 200 indios mansos que moram nas visinhanças da nova estrada explorada, e que offereceram os seus serviços.

Esses indios são descendentes dos gentios Aymores.

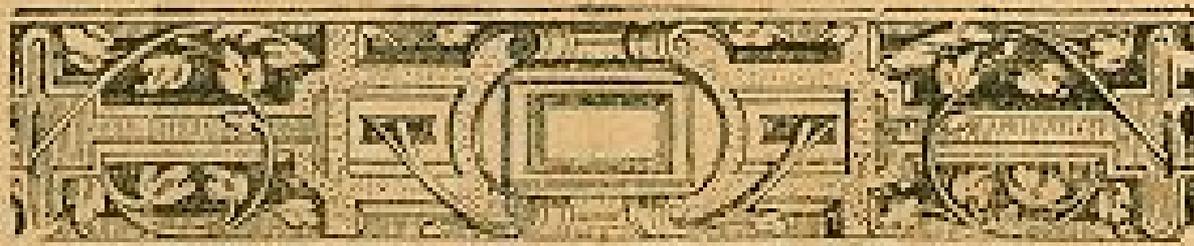
Ha poucos annos todo o commercio reduziu-se á extracção da piassava e ao côrte das madeiras das mattas; mas hoje occupa-se uma grande parte da população com a plantação do café e do cacáo, e, durante alguns dias que me demorei na cidade, vi no porto carregar o vapor *Carangola* e seis patachos, por conta do sr. coronel José Ferreira Ramos, que manda taes mercadorias para o Rio de Janeiro, por falta de meios de transporte para a Bahia.

Mas a força do commercio do Prado é ainda hoje a exportação de madeiras especiaes para construcções navaes e predios. A exportação annual de madeiras para o Rio de Janeiro importa annualmente em 300 a 400 contos de réis.

A renda da collectoria importa annualmente em cerca de réis 18.000\$000, do telegrapho em 4.000\$000 e os direitos municipaes em cerca de 32.000\$000.

Bahia, 1899.

HENRIQUE PRAGUER.



EPHEMERIDES CACHOEIRANAS

POR

Aristides A. Milton

AGOSTO

1º de Agosto

—Em 1769, se sentiu na cidade da Bahia um pequeno tremor de terra. A noticia do facto causou aqui grande alarme e profunda sensação.

—Em 1822, o *inspector dos fardamentos*, em officio dirigido ao secretario da Junta do governo desta cidade, então villa, queixou-se amargamente de José Bouças, Manoel dos Santos Bouças e outros, por serem adversos á causa dos brazileiros.

Com effeito. Esses portuguezes tinham, desde alguns dias, *occultamente escasiado suas casas de negocio, com o fim de nada venderem aos nacionaes, e d'est'arte protegerem seus compatriotas, creando difficuldades aos nossos patricios, que já se apparelhavam para as lutas da independencia.*

Procedendo-se a *varejo e busca*, se reconheceu a procedencia da queixa dada. Mas, os culpados puzeram-se—em tempo— a bom recato para evitar a pena, que as circumstancias impunham.

—No mesmo anno de 1822, foi promulgado um decreto, declarando inimigas as tropas enviadas de Portugal, ou de qualquer outro paiz, ao Brazil, sem prévio consentimento de s. a. imperial o principe regente; fosse qual fosse o pretexto para isso invocado.

—Em 1855, manifestou-se, entre nós, o primeiro caso de *cholera-morbus*, fallecendo a parda de nome Brazida, lavadeira de profissão.

A 21 do mez antecedente, a terrível epidemia tinha irrompido na capital do Estado, então provincia, para onde fôra importada do Pará, pela barca *Imperatrix*. E no bairro do Rio-vermelho havia ella começado sua obra de exterminio e de horror.

Aqui, foi pelo bairro do Caquende—que o *cholera* iniciou sua marcha assombrosa e fatal.

E porque recrudescesse de hora em hora, o pavoroso *morbus* encheu de panico toda a população, que bem cedo começou a emigrar, com o fim de fugir ás consequencias do flagello, comquanto levasse consigo os germens d'elle, que ia sendo assim disseminado por varios pontos da provincia.

Apezar do exodo constatado, as victimas contavam-se por avultado numero nesta cidade; e o mal que, por ser quasi desconhecido, não se poude energicamente enfrentar, se estendeu pela comarca inteira, motivando a mais profunda perturbação nos espiritos, e semeando o luto por toda parte.

E', de certo, impossivel esboçar—ao menos—o quadro de tamanha e tão funesta calamidade.

Mas, dentre os factos contristadores que então se testemunharam, convém salientar—que os cadaveres ficaram muita vez insepultos, á falta de pessoal que se encarregasse de inhumar-os, e ha quem dê noticia de *cholericos*, que foram salvos quando iam ser enterrados ainda vivos, não conseguindo mesmo alguns escapar a esse destino atroz e desgraçado.

Como medida de hygiene, se recorreu por fim á cremação.

Na qualidade de presidente da provincia, servia a esse tempo o honrado cachoeirano Dr. Alvaro Tiberio de Moncorvo e Lima, cuja dedicação e actividade não podiam ser excedidas.

Elle enviou logo para aqui dous medicos, os Drs. Elias José Pedrosa, e Manoel Ladisláu Aranha Dantas, commissionados para tratar as pessoas acom-

mettidas da epidemia; pois os facultativos da localidade não bastavam para acudir aos enfermos.

Do Caquende, no entanto, o *cholera* se passara para a Pitanga; bairros ambos assentados á margem de rios, cujos nomes tomaram.

Do dia 1 ao dia 9, falleceram 31 *cholericos* nesta cidade, e 9 em S. Felix.

No dia 11, verificou-se—que de 240 pessoas, atacadas até então pela peste, 130 haviam succumbido.

A 14, chegaram 17 estudantes de medicina, contractados pelo governo para prestar serviços clinicos á pobreza desvalida.

Ao depois, vieram mais alguns medicos, em cujo numero o Dr. Salustiano FERREIRO Souto, acompanhado de outra turma de estudantes.

Padres, irmandades de caridade, e praças de policia tambem para cá foram mandados com o fim de prestar á população assistencia, ao alcance de cada qual delles.

E, effectivamente, os sacerdotes não se pouparam; por toda parte, e a qualquer hora, andavam elles a administrar soccorros espirituaes, e consolações aos moribundos.

As benemeritas filhas de S. Vicente de Paulo serviam de zelosas enfermeiras, quer nos hospitaes, quer em casas particulares.

Os soldados, enfim, conduziam padiolas com enfermos, e ataúdes com defuntos, conforme as necessidades do momento.

Foram instalados tres hospitaes provisionarios, inclusive um militar, que ficou estabelecido no convento do Carmo.

Dous medicos, tres academicos, duas irmandades de caridade, o carmelita fr. Nicoláu, e o padre José Paulo de Souza Gouveia, vigario de Cotegipe, foram victimas de sua abnegação e philantropia.

Morreu, tambem, na humanitaria faina, o tenente do corpo de policia—Rozendo da Silva Maia.

As *irmandades*, não raro, carregavam, nos proprios hombros, potes de agua para leval-os ás casas de

familias, que inteiras estavam chumbadas ao leito pela peste.

No meio dessa angustia e desolação, muito distinguuiu-se o Dr. Joaquim Antonio de Oliveira Botelho, que bem mereceu o brinde, a si offertado pelo povo cachoeirano, em uma solemnidade, tão rara quanto imponente, a que noutra logar me refiro.

Por ordem da policia, no entanto, fôra fechado o hospital da Santa Casa de Misericordia, por ser considerado—bem ou mal—um foco de infecção.

A epidemia dizimou de preferencia as classes desfavorecidas da fortuna, entre as quaes a hygiene é pouco observada. Sobretudo, muito soffreu a multidão de escravos, que a esse tempo entre nós existia.

Calcula-se em 3.000 o numero de obitos, occasionados pelo *cholera-morbus*, nesta cidade só. A cifra da mortalidade, entretanto, subiu a 8.500 pessoas em toda a comarca. E na provincia constatou-se a somma de 29.590 casos fataes.

Vem de molde recordar—que já, em Outubro de 1832, o presidente da provincia, cumprindo a ordem da camara dos deputados, que lhe fôra transmitida com aviso de 26 de Setembro do mesmo anno, havia remettido á camara municipal desta cidade, afim de serem distribuidos pelo povo, diversos exemplares do *parecer da Sociedade de medicina do Rio de Janeiro*, e do da commissão parlamentar de saúde publica, acompanhado do *voto em separado* de um de seus membros, *acerca das medidas contra a introdução do cholera-morbus*.

Posteriormente, em 1834, o citado presidente enviou, com officio de 19 de Abril, á camara municipal tambem, varios numeros das *Lições* do Dr. Brossoes a respeito do *cholera-morbus* epidemico; livro aliás que, como aquelle outro, bem poucos leitores encontrou.

Como se sabe, o *cholera* já tinha devastado Hamburgo e Bremen, no anno de 1848; e fizera em 1849 sua invasão na cidade americana de Nova-York.

De ambas essas vezes, o Governo brasileiro recommendara, com insistencia, certas medidas de

prevenção, no intuito de evitar que a peste visitasse o nosso paiz. E o presidente da Bahia, que então era o Dr. Francisco Gonçalves Martins, depois barão de S. Lourenço, procurou corresponder aos desejos do Governo, secundando-lhe os esforços.

Mas, quando em 1855 o *cholera-morbus* aqui appareceu, ninguem achava-se aparelhado para combatel-o; porque todos haviam já se esquecido de tudo, até dos meios prophylacticos, aconselhados para conjurar o pavoroso mal.

De maneira que o monstro do Ganges poudemuito á sua vontade—crescer e caminhar.

Sómente em começo do mez de Outubro foi que a epidemia principiou a declinar, e permittiu que os habitantes desta cidade fossem voltando aos seus lares.

Nóta curiosa: com as providencias e os soccorros, que se tornou preciso expedir e prestar, e abrangeram a vasta zona assaltada pelo *cholera*, o presidente da provincia despendeu tão sómente 379:809\$782.

—Em 1865, falleceu—depois de curta enfermidade—o medico José Ricardo Gomes de Carvalho, tenente-coronel da guarda-nacional, e supplente do juiz municipal e de orphãos do termo desta cidade.

Possuia, na freguezia de S. Gonçalo dos Campos, onde morava, uma excellente propriedade rural, e era jubilado na cadeira de agricultura, que em tempo aqui funcionara . . . sem alumnos.

—Em 1882, sepultou-se no arraial de Belém, do municipio desta cidade, a crioula Maria de Araujo, contando a bagatela de 120 annos de idade. Era virgem.

Pouco antes, havia morrido um irmão dessa mulher, tendo 130 annos bem puxados.

—Em 1888, foram inaugurados os candieiros para kerosene, na iluminação publica desta cidade.

Por esse motivo, desapareceram os antigos lampões, que serviam com azeite de peixe e torcidas de algodão.

Nos primeiros dias, a iluminação satisfez geralmente; mas, dahi por diante deixou muito a desejar.

A proposito, lembrarei—que quando Bourgeois de Chateaublann inventou um reverbero para azeite, graças ao qual embolsou o premio de 2.000 francos, escreveu-se convencidamente o seguinte: *a luz que dá não permite pensar que se possa encontrar jámais alguma luz melhor.*

Entretanto, depois della vieram—como se sabe—o petroleo, o gaz carbonico, a incandescencia electrica, o arco voltaico, a incandescencia pelo gaz, e por fim o acetyleno, que se apresenta como um concorrente temivel a todos os antigos processos, e que será, conforme uma revista scientifica sustenta, *a illuminação do futuro.*

Quem pode, comtudo, affiançal-o? Quem sabe onde o genio inventivo do homem ha de parar?

2 de Agosto

—Em 1721, chegou a esta cidade, então villa, o tenente-general de artilheria Francisco Lopes Villasbóas, que dias depois seguiu para o Aporá, com o fim de começar a guerra contra o gentio barbaro, que infestava os districtos da Cachoeira, Jaguaripe, e Cayrú.

Para essa diligencia o povo das tres indicadas villas concorreu efficazmente, por solicitação do governador Vasco Francisco Cezar de Menezes; como se conclue da carta por elle endereçada aos officiaes do senado da camara, em 6 do mesmo mez, e anno.

—Em 1823, a Junta provisoria do governo da Bahia representou, sob pretexto de não convir que fosse empossado o brigadeiro José Manuel de Moraes, a quem o imperador tinha nomeado commandante em chefe do exercito do reconcavo. E, apoiando-se na opinião dos commandantes de corpos, conseguiu que o general José Joaquim de Lima e Silva continuasse no exercicio daquelle cargo do qual foi, definitivamente, demittido em 10 de Outubro seguinte.

—Em 1886, foi inaugurado o *Engenho Central* do Iguape, fabrica importante de fazer assucar decanna.

Pouco depois elle deixou de trabalhar, mas esta interrupção cessou, quando o governo republicano se estabeleceu.

Não serão de mais os dados que, a respeito do fabrico do assucar, passo a registrar.

O primeiro engenho a vapor, que o Brazil possuiu, foi construido na ilha de Itaparica, d'este Estado então provincia; e pertenceu ao coronel Pedro Antonio Cardozo.

A respectiva inauguração presidiu solemnidade apparatusa, a que compareceu numero consideravel de pessoas gradas, entre as quaes notou-se o conde dos Arcos.

Ao recordar este nome, é de justiça fazel-o com os elogios de que elle é credor. O muito illustre fidalgo promoveu varios melhoramentos, e animou muitas empresas, na Bahia; dando assim prova inconcussa do interesse que lhe consagrava.

E comtudo ningaem ainda teve a idéa de dar a uma das ruas da capital o nome de tão operoso governador, quando aliás outros nomes de muito menor merecimento figuram nas placas das esquinas!

E' a justiça dos homens...

Voltando, porém, a tratar da canna de assucar, lembrarei— que no tempo do governador D. Francisco de Souza Coitinho, entre os annos de 1790 e 1803, foi que pela primeira vez o Pará recebeu de Cayenna a preciosa gramínea, que veio dar grande impulso á lavoura de todo o paiz; pois que antes cultivava-se uma qualidade inferior, introduzida por Martim Affonso, que a mandara vir da Ilha Terceira.

Entretanto, já em 12 de Abril de 1663 o rei de Portugal tinha dirigido uma carta ao conde do Brazil, a respeito dos engenhos de assucar existentes no reconcavo da Bahia. E por longo tempo se mantiveram elles como os mais importantes e numerosos estabelecimentos agricolas, até que as fazendas de cacáu, e de café, vieram supplantal-os.

De uma *Memoria*, escripta em 1825 pelo coronel José Joaquim de Almeida Arnizáu, se vê—que neste anno a freguezia do Iguape, termo e comarca desta

cidade, então villa, contava 30 engenhos, *moentes e correntes*, conforme a linguagem propria do tempo.

—Em 1893, chegou a esta cidade a noticia de ter fallecido na de Itaparica, dias antes, o coronel Joaquim Mauricio Ferreira, cachoeirano, que fôra commandante do corpo de policia da Bahia, e com este marchara para a guerra do Paraguay.

Tinha idade superior a 70 annos.

O corpo de policia citado tomara o n. 41 de *co-luntarios da patria*.

3 de Agosto

—Em 1818, um decreto do governo imperial concedeu privilegio ao marechal Felisberto Caldeira Brant Pontes, e outros, para o estabelecimento da navegacão por vapores nas costas e rios da provincia, hoje Estado, da Bahia.

Este serviço, e o outro que prestou, introduzindo a vaccina em nossa terra, dão a esse personagem logar proeminente aqui.

Nascera o marquez de Barbacena, nome com que o marechal foi posteriormente agraciado, a 19 de Setembro de 1792, no arrajal de S. Sebastião, perto da cidade de Marianna, em Minas-Geraes.

Quando serviu na possessão portugueza de Angola, libertou a costa respectiva da frequente invasão de corsarios. D'ali sahindo, veio com a patente de tenente-coronel para a Bahia, onde se casou no dia 27 de Julho de 1801. Desempenhou mais de uma missão diplomatica, sempre correctamente; foi ministro, e senador do imperio. Em 1827 exerceu o commando do exercito brasileiro, que estava em guerra com o oriental e o argentino tambem. Como plenipotenciario, contractou na Europa o segundo casamento do Imperador D. Pedro I, de cuja comitiva fez parte, na occasião em que sua magestade visitou este Estado, então provincia.

Tanto basta para dar idéa do valor e merecimento d'esse egregio cidadão.

—Em 1822, a camara municipal, tendo ouvido ao

coronel de cavallaria José Garcia Pacheco de Moura Pimentel e Aragão, commandante da força armada existente nesta cidade, então villa, resolveu abrir um empréstimo de guerra, entre os habitantes do respectivo districto, a fim de acudir ao pagamento do soldo e etapa da guarnição, que estava a postos para repellir o general portuguez Madeira de Mello.

Os patriotas José Antonio Fiusa de Almeida, Joaquim Antonio Moitinho, Francisco Antonio Fernandes Pereira, Antonio Teixeira de Freitas Barboza, Antonio Lopes Ferreira de Souza, José de Oliveira Lopes, Felippe Correia Pinto, Domingos de Souza Guimarães, Francisco Paes Cardoso da Silva, José Paes Cardoso da Silva, tenente-coronel Manuel Ignacio de Lima, Luiz Ferreira da Rocha, José Gomes Moncorvo, tenente-coronel Jeronymo José Albernaz, capitão Antonio de Castro Lima, e o já citado coronel José Garcia obrigaram-se, por termo de fiança, a pagar toda e qualquer quantia a que devesse attender aquelle empréstimo, caso a fazenda nacional não as quizesse satisfazer.

Para regularizar a supracitada operação foram emittidas apolices, assignadas pelo quartel-mestre Francisco Antonio Fernandes Pereira, tenente Luiz Ferreira da Rocha, e capitão José Paes Cardoso da Silva.

—Em 1838, a lei provincial sob n. 85 reduziu a um, sómente, os dous districtos de paz, que existiam nesta cidade.

—Em 1888, falleceu nesta cidade o coronel Innocencio Vieira Tosta, que em tempo occupara posição saliente em nosso meio social.

Era septuagenario.

—Em 1893, expirou com 66 annos de idade, o capitalista—commendador Rodrigo José Ramos, que por muitos annos fôra negociante nesta, e residia então na cidade da Bahia.

Em testamento, bem como por disposições particulares, deixou valiosos legados, quer á Sancta Casa de Misericordia desta cidade, quer á da capital do Estado.

4 de Agosto

--Em 1879, foi sepultado nesta cidade, com a ninharia de 100 annos, Maria Rosalia Pitanga, africana que, para desespero da sciencia, jámais conheceu, e muito menos praticou, qualquer preceito de hygiene.

—Em 1884, foram iniciadas as viagens diarias dos vapores da companhia de navegação *Bahiana*, entre o pórtio desta cidade e o da capital do Estado, então provincia. Mas, depois da explosão da machina do *Dous de Julho*, sinistro esse de que trato noutra logar, aquellas viagens foram supprimidas, e suppressas ficaram por uma vez.

Voltámos, conseguintemente, ao que era dantes: cada semana, tres viagens para lá, e tres outras para cá, em dias alternados. Aos domingos, o vapor... descansa.

5 de Agosto

—Em 1886, succumbiu—victimado por insidiosa molestia—o cidadão João Ribeiro, intelligente e zeloso guarda-livros, e caracter acima de toda excepção.

Contava apenas 44 annos de idade o digno cachoeirano.

6 de Agosto

—Em 1822, encontrou-se—em alto mar—a divisão portugueza, mandada em soccorro do general Madeira de Mello com a pequena expedição, que do Rio de Janeiro partira para auxiliar os cachoeiranos opprimidos.

Apezar das medidas, tomadas com a maxima solicitude, não foi possivel impedir—que, a salvo, entrassem na Bahia os vasos de guerra inimigos.

Estes haviam transportado de Lisbóa o batalhão de linha n. 1, que os filhos da metropole receberam por entre expansões de um enthusiasmo delirante.

O batalhão desembarcou, é verdade, mas nada afinal conseguiu, pois estava escripto—que a primogênita de Cabral remataria com um feito memorável a obra ingente da independência brasileira.

—Em 1823, o deputado geral cearense João Antonio Rodrigues de Carvalho, apresentou na camera de que fazia parte, uma indicação propôndo—que as tres villas Cachoeira, Santo Amaro, e S. Francisco fossem condecoradas com titulos honoríficos, em premio de terem sido as primeiras a proclamar, na Bahia, a independência do imperio.

Não se resolveu definitivamente o assumpto, naquella casa do parlamento; mas a lei provincial, que elevou a Cachoeira á categoria de cidade, conferiu-lhe o brazão de *herotica*.

—Em 1840, foi—tambem aqui—proclamada a maioridade do imperador D. Pedro II, aceitando assim esta cidade as consequencias da revolução que com tal intuito estalara na côrte do Rio de Janeiro, e ficou triumphante com o *queiro já* do principe, a quem annos depois outra revolução derribou do throno.

A's 10 horas da noite, chegara aqui a noticia do que havia occorrido na capital do imperio.

E desde logo principiaram a espoucar girandolas de foguetes, a tanger os sinos de todas as egrejas, e a ouvir-se os *vicos* mais entusiasticos, e as acclamações mais ruidosas.

As ruas principaes foram promptamente illuminadas. Ao toque de reunir, formaram dous batalhões da guarda nacional. E a camera, alguns dias depois, fez celebrar *Te-Deum* na igreja Matriz, havendo antes publicado uma proclamação de que ressumbrava o mais intenso jubilo.

—Em 1858, chegou ao porto desta cidade a escuna de guerra *S. Leopoldo*, conduzindo a seu bordo crescido numero de aprendizes marinheiros. Estes desembarcaram no dia seguinte e, precedidos da respectiva banda de musica, foram á igreja Matriz ouvir missa.

Quando a escuna tornou para a capital, levava

diversas creanças daqui, de cujo numero, em tempo, sahiram machinistas excellentes e artifices notaveis.

Hoje, os navios não se occupam com similhantes commissões; apodrecem no porto da capital federal, e si alguma vez levantam ancora é para... entrar no dique.

—Em 1880, rendeu alma ao Creador o Dr. Luiz Thomaz Navarro de Campos e Andrade, medico humanitario e vereador da camara municipal desta cidade.

Tinha 55 annos de idade.

—Em 1888 finou-se o capitão Manoel Vicente da Silva, negociante, e vereador da camara tambem. Era maior de 40 annos.

7 de Agosto

—Em 1822, chegou á povoação de Nazareth, das Farinhas, hoje cidade, o capitão José Antonio da Silva Castro, que tinha daqui sabido, commandando uma companhia de bons soldados, afim de lá promover a aclamação do principe regente D. Pedro, a exemplo do que se tinha praticado cá.

Mas, a desejada aclamação desde alguns dias antes fôra feita, o que não obstou comtudo o desembarque da força, por mal dos nazarenos, pois ella em terra se entregou a excessos condemnaveis.

Em seu regresso, o capitão Silva Castro passou pela povoação de Santo Amaro do Catu, conseguindo assim que fosse esse o primeiro ponto da ilha de Itaparica a se decidir pelo movimento, como o fez solemnemente, no dia 14 do mesmo mez e anno.

—Em 1830, nasceu em uma fazenda do termo de Maragóipe, então pertencente á comarca desta cidade, o preclaro bispo do Pará—D. Antonio de Macedo Costa.

Tendo iniciado os seus estudos no seminario archiepiscopal da Bahia, foi concluil-os no de S. Sulpicio, em Paris.

A 17 de Junho de 1857, o nosso digno compatriota, que já se recommendava assás por sua appli-

cação e seus talentos, recebeu a ordem de presbytero, que lhe foi conferida pelo arcebispo Francisco Nicoláu Marlot.

Seguindo então para Roma, ali doctorou-se em direito canonico pela academia de Sant' Apolinario, sendo-lhe conferido o respectivo gráu no dia 28 de Junho de 1859.

De volta ao Brazil, o eminente sacerdote fixou sua residencia na capital d'este Estado, que a esse tempo era provincia; e no *Gymnasio Bahiano*, collegio dirigido pelo Dr. Abilio Cezar Borges, depois barão de Macahúbas, regeu com proficiencia e brilhantismo as cadeiras de religião, e de historia.

Eleito bispo do Pará no dia 23 de Março de 1860, e confirmado a 17 de Dezembro do mesmo anno, foi sagrado em Petropolis a 21 de Abril de 1861.

A 14 de Junho seguinte, o novo prelado chegou á cidade de Belém; e no dia 1.º de Agosto entrou pontificalmente em sua Sé.

Nomeado arcebispo da Bahia a 1.º de Agosto de 1890, tomou posse do cargo por procurador; mas não logrou a dita de exercel-o; e a 21 de Março de 1891 falleceu na cidade de Barbacena (Minas-geraes), donde foi transportado o cadaver para ser sepultado na igreja cathedral da Bahia, no dia 27 de Abril do mesmo anno.

Na questão, chamada religiosa, em que a maçonaria foi parte, o bispo do Pará salientou-se tanto por palavras, quanto por obras. Processado e preso, o Supremo Tribunal de Justiça o conlemnou; mas o Governo, que era então presidido pelo duque de Caxias, concedeu-lhe annistia, por decreto de 17 de Setembro de 1875.

D. Antonio prestou serviços importantes e numerosos á região do Amazonas. Edificou verdadeiros monumentos de arte, imprimiu direcção habil e nova aos negocios de sua Igreja, escolheu dentre a mocidade que o cercava uma pleiade distincta, e destinou-a - com verdadeira previdencia—ao sacerdocio catholico. Para colher o resultado, que tanto o encantava, o illustre bispo fez sacrificios de toda ordem,

até mesmo de dinheiro, com que auxiliou na Europa alguns estudantes pobres, pertencentes à sua diocese.

Considerando a catechese dos indios como serviço de alto valor, D. Antonio projectava construir o *Christophoro*, navio que deveria—com alguns sacerdotes a bordo—percorrer o rio Amazonas e seus afluentes, até aos pontos mais afastados; e assim levar aos selvícolas que ainda os povôam todos os soccorros espirituaes, com o ensinamento consolador e fecundo da religião de Jesus.

Tendo testemunhado as occurrencias, dadas na camara dos deputados quando o gabinete Ouro-Preto, —o derradeiro da monarchia—fizera sua apresentação e seu programma, apôs o que *vivas á republica* inopinadamente estrugiram no recinto; disse-me o virtuoso antistite: *acabo de assistir a uma sessão da Convenção franceza!*

Não era isso, com certeza; mas, o primeiro signal de agonia das velhas instituições que ruíam.

D. Antonio foi luzetto de sua classe, e gloria de sua patria. E, para perpetuar-lhe a memoria, ali ficaram mais de vinte obras de sua lavra, entre as quaes algumas de superior merecimento.

—Em 1855, falleceu o cidadão Francisco Pereira do Nascimento e Silva, que fora aqui juiz de paz, e partidador.

Por seu character, sisudo e recto, gozou sempre de geral sympathia.

—Em 1877, foi inaugurado o *Club de instrucção*, nesta cidade, onde por algum tempo manteve uma pequena bibliotheca, e deu representações theatraes por amadores.

—Em 1890, falleceu, na cidade do Rio de Janeiro, o nosso conterraneo Firmino Pinto Barretto, alferes honorario do exercito.

Bem joven ainda, marchara elle—como *coluntario da patria*—para a guerra do Paraguay, onde se portou com bravura.

Terminada a campanha, desempenhara, sempre com zelo e probidade, diversas commissões militares.

8 de Agosto

—Em 1822, os negociantes da praça da Bahia, juntamente com diversos habitantes do reconcavo, deliberaram representar á Junta provisoria do governo contra a *sedição*, que havia irrompido: isto é, contra o patriótico movimento, operado com o fim nobilissimo de consolidar a independencia nacional.

Os queixosos accusavam, no seu libello, todas as autoridades, quer civis, quer militares; protestando ao mesmo tempo *contra perdas e damnos imminentes*.

E não paravam elles ahí. Denunciavam como responsaveis pelos *hediondos crimes*, então commettidos, cidadãos de serviços assignalados, e dentre elles alguns da maior respeitabilidade.

Eis os nomes dos. . . réus: coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão, coronel José Garcia Pacheco, major José Joaquim de Almeida Arnizáu, capitão Antonio Teixeira de Freitas, Francisco Fernandes Pereira, José Moreira Guimarães, e um seu filho, Manuel Barbosa Cabral, o boticario Manuel Joaquim, o lapidario Domingos do tal, José Antonio da Silva Castro e seu irmão, qualificados de *scelerados*, Ignacio Joaquim Pereira Lisboa, Manuel Eleuterio, Roberto Barbosa Saldanha, os Macarios (*sic*), e o capitão-mór: (!) Manuel de Souza Silva Coimbra.

Últimos arrancos da resistencia, que—dentro em pouco—se teria de quebrar ante o heroismo de um povo, que pleiteava por sua liberdade. . .

De mais, era natural que os portuguezes tudo envidassem para não perder a colonia, cujas riquezas exploraram como donos por mais de tres seculos, e de que ainda hoje, aliás, tiram grande proveito.

Sim, que num documento official, datado de 1883, o proprio Governo portuguez calcula em 20.000:000\$ de nossa moeda o dinheiro, que annualmente emigra do Brazil para o *reino*, como renda de subditos de S. Magestade Fidelissima *retirados*. Estes costumam ter seus haveres empregados em apolices da divida publica, predios, obrigações de companhias, e fundos de sociedade em nome colectivo.

Naturalmente por isto, na sessão da camara dos pares de 17 de Maio do anno por ultimo citado, o presidente do Conselho de ministros de Portugal, em resposta ao Sr. de Miranda, falou nos termos a seguir:

«E' minha opinião, a muito tempo, a exportação — ou como lhe queiram chamar — de homens para o Brazil é triste, debaixo do ponto de vista de nossa industria agricola; porque são braços que desapparecem, que vão para um paiz estrangeiro; mas, ao menos existe a grande compensação de nos vir de lá um poderoso elemento de riqueza, qual é o capital.

Esse facto da emigração... apresenta-se-nos comtudo como a inquestionavel e reconhecida origem de uma parte da riqueza, com que saldamos as contas com os paizes estrangeiros.

Vemos equilibrada a nossa balança do commercio com estes recursos, que nos vêm do Brazil. E eu ousou dizer uma cousa, e neste ponto vou de accordo com opiniões autorizadas: nós ganhámos mais com a independencia do Brazil do que ganharíamos, si aquelle paiz nos pertencesse, economicamente falando.

Temos hoje capitaes avultados, que vêm constantemente do Brazil fazer com que nosso commercio prospere e se desenvolva; e da parte dos que para ali vão ha um grande amor á sua patria, que é honroso para todos.

— Em 1838, o presidente da provincia, hoje Estado, expediu ordem para ser paga pelo commando das armas a quantia de 20\$000, que se devia a Manuel Simpliciano Pinheiro, pelo frete de seu barco *Santa Cruz da Boa-vista*, que desta cidade conduzira para a da Bahia os soldados do batalhão de caçadores da brigada de Pernambuco, que aqui tinham estado em diligencia.

Não consta, porém, qual o fim dessa diligencia, que talvez fosse o recrutamento, como era de uso naquelle tempo.

— Em 1890, foi elevada á categoria de villa a freguezia do Sapé, do municipio de S. Felix do Paraguassú. Mas, antes do fim do mez, outro acto

do governador Hermes da Fonseca *desvillara* o mesmo Sapé!

Parece que má estrella persegue esse canto da matta.

Quando, pela primeira vez, tentaram fazel-o freguezia, se travou a respeito—na assembléa provincial—um debate prolongado e renhido, que encheu os *Annaes* de muitas sessões.

Nessa occasião, certo deputado, já não tendo mais o que dizer, se lembrou de ler da tribuna um jornal inteiro, de grande formato; começou pelo titulo, e foi pausadamente até ao ultimo annuncio! . . .

E, graças á obstrucção, cahiu afinal o projecto, que só veio a passar, passados mais de 30 annos.

9 de Agosto

—Em 1857, tendo o israelita Leon Levy dado hospedagem, na sua propria casa, a Eufrosino Eugenio Cezar, filho de outro israelita, de nome Izaac Saffate, foi por elle gravemente ferido.

Era bem alta a noite, quando o crime se deu, mas não obstante foi preso o criminoso, no momento em que se occultava na porta de uma casa á rua da Matrix. Achava-se então elle em estado de completa nudez.

Atribuiu-se, geralmente, o facto a uma questão de natureza torpe.

—Em 1858, chegaram a esta cidade 150 colonos, contractados na Europa por Francisco Ribeiro Vianna para os trabalhos da companhia *Metallurgica do Assurua*.

Desgraçado ensaio esse, como ao depois os de Commandatuba e outros, que só serviram para desacreditar a Bahia, no que se refere a um assumpto de tamanha importancia aliás.

A companhia não foi por diante, infelizmente.

Entretanto, após o advento da Republica se tentou reorganizar a empresa. Apesar, porém, das riquezas extraordinarias, a cuja exploração propunha-se ella, e que ninguem de boa fé contestará, falhou mais uma

vez a seductora tentativa. Ao futuro, com certeza, está reservada a fortuna de levar ella ao cabo.

—Em 1858, anno que ainda nos não tinha felicitado com o serviço telegraphico, chegou a esta cidade a noticia da tomada de Humaytá, fortaleza paraguaya, que o presidente E. Solano Lopez reputava inexpugnável, mas não poudo resistir ao valor e á tactica das forças alliadas, e se rendera afinal.

Tão memoravel feito militar foi celebrado aqui, por entre expansões de um jubilo tão natural, quanto estrondoso.

—Em 1880, falleceu nesta cidade Joaquim Manuel Gouvêa Rosado, portuguez de nascimento, mas brasileiro de coração.

Procurava causas no fôro, e tinha attingido aos 70 annos de idade.

Recommendava-se, principalmente, por ser um amigo sincero e prestimoso.

10 de Agosto

—Em 1823, o coronel Felisberto Gomes Caldeira passou *revista de mostra* ao novo batalhão, que havia sido organizado nesta cidade, então villa, e cujo nome posteriormente tomou.

Para commandar esse *batalhão cachoeirense* foi nomeado o major do regimento de Itaparica—José Joaquim Salustiano Ferreira.

11 de Agosto

—Em 1758, o senado da camara desta cidade, então villa, mandou *fazer para seu uso quatro portadas de cortinaados*, que foram os primeiros, provavelmente, vistos aqui.

Consta que o povo ficou deslumbrado diante de tamanho luxo.

—E logo em seguida o venerando senado sahio para proceder a uma vistoria, com o fim de escolher o melhor caminho *para conducção dos carros de bois pela ladeira do Quebra-focinho*.

Dá-se, hoje, um premio a quem fór capaz de indicar onde existiu essa ladeira, em que os nossos avós eram . . . tão maltratados.

—Em 1815, o rei de Portugal permittiu aos seus subditos do Brazil a inestimavel graça de poderem exercer o officio de ourives, tanto de ouro como de prata; sendo-lhes facultado de então por diante trabalhar com esses dous metaes.

Assim, ficou levantada a interdicção, posta pela carta régia de 30 de Julho de 1766, e outras disposições da mesma estofa.

—Em 1855, teve logar uma grande *procissão de penitencia*, que a população desta cidade promovera, sob o terror que lhe infundira a epidemia do *cholera-morbus*.

Foi incalculavel o numero de pessoas de todas as classes sociaes, que tomaram parte nessa imponente solemnidade, unica no seu genero entre nós.

Foram, então, muitas as pessoas que se *disciplinaram*.

—Em 1857, succumbiu na cidade da Bahia, onde achava-se em tratamento, o tabellião João Vicente Sapucaia, que á qualidade apreciavel de bom serventuario reunia a de parente extremoso e dedicado.

Contava apenas 44 annos de idade.

12 de Agosto

—Em 1759, sahiu do pórtio da Bahia uma frota, composta de 28 navios, conduzindo para Lisboa 2.827 rólos e 173.237 arrobas de fumo em folha, quasi todo colhido no municipio desta cidade, então villa.

—Em 1776, baixou ordem de S. Magestade o rei de Portugal para ser levantado o recenseamento da população do Brazil.

O governador e capitão-general da Bahia—Manuel da Cunha e Menezes expediu logo todas as providencias necessarias para ser cumprida a ordem real.

E já nesse tempo foi registrado um facto, que ainda hoje se observa: o muitas pessoas esquivaram-se a

dar os nomes, por supporem que d'ahi lhes provinha algum damno, pelo que mentiam aos officiaes da diligencia.

Disto resultou—que o governador impozesse penas para os remissos, as quaes consistiam em trabalho e prisão, ou em multa, conforme se tratasse de plebeus, ou de nobres.

13 de Agosto

—Em 1823, partiram desta cidade, então villa, as praças que ainda aqui existiam do *Batalhão Cachoeirense*. Foram mandadas guarnecer a importante posição de S. Roque, á margem oriental do rio Paraguassú. Com ellas tambem seguiram 100 soldados da primeira linha.

Tendo, no entanto, se reconhecido em caminho ser mais urgente a defeza do sitio denominado *Encarnação*, para ahi se dirigiu toda essa força, que batalhava pela independencia da patria.

Quando, na ilha de Itaparica, foi ferido o primeiro combate se verificou—que do batalhão *Cachoeirense* 458 praças tinham tomado parte na memoravel acção.

—Em 1848, falleceu nesta cidade D. Maria Constança Bella, conhecida geralmente por *Freira Bella*, que, tendo fugido de um convento da Bahia onde achava-se recolhida, luxara nessa façanha uma das pernas.

A *Freira Bella* brilhou, por algum tempo, aqui.

Deve-se principalmente ao pae dessa senhora o impulso, que converteu no elegante templo, que é hoje, a velha capellinha de Nossa Senhora da Conceição do Monte. Foi tambem elle, que começou a construcção de uma ponte de alvenaria para ligar esta cidade a S. Felix.

—Em 1888, finou-se o cidadão Antonio de Britto Leal, que morava na freguezia da Moritiba, e tinha 70 annos de idade.

Pessoa estimabilissima, e amigo dedicado, sua falta será sempre sentida por quantos lograram a fortuna de conhecê-lo.

Vereador da camara, e supplente do juiz municipal, nesta cidade, por muitas vezes exerceu esses cargos; revelando constantemente escriptulos assás respeitaveis, e sincero desejo de acertar.

Era cavalleiro da imperial ordem da Rosa.

14 de Agosto

—Em 1671, o senado da camara da cidade da Bahia representou, patrioticamente, ao rei de Portugal—de quem eramos subditos—contra a odiosa lei, que não permittia fossem brazileiros nomeados para desembargadores da Relação.

—E ao mesmo tempo communicou elle ao Governo a chegada dos paulistas, que tinham sido contractados para fazer a guerra ao gentio, existente no reconcavo da villa de Cayrú, e das freguezias de Maragogipe e Jaguaripe, onde mais de 400 homens haviam succumbido ás mãos dos selvagens irritados.

Os habitantes dessas importantes zonas, porém, contribuíram espontaneamente para as despezas da guerra, dando, só para transportar a gente contractada,—1.925\$000; além do que lhes custou a munição de que se premuniram com abundancia.

Nada disto, no entanto, valeria si não fôra a sollicitude do governador Affonso Furtado, «pois que tudo a variedade da gente paulista era capaz de inutilisar».

—Em 1704, o governador se dirigiu por carta ao sargento-mór Felippe de Mello Garcia para lhe ordenar—que fizesse arrancar todo o fumo (tabaco) plantado no districto de Maragogipe, por estar esta lavoura prejudicando a de mandioca, e ser isto em damno manifesto ao bem commum.

Nem para cada qual cultivar o que lhe parecesse melhor havia, pois, liberdade! Entretanto, a medida tinha sua razão de ser, e bem podera ter sido dada *mais docemente*.

A ordem citada foi transmittida ao coronel Bernardino Cavalcante de Albuquerque para ter a devida execução.

Curioso é que ainda hoje se sente o mesmo mal, que o previdente governador tentara destruir.

A cultura de mandioca é sacrificada não sómente á do fumo, senão tambem á do café. Dahi decorrem as frequentes *crises de farinha*, que tanto flagellam as classes pobres.

—Em 1823, o Conselho interino do Governo da Bahia se reuniu na sala do hospital de S. João de Deus, actualmente Sancta Casa de Misericordia desta cidade.

E resolveu mandar por terra um emissario ao Rio de Janeiro, afim não só de expôr verbalmente a D. Pedro I o estado da provincia, depois do *aviso imperial*, que pozera sob a immediata ordem do general P. Labatut toda a força de 1.^a e de 2.^a linha, mas tambem de reclamar medidas tendentes a garantir a independencia da Bahia.

Para a melindrosa commissão foi escolhido—por maioria de cinco votos—o Dr. Francisco Gê Acayaba de Montezuma (posteriormente Visconde de Jequitinhonha), que dentro de poucos dias partiu.

Por outro *aviso*, que já encontrou Montezuma de viagem, S. Magestade lhe ordenara—que fosse á côrte, tanto para provar as accusações, que havia levantado contra aquelle general, quanto para se defender de outras, que contra si tinham sido formuladas tambem.

—Em 1828, aqui chegou por um barco a noticia de ter seguido, no dia anterior, com destino ao porto de Fortaleza (Ceará), o brigue-escuna *Despatís*, com um carregamento de generos alimenticios, no valor de 4.023\$075, afim de acudir á população dessa provincia, combatida por temerosa secca.

Precedentemente, eguaes remessas haviam sido feitas, parte por conta do Governo, parte por meio de subscrição aberta entre os senadores e os deputados geraes.

Porção consideravel dos generos alludidos tinha sido comprada nesta cidade, então villa, e seus arredores.

—Em 1854, a camara municipal desta cidade resol-

veu nomear uma commissão de seu seio para administrar a obra do cães da Manga, de conformidade com o que se deliberara na sessão de 28 de Janeiro.

A pedra iniciadora do novo melhoramento foi assentada, naquella mesma data, com alguma solemnidade.

Mais de 40 annos depois veio a se continuar a dicta obra, com o proposito de fechar todo o cães em frente á cidade, aterrando juntamente o alagadiço do *Calabar*, como medida de saneamento e belleza.

—Em 1865, o Barão de Nagé publicou, nesta cidade, uma proclamação, como commandante superior, que era, da guarda nacional do municipio, convidando com empenho esta a marchar para a guerra do Paraguay.

—Em 1869, a camara municipal desta cidade officiou para reforçar o pedido, que ao Governo imperial endereçara a viuva do Dr. Joaquim Antonio de Oliveira Botelho, solicitando uma pensão.

—Foi, em 1887, instalado nesta cidade o *Monte-pio dos empregados da estrada de ferro Central da Bahia*, que vae fazendo sua carreira proveitosamente.

15 de Agosto

—Em 1878, falleceu na cidade da Bahia, onde estava em tratamento de saúde, o padre Norberto Olympio Fernandes da Silva, vigario collado na parochia de Senhora da Purificação de Santo Amaro.

O padre Norberto era cachoeirano e tinha fortuna.

—Em 1880, finou-se o capitão Manuel de Barros Amorim, negociante estabelecido em S. Felix, então do termo e comarca desta cidade, e que ali mais de uma vez exercera o cargo de subdelegado de policia.

16 de Agosto

—Em 1837, o procurador da camara desta cidade fez recolher ao cofre respectivo o saldo, até então apurado, na importancia de 248\$310, toda em moeda de cobre.

Pois bem. De 1893 em diante tanto o cobre, como o níquel, desappareceram por encanto. o que deu logar á escandalosa emissão de *vales e fizes*, que muito custou retirar da circulação.

—Em 1890, falleceu com 76 annos de idade, na freguezia de Moritiba, onde era vigario collado desde 1864, o padre Tito Livio dos Santos.

Homem de talento e de espirito, redigira alguns jornaes do seu tempo, e costumava amenisar a conversação com pilherias de bom gosto. Entretanto jámais conseguira prêgar um sermão, si bem que muitos sermões para varios collegas escrevesse.

Quando religioso carmelita, de cuja ordem fôra egresso, residira por bastante tempo no convento desta cidade.

Era septuagenario.

—Em 1898, finou-se na capital federal o capitão de fragata Antonio Ignacio de Albernaz, do corpo de machinistas da armada nacional.

Tinha nascido nesta cidade, e era maior de 50 annos.

17 de Agosto

—Em 1810, os lavradores de fumo (tabaco) dos campos desta cidade, então villa, e os proprietarios de barcos occupados no serviço de transporte entre ella e a capital da provincia representaram ao principe regente contra a taxa, imposta pelo alvará do 1º de Abril de 1751. E á s. a. pediram—que mandasse reformar a tarifa dos preços dos carretos, bem como transferir a casa de arrecadação daquella mercadoria, permittindo que esta podesse ser exportada do nosso pôrto, antes do dia 20 de Janeiro de cada anno.

Vem de data afastada, portanto, o costume de gravar com impostos pesados, e dificultar de certo modo a cultura da estimada solanea.

Convém, todavia, lembrar o resultado final da temerosa representação.

Contra ella informaram tanto a meza da inspecção, como o funcionario Francisco Gomes de Souza,

que declarou—serem os lavradores de fumo, apesar de tudo, mais favorecidos do que os da canna de assucar.

Nesse documento, se dá noticia de que o fumo então regulava, em Lisboa, o preço de 2\$400 a 3\$000 por arroba. Em 1895, porém, se vendeu—mesmo aqui—na razão de 13\$000 a arroba. E pouco depois houve quem apurasse até 30\$000 por arroba de fumo, de qualidade especial, proprio para fabrico de charutos.

Voltando á informação do funcionario acima citado, notarei—que naturalmente animados por ella, os lavradores de canna representaram—por sua vez—contra aquella poderosa meza, comquanto sem resultado algum. Tinha ella elevado o imposto sobre caixas de assucar, e lhes diminuido o conteúdo, por não serem repezadas ao sahir dos trapiches.

—Em 1887, deu-se o obito do padre Adolpho Borges de Carvalho que parochiava, como encomendado, a freguezia de S. Felix.

O finado contava 40 annos de idade, approximadamente.

Foi sepultado nesta cidade, de onde era natural.

18 de Agosto

—Em 1822, o coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão marchou desta cidade, então villa, com 70 praças, emigradas de differentes corpos, que achavam-se na capital da provincia, para estabelecer um ponto de apoio em Pirajá, onde deveriam acampar as forças patrioticas.

Por conveniencias do momento, porém, foram collocadas essas forças no sitio denominado *Cabrito*.

A 3 de Novembro seguinte, o infatigavel coronel era substituido pelo major José de Barros Falcão de Lacerda, que o mandou voltar ao commando das forças estacionadas aqui.

—Em 1823, o Governo provisório, cuja séde era nesta cidade, então villa, expediu providencias «para que fosse fornecido de melhor carne o batalhão de

Minas, » aqui aquartelado; «visto como devia ter este o mais solícito tratamento, attento o fim a que se dirigira a esta provincia, » hoje Estado.

Do batalhão alludido, commandado pelo tenente-coronel José de Sá Bittencourt e Camara, era fornecedor—Francisco Gonçalves Pedreira França.

19 de Agosto

—Em 1855, a epidemia do *cholera-morbus* recrudescceu nesta cidade, e se manifestou noutros pontos do interior.

20 de Agosto

—Em 1823, D. Pedro I concedeu o soldo de alferes da 1.^a linha á heroína cachoeirana D. Maria Quiteria, que se tinha distinguido em arriscados combates, como praça do exercito, em cujas fileiras alistara-se voluntariamente.

21 de Agosto

—Em 1822, reuniu-se a vereação desta cidade, então villa; e o coronel José Garcia Pacheco de Moura Pimentel Aragão propoz, e foi logo approvada, a creação de um Conselho interino de governo da provincia da Bahia, tendo sua séde aqui mesmo.

Presidiu a dicta vereação o Dr. Antonio de Cerqueira Lima, juiz de fóra, estando presentes os vereadores effectivos capitão Antonio de Castro Lima e o tenente-coronel Jeronymo José de Albernaz, o do anno transacto Joaquim Pedreira do Couto, e o procurador Manuel Teixeira de Freitas.

O Dr. juiz de fóra disse—que lhe havia sido entregue uma carta do dicto coronel Garcia, concebida nos termos que se seguem :

« Em consequencia da carta, que recebemos dos patriotas de Santo Amaro e S. Francisco, e representação que a acompanhava, o que tudo remetto por cópia a V. S.; requeiro se sirva mandar convocar—

quanto antes—os vereadores e o procurador do senado, assim como tambem todos os cidadãos proprietarios e mais pessoas boas do districto, para se proceder nos termos da dicta carta, e representação. Deus guarde a V. S. Quartel da villa, 17 de Agosto de 1822.—*José Garcia Pacheco de Moura Pimentel e Aragão*, coronel commandante da força armada.»

A outra carta, a que alludia o coronel José Garcia, vinha assignada por Bento de Araujo Lopes Villasboas, Joaquim Ignacio de Siqueira Bulcão, Felisberto Gomes Caldeira, Manuel de Vasconcellos Souza Bahiana, Antonio Maria da Silva Torres, Luiz Lopes Villasboas, José de Aragão Bulcão, Ignacio José Aprigio da Fonseca e Galvão, Luiz Manuel de Oliveira Mendes, Francisco Maria Sodré Pereira, Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, Dr. Miguel Calmon da Pin e Almeida, Antonio José Duarte de Araujo Gondim e Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque.

Todos esses cidadãos entendiam—«que era indispensavel á defeza de sua causa o estabelecimento de um Governo geral, não só para o reconcavo e comarca da Bahia, mas tambem para toda a provincia.»

Como razão principal dessa medida, os patriotas accrescentavam—que a Junta provisoria existente tinha lhes dado «o final desengano, recusando aceitar um officio» que lhe haviam elles dirigido, o que provava a «natural fraqueza» da referida Junta, mais aggravada «pela presença» até então «infructuosa do bloqueio do Rio, chegado a seis dias, e que se achava em frente da esquadra do Madeira.»

Antes de tudo, o coronel José Garcia prestara juramento, como chefe da força armada, de obediencia á S. A. o principe regente D. Pedro de Alcantara, de fidelidade á causa do Brazil, e de exacta observancia dos regulamentos militares. Passou depois a ler uma representação, assignada por si, pelos coronel D. Braz Balthazar da Silveira, tenente-coronel Jeronymo José Albernaz, sargentos-môres José Joaquim de Almeida Arnizáu, Joaquim José Bacellar e Castro, José de

Araujo Bacellar e Castro e Manuel José de Freitas : pedindo a installação de um Conselho interino de Governo, egual aos que tinham sido creados em outras provincias, adhesas á independencia do Brazil.

O fim principal do dicto Governo seria—governar a provincia da Bahia, em nome do principe regente constitucional e defensor perpetuo, observando as suas ordens e sustentando-lhe a autoridade. Todos os funcionarios civis e militares ficariam subordinados a esse Conselho. Para elle as diversas camaras deveriam mandar seus deputados, e se consideraria dissolvido *ipso-facto*, desde que a capital da provincia, por sua vez, acclamasse e reconhecesse o dicto regente, e della se houvesse retirado a tropa de Portugal.

Deferida a representação, foi logo em seguida installado o projectado Conselho de cujos trabalhos existe impresso um « Relatorio », escripto pelo Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, já referido, que foi depois marquez de Abrantes e senador do imperio.

O Conselho fez suas sessões no salão do hospital, que é hoje Sancta Casa de Misericordia.

Seria fatigante enumerar todos os actos do Conselho, durante sua activa e gloriosa existencia. Não é facil, comtudo, resistir ao desejo de indicar alguns, dentre os mais importantes.

O Conselho fundou, logo, um « trem militar » ; estabeleceu a inspecção dos commissariados, e dos hospitaes tambem ; creou linhas terrestres de correio para as villas de S. Francisco e dos Ilhéos.

Mais ainda : conseguiu que, posteriormente, essa ultima linha se estendesse até ao arraial do Tijuco, hoje cidade de Diamantina, em Minas-Geraes ; dahi se emendava ella com a que ia a Ouro-Preto, e com a que deste ponto seguia para o Rio de Janeiro.

O Conselho cassou as attribuições governamentais, que algumas das « Caixas militares » haviam se arrogado ; encarregou a José da Silva de fabricar polvora, na maior quantidade possivel ; mandou tirar todo chumbo dos sinos das egrejas e

das fabricas dos engenhos para convertel-o em projectis; abriu a Casa da Moeda; declarou o *Justiçio*, em que se achava a provincia, por causa da calamidade da guerra.

Finalmente, inaugurou a imprensa nacional, em um sobrado á rua de Entre Pontes (hoje Ruy Barbosa), que então era de João José Espinola, e faz esquina para a Ponte-Nova. Dessa officina sahio, pouco depois, o *Independente Constitucional*, o mais antigo periodico publicado aqui, de que foi remettida uma colleccção ao ministro José Bonifacio de Andrada e Silva, com officio de 31 de Maio de 1823.

O primeiro impressor, que trabalhou nessa typographia, foi Francisco Lopes, contractado no Rio de Janeiro, por 400\$000 annuaes.

Quanto á Casa da Moeda, ficou ella assentada nos corredores do convento do Carmo.

Foram nomeados pelo Conselho: José Moreira Guimarães e José Coronna Christi Parahyba—encarregados da polvora; o cirurgião José Caetano Alvim—director do hospital militar, em cuja clinica egualmente serviu Manuel Martins Brasileiro; administrador das obras publicas—Antonio Teixeira de Freitas Barbosa; feitor das dietas obras—José Teixeira de Jesus; thesoureiro do thesouro publico—Luiz Ferreira da Rocha; capitão do porto da villa—o capitão-tenente José Carlos de Almeida; escrivão da imprensa nacional—Luiz Gonzaga dos Santos.

Por aviso de 5 de Dezembro de 1822, expedido á camara da villa de Caetité, hoje cidade, D. Pedro I mandou que ella e todas as outras camaras da provincia *adherissem* ao Conselho, que se tinha creado aqui.

Uma simples observação: já nesse tempo *adherir* não era crime. . .

Referindo-se ao Conselho indicado, disse—em *Relatorio* publicado no mez de Junho de 1822, o Dr. Miguel Calmon, que morreu marquez de Abrantes: «pareceria um sonho, ou conto arabico, a simples relação de que soffrera o Conselho a alguns corpos armados e acantonados na Cachoeira!»

O Conselho, além de ter feito marcharem para Pirajá o batalhão de caçadores, o esquadrão de cavallaria, e parte da infantaria miliciana da Cachoeira, mandou sem demora organizar os regimentos de cavallaria miliciana das villas de Jacobina e Urubú de cima; crear quatro batalhões no termo de Jaguaripe, servindo-lhes de casco o regimento de milicias dessa villa, e a companhia de artilheiros de Nazareth; preparar mais nove batalhões na comarca dos Ilhéos, dissolvendo para isto o grande e moroso regimento de Valença; poz em campo a notavel *Guerrilha imperial*, do Pedrão; levantou o batalhão da *Honra imperial* e o de caçadores de Santo Amaro; e formou a guarda civica da Cachoeira.

Em sessões posteriores, o Conselho nomeou:

Para o commissariado de guerra—inspector, o major Antonio Maria da Silva Torres, que algum tempo depois foi substituido pelo major Euzebio Gomes Barreiros; commissario—Joaquim Antonio Moitinho; escrivão—Antonio Maria de Moura e Mattos a quem succedeu Antonio Tavares Itapagipe.

Para o commissariado de bocca: inspector—José Pedreira do Couto; commissario—Francisco Caribé Morotova; escrivão—Manuel Mauricio Rebouças.

Para o commissariado de fardamento—commisario, Francisco Antonio Fernandes Pereira.

O Conselho interino do governo da provincia da Bahia ficou, definitivamente, constituido com o seguinte pessoal:

O capitão-mór Francisco Elesbão Pires de Carvalho (depois barão de Jaguaripe), presidente, membro do governo da capital, representante da villa de Santo Amaro; Dr. Francisco Gê Acayaba de Montezuma (depois Visconde de Jequitinhonha) nomeado por esta cidade, então villa; Antonio José Duarte Gondim, pela villa de S. Francisco; Manuel Gonçalves Maia Bittencourt, por Jaguaripe; Manuel da Silva Caraha Coimbra, por Maragogipe; Simão Gomes Ferreiry

Velloso, por Inhambupe; padre Manuel José de Freitas pela Pedra-Branca; Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida depois Marquez de Abrantes), por Abrantes; João Dantas dos Imperiaes Itapicurú, por Itapicurú; padre Theodoro Dias de Castro, por Valença; vigario Francisco José de Miranda, por Agua-fria; Dr. Francisco Ayres de Almeida Freitas, por Jacobina; Manuel dos Sanctos Silva, por Marahú; padre Pedro José Vieira, por Santarém; capitão José Valentim de Souza, pela villa do Rio das Contas; padre Izidoro Manoel de Menezes, por Camamú; padre José de Mello Varjão, pela villa de Cayrú.

—Em 1836, a Sancta Casa de Misericórdia desta cidade, então villa, assentou não receber mais escravos para tratar nas suas enfermarias.

—Em 1865, falleceu repentinamente o capitão Manoel da Costa e Souza que, tendo figurado na politica local, desempenhara os cargos de subdelegado de policia, agente do correio, e outros, nesta cidade.

Servira tambem á imprensa, editando o *Recopilador Cachoeirense*, e mais alguns periodicos, bem reputados no seu tempo.

Vem, de certo, a pello recordar—que o primeiro jornal, publicado no Brazil, foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, que viu a luz na manhan de 10 de Setembro do 1808.

O mais antigo typographo, que a Bahia conheceu, foi Marcellino José, contractado fóra para trabalhar na officina *Serco de Carpalho*.

A typographia em que era impresso o *Independente Constitucional* (vid. *ephemeride* de 20 de Agosto), fóra enviada do Rio de Janeiro por D. Pedro I. na escuna *6 de Fevereiro*; e acompanhou-a—na qualidade de director—José Francisco Lopes, em virtude da portaria de 19 de Dezembro de 1822.

Ficou assim satisfeita uma solicitação do Conselho interino do Governo, que funcionava aqui.

22 de Agosto

— Em 1812, o príncipe regente do reino de Portugal dirigiu carta official ao Conde dos Arcos, Capitão—General e Governador da Bahia, incitando-o a solicitar a cooperação de todas as municipalidades, proprietários, negociantes, e mesmo a dos empregados publicos (1) para manutenção do Banco do Brazil, creado por alvará de 12 de Outubro de 1808.

A carta insinuava—que toda essa gente deveria comprar acções do novo estabelecimento de credito.

—Em 1862, a camara municipal marcou o prazo improrogavel de seis mezes para serem demolidos os ultimos *balcões*, ou sacadas com rotulos de páu, que existiam na maior parte das casas de sobrado, tanto desta cidade, como de S. Felix.

Simithantes trambolhos afeiavam em demasia as ruas, além de tornal-as escuras; mas os paes de familia d'esse tempo attribuiam-lhes . . . o condão de recatar as mulheres, por tal geito sequestradas ás vistas curiosas dos vizinhos e dos transeuntes.

As chronicas, entretanto, rezam—que nem por isto ás venerandas avós, em regra analphabetas para não escreverem *cartas de namoro*, deixaram de receber cortejos, e mesmo de fugir do lar paterno com muito mais frequencia, e talvez com escandalo maior, do que se dá hoje, apesaz de certa liberdade de que as moças gozam.

—Em 1886, foi solemnemente assentada a primeira pedra para construeção do cemiterio de S. Felix, então do termo desta cidade, o qual sómente em 1889 começou a funcionar.

—Em 1891, falleceu na freguezia da Conceição da Feira, do termo e comarca desta cidade, o major Manoel Cecilio da Costa, que occupara ali diversos cargos de eleição popular, e de nomeação do Governo.

23 de Agosto

—Em 1826, a camara desta cidade, então villa, fez publicar um edital com o fim de se construir a ponte, destinada a ligar S. Felix á Cachoeira.

Sobre se tratar de um melhoramento importante, era essa a condição imposta por D. Pedro I para poder ser elevada de categoria a mesma villa.

Nada, porém, a camara conseguiu.

—Em 1854, aportou pela primeira vez a esta cidade o vapor *Cachoeira*, que tinha a especialidade de haver sido construido nos estaleiros de Itapagipe, na Bahia.

—Em 1868, foi sepultado o capitão João Baptista de Magalhães, influencia politica em Cruz das Almas, então do termo e comarca desta cidade.

—Em 1871, finou-se o advogado Manuel Galdino de Assis, que aqui mesmo nascera a 13 de Fevereiro de 1812.

Homem habilissimo, regera primeiramente a cadeira publica de latim desta cidade. Jubilado que foi, se dedicou inteiramente ao fóro, conseguindo na sua profissão ganhar bem merecida fama.

Na politica local occupou distincta posição, tendo sido eleito por mais de uma vez vereador, e presidente da Camara Municipal. Em 1869, o partido conservador elegeu-o membro da Assembléa Legislativa Provincial, por este districto.

Tendo sido escolhido provedor da Sancta Casa de Misericordia, em Julho de 1855, exerceu esse cargo até á data de sua morte; desenvolvendo sempre louvavel actividade e zelo. Entre os bons serviços, que prestou, avulta a reedificação do hospital, dotado assim de maiores e mais convenientes proporções.

A influencia popular de que dispoz—por muitos annos—o advogado Assis fala bem alto em favor do seu merecimento.

O advogado Assis era commendador de uma das ordens honorificas do Imperio.

23 de Agosto

—Em 1826, a camara desta cidade, então villa, fez publicar um edital com o fim de se construir a ponte, destinada a ligar S. Felix á Cachoeira.

Sobre se tratar de um melhoramento importante, era essa a condição imposta por D. Pedro I para poder ser elevada de categoria a mesma villa.

Nada, porém, a camara conseguiu.

—Em 1854, aportou pela primeira vez a esta cidade o vapor *Cachoeira*, que tinha a especialidade de haver sido construído nos estaleiros de Itapagipe, na Bahia.

—Em 1868, foi sepultado o capitão João Baptista de Magalhães, influencia politica em Cruz das Almas, então do termo e comarca desta cidade.

—Em 1871, finou-se o advogado Manuel Galdino de Assis, que aqui mesmo nascera a 13 de Fevereiro de 1812.

Homem habilissimo, regera primeiramente a cadeira publica de latim desta cidade. Jubilado que foi, se dedicou inteiramente ao fôro, conseguindo na sua profissão ganhar bem merecida fama.

Na politica local occupou distincta posição, tendo sido eleito por mais de uma vez vereador, e presidente da Camara Municipal. Em 1869, o partido conservador elegeu-o membro da Assembléa Legislativa Provincial, por este districto.

Tendo sido escolhido provedor da Sancta Casa de Misericórdia, em Julho de 1855, exerceu esse cargo até á data de sua morte; desenvolvendo sempre louvavel actividade e zelo. Entre os bons serviços, que prestou, avulta a reedificação do hospital, dotado assim de maiores e mais convenientes proporções.

A influencia popular de que dispoz—por muitos annos—o advogado Assis fala bem alto em favor do seu merecimento.

O advogado Assis era commendador de uma das ordens honorificas do Imperio.

24 de Agosto

—Em 1855, falleceu victimado pelo *cholera-morbus* o Dr. Pedro da Fonseca Mello, ainda no vigor da idade.

Era formado em medicina, e nascera no arraial do Genipapo, então do termo e comarca desta cidade.

Estava aqui residindo e clinicando, havia algum tempo já

25 de Agosto

—Em 1853, a farinha de mandioca subiu a um preço elevadissimo, relativamente á época.

Queixas contra o monopolio, e protestos de plantar dahi em diante maior quantidade de maniva; tudo, segundo o costume, estava esquecido no dia seguinte. . .

26 de Agosto

—Em 1760, o rei D. José, nosso amado soberano, impoz 200 réis sobre cada arroba de fumo da Bahia, que fosse introduzido no Rio de Janeiro; e declarou —que incorreriam na pena do tresdobro quantos por acaso fraudassem a nova contribuição.

Antigo exêmplo de imposto inter-provincial de que, so depois, tão acrimoniosamente se falou . . .

—Em 1833, foi nomeado vigario collado da freguezia de S. Gonçalo dos Campos, então do termo e comarca desta cidade, o padre Vicente Ferreira Gomes, que veio a fallecer no dia 28 de Fevereiro de 1862.

Era conego honorario da Sé Metropolitana, e chegou aos 83 annos de idade.

Foi sempre muito estimado por seus parochianos.

—Em 1867, foram exhibidas—perante a camara municipal varias amostras de manganex, que existe em grande quantidade ao longo da estrada do Capoeirussú, suburbio desta cidade.

Admira que até hoje ninguém se tenha lembrado de explorar tamanha fonte de riqueza.

—Em 1897, rendeu alma ao Criador o antigo negociante Joaquim Pacheco de Miranda, portuguez de origem, mas brasileiro de coração.

Na vespera de sua morte, havia completado 64 annos de idade.

27 de Agosto

—Em 1805, a camara desta cidade, então villa, ordenou ao seu procurador—que fizesse vaccinar na capital da provincia duas creanças, como meio de se obter a lymphá necessaria para innocular na população do municipio.

Como se sabe, a vaccina fôra descoberta por Ed. Jenner, medico em Berkley, que em Junho de 1798 publicara sobre o assumpto um opusculo, intitulado *Indagações a respeito das causas e effeitos das beccinas das vaccas*; estudo que o Dr. Pearson seguia de perto.

No Brazil, a vaccina foi introduzida do seguinte modo: o cirurgião-mór da armada portugueza—Theodoro Ferreira de Aguiar vaccinou, na cidade de Lisboa, um homem preto, que vinha para a Bahia, de passagem no navio *Bom Despacho*; e ao mesmo tempo ensinou ao cirurgião de bordo—Manuel Moreira da Rosa,—o methodo da operação successiva, afim de ser praticada, durante a viagem, noutros pretos que eram, com certeza, escravos.

O *Bom-Despacho* ancorou no porto da Bahia, a 30 de Dezembro de 1804.

O cirurgião Rosa, entretanto, havia executado as instrucções do seu collega, e, depois de ter desembarcado, encarregou da propagação da vaccina ao Dr. José Avelino Barbosa.

A este profissional coube a dura tarefa de vencer a repugnancia, manifestada por grande parte da população, contra a maravilhosa conquista da sciencia.

Quando, em 1823, achava-se aqui reunido grande numero de soldados, o commandante em chefe de

exercito pacificador commissionou o cirurgião-mór Antonio José de Aguiar para vir vaccinal-os.

O batalhão de Minas, principalmente, mereceu todo cuidado da parte do cirurgião-mór, que offereceu seus serviços tambem «aos habitantes que quizessem aproveitar daquelle tão saudavel beneficio.»

—Em 1835, prestou juramento, como lente da cadeira de agricultura, nesta cidade, então villa, o medico José Ricardo Gomes de Carvalho.

Mas, os lavradores dessa época, tal qual alguns ainda hoje praticam, nem de escolas, nem de machinas, queriam saber. Bastava-lhes — a elles — o braço escravo, que vinha lá da *Africa adusta*.

De modo que, não teve alumnos a pobre aula; e o professor *para salvar as apparencias* era obrigado a fazer figurar na respectiva matricula uma legião de... *phosphoros*, como se diz em gíria eleitoral.

Dahi cobrou forças a rotina para, absolutamente, imperar na lavoura.

—Em 1864, foi sepultado nesta cidade o Dr. Ricardo Pinheiro de Vasconcellos, que havia fallecido no dia anterior.

Servira como juiz dos orphãos, neste termo; e, ultimamente, tinha sido despachado juiz de direito para a comarca de Inhambupe.

28 de Agosto

—Em 1719, o vice-rei mandou ordens instantes ao juiz ordinario desta cidade, então villa, para que prendesse e lhe enviasse todos os homens *fraussteiros (sic)* que se achassem, ou fossem chegando aqui, pois havia fugido das náus, ancoradas na Bahia, e que deviam seguir para as Indias, a maior parte dos marinheiros.

Apezar das diligencias empregadas, é certo — que muitos dos evadidos ficaram residindo cá, para sempre.

—Em 1823, o deputado Pereira da Cunha, que foi depois Marquez de Inhambupe, apresentou — na assembléa constituinte de que era membro — um pro-

jecto de lei, creando duas Universidades no Imperio; sendo uma no Maranhão, e a outra no arraial de Belém, que demora a 6 kilometros, pouco mais ou menos, desta cidade.

Nem esse, nem outro projecto, relativo a Universidades, poudo ainda triumphar; não obstante se ter propalado—que era resolução, tomada pelo ex-imperador D. Pedro II, crear ao menos um estabelecimento dessa ordem na cidade do Rio de Janeiro.

—Em 1824, falleceu o padre Luiz Fagundes de Britto que, desde 1816, occupava o logar de administrador do hospital de S. João de Deus, nesta cidade, então villa.

—Em 1826, foi installada, nesta cidade, a Sancta Casa de Misericordia, categoria a que havia sido elevado o hospital de S. João de Deus, nos termos do aviso do Governo imperial, de 20 de Abril do mesmo anno.

A contar dessa data, até hoje, têm exercido o cargo de provedor da respectiva irmandade os cidadãos que se seguem:

1 Antonio Lopes de Souza (1826), 2 Manuel Ferreira Luiz (1827-1828), 3 João Nepomuceno Ferreira (1828-1829), 4 padre Francisco Vieira Tosta (1829-30), 5 Dr. Theodoro Praxedes Fróes (1830-1831), 6 coronel Manuel Ignacio de Lima (1831-1832), 7 coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão (1832-1833), 8 barão de Itaparica (1833-1834), 9 José Leonardo Muniz Barretto (1834-1835), 10 Dr. Luiz Thomaz Navarro (1835-1836), 11 Antonio José Pereira (1836-1837), 12 João José Espinola (1837-1838), 13 Dr. Manuel Messias de Leão (1838-1839), 14 Antonio José Alves Bastos (1839-1840), 15 padre Joaquim Pereira Lesbio (1840-1841), 16 Matheus José Teixeira (*) (1841-1842), 17 Francisco Vieira Tosta, depois Barão de Nagé (1842-1843), 18 Francisco Gomes Moncorvo (1843-45).

(*) Este provedor apenas assistiu a sessão de posse, em 2 de Julho de 1841. Não tendo cumprido certas promessas que fizera, relativamente á irmandade, se viu forçado a renunciar o cargo, em Meza de 17 de Março 1842.

19 Carlos Joaquim de Magalhães Cirqueira (1845-46), 20 Manuel Pereira de Macedo Aragão (1846-1847), 21 Dr. Innocencio Marques de Araujo Góes, depois Barão de Araujo Góes (1847-1849), 22 Manuel Ferreira Luiz (*) (1849-1850), 23 Manuel Caetano de Oliveira Passos (1850-1851), 24 Antonio Olavo de Menezes Dorea (1851-1852), 25 tenente-coronel Innocencio Vieira Tosta (1852-1853), 26 Fructuoso Gomes Moncorvo (1853-1854), 27 tenente-coronel Aivino José da Silva e Almeida (1854-1855), 28 commendador Manuel Galdino de Assis (1855-1872), 29 coronel José Ruy Dias de Affonseca (1872-1800), 30 Dr. Aristides Augusto Milton (eleito em 1890, e successivamente reeleito até hoje).

Os administradores do hospital de S. João de Deus foram: Fr. João de S. Thomaz Castro, de Julho de 1756 a Dezembro de 1769; Fr. José de Sant'Anna Lyra, de Janeiro 1770 a Janeiro de 1778; alferes José Martins Bastos, de Fevereiro de 1778 a Novembro de 1798; capitão Antonio Pinto de Mesquita, de Dezembro de 1798 a Julho de 1804; Luiz Ferreira da Rocha, de Agosto de 1804 a Dezembro de 1808; padre Custodio Luiz dos Santos Varella, de Janeiro de 1809 a Abril de 1816; uma junta nomeada pelo juiz de fóra, e composta do padre, Luiz Fagundes de Britto, administrador, João Pires Gomes, escrivão, Carlos Pereira da Motta, thesoureiro, José Caetano Velloso, procurador, de Abril de 1815 a 1819; outra junta, composta do padre Luiz Fagundes de Britto, administrador, tenente Antonio de Souza Galvão, escrivão, capitão José Ferreira de Almeida, thesoureiro, alferes José Ferreira de Almeida Junior, procurador, de 1820 a 1823; uma terceira junta, composta do padre Luiz Fagundes de Britto, administrador, Miguel José Marques Guimarães, escrivão, Francisco Antonio Fernandes Pereira, thesoureiro, Francisco Barbosa Leal de Salles, procurador, de 1824 a 1825.

Como, porém, fallecesse o padre Fagundes de

(*) Este provedor assignava, de chancella, o proprio nome.

Britto, passou o thesoureiro a exercer o lugar de administrador, sendo substituído então por Francisco de Salles Ferreira.

Uma ultima junta, composta do sargento-mór Joaquim José Bacellar e Castro, administrador, Francisco Gomes Moncorvo, escrivão, Florentino Rodrigues da Silva, thesoureiro, e José Alvares dos Santos Souza, procurador, serviu de 1825 até 27 de Agosto de 1826.

As irmandades da Misericórdia têm origem muito remota. A primeira d'ellas foi instituída em Lisboa, no anno de 1498, a solicitaçãoes do padre Miguel de Contreiras, monge da Ordem da Santissima Trindade, e por decreto da rainha D. Leonor, que era regente de Portugal, em nome de el-rei D. Manuel, então na Hespanha.

O mais antigo hospital de Misericórdia, que existe no Brazil, é o da cidade de Santos, em S. Paulo, fundado por D. Braz Cubas.

O novo hospital desta cidade foi construído entre os annos de 1855 e 1862. E de 1890 para cá elle tem recebido custosos melhoramentos, e soffrido transformações importantes. Entre estas, avulta a da respectiva frontaria, cuja architectura foi completamente modificada.

—Em 1840, finou-se o cidadão Luiz Ferreira da Rocha, com 72 annos de idade.

O finado tinha sido aqui presidente da camara municipal, administrador do hospital de S. João de Deus, advogado e lavrador.

Possuia fortuna bem regular.

—Em 1881, deixou de existir o tenente-coronel Umbelino da Silva Tosta, contando 50 annos de idade.

Ocupara elle varios logares de eleição popular e de nomeação do governo: e era—ao tempo do seu trespasso—o 1.^o juiz de paz da parochia de S. Felix.

Estimava em muito a industria nacional, a cuja causa prestou bons serviços, principalmente por ter concorrido a diversas *exposições* em que foi premiado.

—Em 1892, succumbiu—na capital da Bahia—o

barão de Sant'Iago, proprietario abastado, cujo domicilio era na freguezia do Iguape, termo e comarca desta cidade.

Domíngos Americo da Silva, que assim se chamava o digno cidadão, era coronel da guarda nacional.

Tinha idade superior a 80 annos.

No testamento, com que falleceu, instituiu varios legados, entre os quaes um—de 2.000\$000—á Sancta Casa de Misericordia, desta cidade.

29 de Agosto

—Em 1719, o vice-rei deu ordem para serem presas e remetidas á capital da Bahia todas as pessoas, que tinham deixado de plantar mandioca, por se entregarem sómente á cultura do tabaco (fumo).

Era renovação da providencia, alguns annos antes tomada (Vide *ephemeride* do dia 14).

—Em 1892, falleceu no arraial de Belém, termo e comarca desta cidade, o lavrador Apolinario Coelho de Oliveira, que attingira á idade de 105 annos, bem contados.

30 de Agosto

—Em 1766, uma carta régia mandou--que fosse extincto o officio de ourives, *na capital e todo mais territorio da Bahia.*

A singular e . . . patriotica disposição tambem nos alcançou, como se vê.

Rememorando o facto, é justo que todos admiremos a perspicacia e o tino dos estadistas portuguezes, que para elle concorreram.

—Em 1838, o capitão Manuel de Vasconcellos de Souza Bahiana chegou a esta cidade, com o proposito de fundar uma fabrica de rapé.

Para levar a effeito sua idéa, elle comprou, por escriptura publica lavrada em nota do tabellião João V. Sapucaia, a casa de engenho situada á margem do rio Pitanga, *com levada e cobocó*, pela quantia de

2:000\$000, ao capitão Julio Emilio Pereira Guimarães e sua mulher.

Depois de ter aproveitado a safra, existente ainda no cannavial, e aliás a derradeira que se moeu nesse engenho, cujas ruínas hoje são conhecidas por *Engenho Velho*; o capitão Bahiana fez montar o seu esperançoso estabelecimento.

E por algum tempo explorou a nova industria, preparando o rapé, que entrou no mercado com o nome de *Rapé bahiano*.

Não foi só isto. O capitão Bahiana tentou abrir uma pequena fundição para trabalhar o ferro, que fosse extrahido das visinhanças da fabrica, e geralmente reputado de muito boa qualidade.

E' certo—que os planos do operoso cidadão faharam por completo, mas os seus nobres esforços não podem deixar de ser lembrados com o elogio que merecem.

O meio estreito, em que o capitão Bahiana teve de agir; os preconceitos, que então dominavam despoticamente; a falta de animação que elle sentiu; foram outros tantos motivos do insuccesso que se lhe deparou.

Tempo virá, porém, de se reconhecer e confessar—que a Cachoeira foi talhada para ser uma cidade industrial.

O capitão Bahiana, depois de ter lutado valentemente pela vida, expirou no dia 27 de Setembro de 1842, deixando, em testamento, um legado a quem lhe escrevesse a biographia.

31 de Agosto

— Em 1891, tomou notavel incremento a epidemia, conhecida pelo nome de *influenza*, que noutras cidades havia já feito algumas victimas, e pôsto em sobresalto familias inteiras.

A *influenza*, conforme as pessoas competentes—em tempo—apuraram, é molestia que existe desde época remota; conquanto varias vezes tenha mudado de nome. Esse, por que agora ella vac sendo, co-

nhecida, data apenas de 1802. Até então se lhe deu diversos nomes, debaixo dos quaes andou viajando por todo o mundo.

Autores ha que fazem remontar a 876 uns, e a 1173 outros, a primeira apparição do insidioso *morbis*. E certos escriptores, depois de notarem-lhe a origem oriental, affirmam—ter elle feito sua primeira invasão na Europa em 1510.

Dahi por diante a *influenza* não abandonou mais a zona, que tão propicia tem sido á sua expansão e durabilidade. E, desgraçadamente, em mais de uma capital europêa, a mortalidade, causada pela *influenza*, tem attingido a uma cifra respeitavel, por vezes egual, senão superior, a que o *cholera* ha produzido. Pelo menos, em 1889 e em 1890 assim succedeu.

Por aqui, a *influenza* accommetteu muita gente, é verdade; mas nenhum caso fatal se registrou, mercê de Deus.

Entretanto, na «pendencia europêa» de 1580, só em Roma falleceram 9.000 pessoas de *influenza*. Do mesmo mal morreram 4.000 pessoas em Dublin, durante o anno de 1837. E 6.239 foram victimadas em Paris por essa epidemia, que em 1888 ahi reinou.

Li tambem, num bom livro, escripto a respeito desse assumpto, que só numa noite, em S. Petersburgo, 50.000 pessoas cahiram doentes de *influenza*.

E os jornaes contemporaneos publicaram—que em Agosto de 1894 calculara-se em 250.000 o numero de pessoas atacadas de *influenza*, na cidade de Buenos-Ayres.

Uma estatistica, organizada então pelo Dr. Penna, confirma esse computo.

Em fevereiro de 1900, o frio foi intensissimo em Madrid. A média dos obitos, causados então pela *influenza*, se elevou a 70.

Oxalá que a *influenza* se ataste para bem longe do Brazil. . .

A. MILTON.

O VISCONDE DE CAVALCANTI

Passamos para as nossas columnas as notas biographicas que o «Jornal do Commercio» publicou por occasião do fallecimento do grande brasileiro e prestante consocio conselheiro Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, em Juiz de Fôra, a 14 de Junho de 1899:

«Não podemos, sob pena de grave injustiça aos consideraveis meritos do finado, registrar laconicamente a dolorosa noticia, e, embora o tempo nos falte, vamos esboçar em traços rapidos a silhueta de sua individualidade politica.

Não foi uma aguia, comparado com outros illustres varões que com tanto brilho figuram na historia politica do segundo reinado, mas tambem não foi uma figura secundaria.

Pertenceu á classe dos homens que se deixam ficar em um plano inferior, mas que podem, querendo, galgar as mais elevadas posições.

O Visconde de Cavalcanti nasceu na capital da Parahyba no dia 9 de Novembro de 1829; morreu, pois, com a idade de 70 annos, podendo-se dizer que meio seculo de sua vida foi consagrado ao serviço publico.

Seu pai, do qual herdou o nome, era um rico agricultor da Parahyba e sua mãe chamava-se Angela Sophia Cavalcanti Pessoa.

O Visconde de Cavalcanti fez com brilhantismo o seu curso academico em Olinda, bacharelando-se em sciencias juridicas e sociaes e encetando depois a sua carreira na magistratura como Promotor Publico de uma das villas de sua provincia natal.

A sorte, que acompanha sempre os passos primeiros dos homens notaveis e os não abandona jámais, ora favorecendo-os, ora castigando-os com os seus caprichos, quiz proporcionar ao joven, que era um neophyto na magistratura, asado ensejo para a revelação de seus talentos privilegiados.

Procedera-se na Provincia ás eleições. Suffragado pelo voto popular o nome do Dr. Trajano Olympio de Hollanda Chacon, a paixão politica, sempre funesta nos seus designios, decretou e executou o assassinato do novel deputado geral.

Coube ao Dr. Diogo Velho accusar, como Promotor Publico, que era, os autores do revoltante crime.

Nunca um libello foi com tanta logica e tanto vigor defendido por um representante da Justiça Publica.

A palavra do joven Promotor tomou todas as feições, assumiu todas as modalidades: nobre e austera ia desenrolando argumentos juridicos irrefutaveis; vingadora e raivosa, cahiu, com toda a força de um anathema, sobre a cabeça dos assassinos; philosophica e patriotica, tirou do facto illações profundas e de grande alcance para a moral politica.

Estava sagrado o homem, que tão galhardamente estrejara na vida publica.

O temperamento de Diogo Velho dizia melhor com a politica do que com a magistratura.

Elle proprio assim o entendeu e escolhendo entre os dous grandes e fortes partidos que se revezaram no poder durante o reinado do Sr. D. Pedro II aquelle cujas idéas se achavam mais de accordo com as suas, alistou-se nas fileiras conservadoras, mantendo-se até 1889 fiel á sua bandeira.

Rapida e brilhante foi a carreira politica do Dr. Diogo Velho.

Depois de occupar varios cargos administrativos na Parahyba, foi eleito 1.^o Vice-Presidente da Provincia e posteriormente, diversas vezes, Deputado provincial e Deputado geral.

Foi Presidente de tres Provincias: do Piauhy, em 1859, do Ceará, em 1868 e de Pernambuco, em 1870.

Em todas essas provincias deixou elle traços indeleveis de sua passagem, revelando-se um administrador de grande valor, energico quando era

preciso prestigiar o principio da autoridade, previdente sempre, trabalhador e dedicado em extremo ao cumprimento de seus deveres.

Em qualquer dessas tres provincias o nome de Diogo Velho ha de ser sempre respeitado e querido.

Homem de partido, tinha que soffrer, tambem, naturalmente os revezes do grande grupo a que estava filiado.

Quem quer que conheça a evolução politica do Brazil sob o segundo reinado deve saber que nessa época os partidos existiam de facto, distinctos, fortes, poderosos, como aggremações organizadas e não como corpos amorphos que se fundissem e se dissolvessem ao sabor das conveniencias.

Houve movimentos de quasi radical transformação como a Liga, mas esses movimentos não eram constantes e as raras metamorphoses ou transmutações partidarias faziam-se com um fim determinado e certo, tinham um movel, passavam rapidas, sem a balburdia das agitações, solidificando-se dentro de pouco tempo.

A luta, por vezes encarniçada, entre os partidos liberal e conservador, travava-se quasi sempre no terreno da competencia politica; a transicção effectuava-se alternada e naturalmente, os grupos se revejavam no poder normalmente.

Porque assim succedia, o homem politico, como parte integrante de um todo homogeneo, era obrigado a soffrer tambem os revezes do seu partido, cedendo aos adversarios as posições e trabalhando para de novo conquistal-as com o predominio da situação liberal, no periodo decorrido entre 1863 e 1868 o Conselheiro Diogo Velho, que era um dos mais conspicuos membros do partido conservador, conservou-se inactivo, esperando a hora, que fatalmente havia de chegar, da queda dos seus adversarios.

Operando-se esse movimento, que de tempos em tempos se repetia como facto natural e logico, Diogo Velho voltou de novo á arena e, no 2º gabinete Ita-

borahy, foi chamado a occupar a pasta da Agricultura, Commercio e Obras Publicas.

Em 1875 desempenhou o cargo de Ministro da Justiça e dos Negocios Estrangeiros.

Em 1877 a Provincia do Rio Grande do Norte incluiu-o na lista triplice, em que a Corõa devia escolher um nome para occupar uma curul senatorial que vagara.*

A circumstancia de, estando no ministerio, ser eleito por uma provincia que não era a de seu nascimento deu logar a ser falsamente attribuido este resultado á intervenção official. Houve até quem escrevesse que o Imperador a reprovára; temos porém documento escripto de contrario.

A candidatura foi levantada pelos numerosos parentes nos dois partidos politicos e amigos que Diogo Velho tinha no Rio Grande do Norte, provincia limitrophe da sua e com esta intimamente ligada pela reciprocidade de relações sociaes, homogeneidade de população e enlace das principaes familias. A eleição correu na maior calma sem que tivesse havido alteração alguma no pessoal da administração provincial e por conseguinte sem que o governo interviesse por qualquer forma.

E' portanto pura phantasia a phrase: «... Diziam outros que o facto de incluir-se um ministro em lista senatorial de provincia estranha, e de ser portanto escolhido com detrimento de naturaes e legitimos candidatos da terra, lhe provocara na Europa profundo desgosto».

do Sr. J. M. Pereira da Silva nas suas «Memorias do meu Tempo» (vol. 2. pag. 182), obra aliás competentemente julgada pelo illustre litterato José Veríssimo (Revista Brazileira, 65 fasciculo 1.º de Setembro 1897, pag. 314) que a considera até perniciosa pelas inexactidões nella contidas.

«Nesse facto está perfeitamente synthetizado o prestigio e o valor politico que Diogo Velho gozava. Caxias, que era então Presidente do Conselho, impuzera e conseguira a escolha do nome do eminente parahybano.

Não bastava, porém, a vontade do Imperador (*) para que a escolha se tornasse effectiva: o Senado tinha que resolver sobre ella, approvando ou rejeitando-a.

Era então voz geral que a nossa Camara Alta recusaria o seu voto á decisão do Monarcha.

Se assim acontecesse, a derrota não alcançaria somente o candidato: feria de morte o Gabinete e derrubava com elle a situação conservadora.

O clarividente Caxias assim o entendeu e poz em acção o seu prestigio para que o Senado approvasse a escolha.

Mesmo no dia do pleito, os espiritos estavam indecisos, a situação não parecia de antemão definida, tudo era incerto e vago, duvidoso e imprevisito.

Souu emfim a hora da batalha.

Diogo Velho venceu por um voto apenas de maioria.

Estava conjurada a crise. O Gabinete triumphára.

Como se vê, nesse momento o morto de hontem personificou todo o seu partido.

Era digno de tal quem sempre se mostrara fiel á sua bandeira, supportando os revezes com a mesma tranquillidade dos momentos felizes.

Era um bello typo de homem partidario.

Delle se poderá dizer o que Charles Dupuy disse recentemente em Pariz na inauguração do monumento de Charles Floquet:

«Confians et fidèles, les hommes de son caractère ressemblent á ces voyageurs résolus qui garnis pour une longue route, ne se laissent courber un moment á l'inquiète mélancolie du une hante que pour repartir d'un pas plus ferme aux premières lueurs de l'aurore. Les heures douloureuses ne lui furent point épargnées, malgré l'irréprochable dignité de sa vie; mais

(*) A escolha foi da Princeza Regente.

si elles laissèrent son cœur inconsolé, elles n'effleurèrent jamais ni ses espérances sociales ni ses convictions.

Em 1886 Diogo Velho foi nomeado veador da Imperatriz e dous annos depois agraciado com o titulo de Visconde de Cavalcanti.

Em 1889 foi o Visconde um dos escolhidos para representar o Brazil na Exposição Universal de Pariz.

O advento da Republica encontrou-o no exercicio dessa missão.

O Visconde de Cavalcanti, comprehendendo que não devia continuar a militar na politica, permaneceu na Europa.

Ha pouco tempo voltou elle de novo ao seio da Patria, que tanto soube honrar e dignificar.

Completamente cego e abatido pelo peso dos annos, foi procurar repouso no Estado de Minas Geraes, de onde, hontem, nos veiu, pelo telegrapho, a noticia de seu fallecimento.

A' sua Exma. familia apresentamos os nossos sentidos pesames, e á Patria, que nelle perdeu um dos seus mais illustres filhos.*

Era: grande do Imperio, veador da Imperatriz, commendador da ordem de Christo do Brazil, Grande official da Legião de Honra, e gran-cruz da ordem de N. Senhora da Conceição de Villa Viçosa de Portugal e da Corôa Real da Prussia. Socio honorario do Instituto Archeologico de Pernambuco, do Lyceu de Artes e Officios do Rio de Janeiro, da Associação Beneficente de D. Pedro V, socio da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, socio correspondente do Instituto Geographico e Historico da Bahia e de varias outras associações nacionais e estrangeiras.

O antigo palacio do Governo da Bahia

Varias têm sido as transformações por que tem passado o novo e sumptuoso palacio do Governo.

Tendo Thomé de Souza escolhido logar apropriado pela commodidade da situação e defeza da cidade, para sua residencia, mandou construir o palacio em 1549, sendo fabricado de taipa e barro, passando-se para elle logo que se concluiu. Ahí tambem residiram os demais governadores até que o capitão-general Francisco Barretto de Menezes, no mesmo logar em que se havia feito o de taipa, mandou, em 1663, construir outro de pedra e cal, como se vê da inscripção que se achava sobre a porta principal do palacio, que diz assim:—*Reinando El rei D. Affonso VI. mandou fazer esta obra Francisco Barretto, governador e capitão-general deste estado, no anno de mil seiscentos sessenta e tres (1663).*

Esse edificio tinha 20 braças de frente com onze rasgadas janellas e um passadiço para o Tribunal da Relação sobre quatro arcos, passadiço que foi demolido ha poucos annos; dividindo-se pelo norte com a praça do mesmo Palacio, e ao sul com o edificio da Thesouraria de Fazenda.

Ainda em 1687 não estava de todo acabado segundo se lê em uma portaria de 1.º de Agosto desse anno em que se ordenava que o capitão de engenheiros fosse ver todos os reparos e mais obras de que o palacio necessitava, fazendo-se o qué fosse necessario.

No livro do *Tombo dos proprios nacionaes* lê-se o seguinte auto de medição. (*)

*Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1772, aos 29 dias do mez de Maio, nesta Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no palacio da residencia dos Srs. governadores desta capitania, aonde eu escrivão fui vindo, presente o

(*) *Brasil Historico* vol. 1: pag. 253.

desembargador Miguel Serrão Diniz, conselheiro do conselho ultramarino, e bem assim o desembargador Francisco Manuel de Souza Costa, procurador da real fazenda, e sendo também presentes o engenheiro Manuel de Oliveira Mendes e Alexandre Marques da Silva, mandou o conselheiro juiz do tombo, depois de vista e examinada uma fita de linho, que por ella se procedesse exactamente na medição do palacio, e tomadas todas as suas medidas, se achou que o referido palacio occupa de frente duxentos palmos; da parte do lêste com a entrada que faz a praça com a rua Direita das Portas de S. Bento cento e noventa e tres palmos, sendo setenta e cinco com o mesmo frontispicio que tem a frente principal; da parte do oeste que vai do corpo da guarda para a ladeira da Conceição, e faz frente lateral para o mar, cento e oitenta e sete palmos; o fundo do palacio, em que está a cosinha, fecha a quadra do pateo, que encosta da parte do sul com o fundo das casas do capitão Fortunato José Rodrigues Pinheiro, e com os da Santa Casa da Misericórdia.

E nesta conformidade houve elle conselheiro juiz do tombo, e officiaes medidores por bem feita a presente medição».

O edificio do palacio era contiguo a um sobrado particular pertencente a D. Michaela dos Passos, o qual foi depois comprado pelo Estado, e annexado ao palacio.

Naquelle sobrado havia uma grande porta que servia de cocheira, e que fôra alugada pela proprietaria para um estanco ou loja de tabaco de um portuguez de nome Joaquim Grutha, onde se reuniu constantemente grande numero de pretos africanos e outras pessoas da plebe, que iam ali fornecer-se de fumo, rapé, cigarros, e palestrar, os quaes sofriam de vez em quando impertinencias e descomposturas do dono da loja, quando, segundo diziam, estava elle com o *calundá*, e por isso ficou o portão, que passou a pertencer ao palacio conhecido por *porta do calundá*. (*Resumo Chronologico da Bahia.*)

Acima da janella superior á porta principal lia-se uma inscripção em laminas de cobre, de quatro palmos em quadro e em letras abertas em relevo inteiro, em que por ordem do governo se perpetuava a elevação da dynastia de Bragança ao throno portuguez em 1640. (*)

Accrescenta Accioli:

«Apesar da antiguidade desta inscripção, e da força typica da cal, ainda alguns dos seus caracteres conservavam o primeiro douramento, que de ordem do presidente Francisco de Souza Martins foi retocado, e tornada a collocar no mesmo logar.»

Com o correr do tempo o governo geral dispendeu avultadas quantias com os reparos do palacio, além dos que eram feitos por conta da antiga provincia.

O palacio servia, no pavimento superior, para morada dos presidentes, e de secretaria. No pavimento terreo, além da guarda de palacio, havia o archivo da secretaria, a Caixa Economica e a repartição das obras publicas.

Em Dezembro de 1887 o presidente cons. Machado Portella pediu ao governo geral a restauração do palacio, que ameaçava desabar, orçada, então, em 70 contos; e quando, no anno seguinte, o governo da provincia insistia pela obra inadiavel, o ministro, em resposta, concedeu apenas 14 contos «para concertos, pintura e decoração» do paço, irremissivelmente condemnado.

Com a proclamação da republica, o governador Dr. Manuel Victorino officiou a 16 de Janeiro de 1890 ao engenheiro director das obras publicas, que tendo recebido do ministro do interior autorização para proceder ás obras de reconstrucção do palacio, fosse annunciada a concorrência, afim de que ellas tivessem prompto começo de execução, de conformidade com o plano apresentado, feitas as

(*)—Estas placas de cobre acham-se no Instituto, offerecidas pelo secretario das obras publicas e distincto consocio Dr. José Antonio Costa.

modificações indicadas pelo mesmo Governador ao Dr. Alexandre Freire Maia Bittencourt.

No dia 24 de Janeiro, em virtude das obras decretadas, mudou-se a secretaria para os commodos onde funcionava a Assembléa provincial, no Paço municipal.

Orçadas as obras em cento e cincoenta contos, então, começaram os trabalhos de reconstrucção no dia 24 de Fevereiro, por pequenas empreitadas.

Por Aviso de 30 de Junho de 1891, assignado pelo cons. Aratipe, o governo federal, attendendo ao estado das obras, concedeu como auxilio por uma só vez mais um credito de 50 contos de reis.

Em Outubro de 1891, sendo os palacios encorporados aos respectivos Estados, proseguiram as obras novamente orçadas em duzentos e cincoenta contos pela verba «obras publicas» e por conta do Estado.

Em 1896 o actual governador, cons. Luiz Vianna decide resolutamente o acabamento do edificio, cuja construcção ia bastante demorada, encarregando a Secretaria das obras publicas da sua execução; e, graças á sua força de vontade, conta hoje o Estado da Bahia mais um edificio solidamente construido e elegante.

Muitos são os factos da nossa chronica colonial e da historia dos nossos dias que se acham ligados ao antigo palacio do governo, dos quaes os seus velhos muros foram mudas testemunhas.

Pela invasão hollandeza, em Maio de 1624, o governador—geral Diogo de Mendonça Furtado, reconhecendo insustentavel a resistencia que offercera ao inimigo ás portas da cidade, recolhera-se em palacio, de cujas janellas respondiam ao ataque das tropas invasoras.

Seguiu-se finalmente a prisão de Diogo de Mendonça e dos seus companheiros, sendo conduzidos

para bordo. Nas ameias do palacio tremulou então o pavilhão hollandez.

Fazendo erupção, no Brazil, em 1686, uma violenta epidemia, que o vulgo denominou—*mal da bicha*, desenvolveu-se intensamente na Bahia, da qual fora victima o governador Mathias da Cunha, que falleceu em palacio a 24 de Outubro de 1688.

Anteriormente, haviam ahí fallecido os governadores Lourenço da Veiga, a 17 de Junho de 1581, e Manuel Telles Barretto, em Março de 1587.

No governo do 3.º conde de Castello-Melhor, D. Pedro de Vasconcellos e Souza (1713-1714.) o povo, que recebera com animosidade o imposto de 10 % sobre o valor de todos os generos de importação e o augmento do preço do sal, reúne-se em attitude hostil, cerca o palacio e exige a abolição daquelles tributos. Apesar da interferencia do arcebispo, o povo só cedeu depois que viu satisfeitos os seus desejos.

Sob o vice-reinado de D. Vasco Fernandes Cesar de Menezes, Conde de Sabugosa, foi installada em palacio a *Academia Brazilica dos Esquecidos*, em Março de 1724, constituida dos homens mais eruditos da epoca.

De 24 de Janeiro a 24 de Fevereiro de 1808 estiveram hospedados em palacio D. João VI e toda a familia real portugueza, transferindo o governador, Conde da Ponte, a sua residencia para o sobrado fronteiro, até bem pouco tempo conhecido por casa de Caetano de Mattos, no começo da rua Visconde do Rio Branco.

A estada do principe regente na Bahia foi de grande importancia para a historia da independencia do Brazil.

Entre os grandes actos emanados do principe regente salienta-se a importante Carta Régia de 28 de Janeiro pela qual foram declarados abertos os portos do Brazil á todas as nações amigas; a criação de uma Escola cirurgica; a construcção de todas as obras necessarias para a defeza do porto; a abertura de estradas, etc.

Datados de palacio, foram expedidos, em 1837, os primeiros decretos do ephemero governo do vice-governador do estado da Bahia, João Carneiro da Silva Rego. (*A Sabínada*).

Em 1859 serviu de residencia provisoria a S. S. Magestades D. Pedro de Alcantara e D. Thereza Christina e sua comitiva em visita ás provincias do Norte. Nessa occasião os veteranos da independencia deram a guarda de palacio.

Finalmente, no dia 15 de Novembro de 1889, com a proclamação da Republica no Rio de Janeiro, que o presidente cons. Almeida Couto considerou mero levante de quarteis, foi redigido em palacio um manifesto de adhesão ao imperador D. Pedro 2º., o qual foi subscripto por grande numero de influencias politicas de ambos os partidos dominantes.

Dois dias depois, esse documento, que devia ser dado á publicidade, foi consumido.

O palacio em 1859

Extractamos do *Jornal da Bahia* a descripção do antigo Palacio do Governo da Bahia, por occasião da visita de S. S. M. M. Imperiaes em Outubro de 1859, escripta pelo seu redactor chefe o Dr. Francisco José da Rocha.

O conselheiro Manuel Messias de Leão, vice-presidente da provincia, logo que teve participação official da viagem de S. S. M. M., nomeou uma commissão composta dos commendadores Antonio Pedroso de Albuquerque, Manoel José de Almeida Couto e Joaquim Pereira Marinho, que tratasse com zelo e promptidão do preparo e decoraçáo do palacio do governo, que deveria servir de paço imperial.

A illustre commissão desempenhou cabal e satisfactoriamente a sua tarefa, correspondendo dignamente á espectativa dos seus compatriotas, e decla-

rou ao governo que ficavam á sua disposição muitos dos objectos que, á expensas suas, mandaram collocar no palacio, e entre elles alguns de grande valor.

«O exterior do palacio foi pintado de amarello com portas brancas, tendo na janella do centro um mastro onde devia tremular o estandarte imperial.

A escada de pedra, que é a entrada principal, estava toda alcatifada de tapetes e conduzindo á uma grande sala de espera convenientemente preparada, ornada de arandelas, cujas paredes tingem uma bonita côr de pedra.

Para a direita desta sala, segue-se a do despacho de S. M. I.

A sua mobilia de jaqueira, é de um gosto singelo, mas elegante. O espaço entre as duas janellas da frente é occupado por um rico espelho, e defronte d'elle um magnifico relógio de bronze dourado, reliquia ainda da afamada mobilia de Cerqueira Lima. Um pouco adiante, uma mesa oval de mogno, coberta com um panno avelludado, tinha em cima uma escrevaninha de prata de 20 polegadas de comprimento, formando uma concha, que tem em cada uma de suas extremidades duas nymphas sentadas, sendo cada uma destas figuras de grande perfeição e primoroso trabalho. A sala é alcatifada de um oleado de bonitos desenhos, e as cortinas das janellas de finissima cassa branca.

A sala de jantar de S. S. M. M. é mobiliada de mogno e alcatifada de oleado.

Sobre a mesa e aparadores admirava-se um esplendido serviço de prata massiça, contendo peças importantissimas, não havendo para a mesa de S. S. M. M. um só prato que não seja desse metal e de trabalho artistico admiravel. Os talheres são todos de ouro.

Seguindo para o lado da rua direita, vê-se o aposento destinado ao ministro do imperio mobiliado de jacarandá com alcatifa tambem de oleado, e communicando com tres commodos, dos quaes um é a

sala de recepção e despacho, e os outros para os officiaes de gabinete.

Tomando-se para a esquerda da grande sala de espera, entra-se pela sala de recepção official com 70 palmos de comprimento e 30 de largura. E' toda alcatifada de tapete vermelho com desenhos escuros; tem uma bonita mobilia de mogno, de gosto não muito antigo, um lustre de vidro com 24 mangas, um grande espelho, estando as portas e janelas adornadas com bellissimas cortinas. No tópo desta sala acha-se collocado o retrato do illustre cidadão José Bonifacio de Andrada e Silva.

Dahi passa-se para a sala de recepção, denominada —*sala vermelha*.

Tendo as mesmas dimensões que a precedente, foi alcatifada de tapete vermelho, e as paredes forradas de papel vermelho dourado; as cortinas são de cassa branca fina com bambinellas de seda escarlate e enfeites da mesma côr. O tecto é de tecto antigo formando diversos quadros pyramidaes, pintado de branco com frisos dourados. A mobilia a Luiz XV, é de mogno estofada de damasco vermelho.

Sobre os *consolos* ha dous espelhos grandes dourados, e um relógio de bronze dourado, de grande valor. Contigua á esta, e dando todos tres para a praça, fica a sala de docel, que chamaremos a *sala verde*, a qual tem quatro janelas para o mar, donde se descobre toda a bahia.

E' alcatifada de tapete verde, e as paredes são forradas de papel verde dourado.

As cortinas de seda verde e amarella, e o tecto branco tendo no centro a corôa imperial.

Na parede da esquerda ha 3 grandes retratos:— do sr. D. Pedro 2.^o, de S. M. a Imperatriz, e do sr. Pedro 1.^o, cobertos com setim verde. No fundo está o docel. Sobre tres degraus forrados de velludo verde e orlados de galão de ouro verdadeiro, ha duas cadeiras de braços, ambas douradas em obra de talha, estofadas de damasco escarlate de Lyão. Ao lado de cada uma dessas cadeiras ha um bofete de velludo verde, agalado de ouro, e em cima delles

duas almofadas da mesma fazenda com borlas também de ouro.

Duas grandes e elegantes cortinas de velludo também verde circuladas de ouro caem de uma grande corôa dourada, da qual se desprende uma magestosa saneia de velludo verde, orlado de galão, com borla de canutilho.

Todas estas salas communicam com a sala de jantar de estado, que tendo duas janellas para o mar atravessa todo o palacio até a rua Direita.

Esta sala tem mais de 200 palmos de extensão e é ricamente mobiliada com cadeiras de pào setim, tres sophás da mesma madeira, e seis aparadores, dentro dos quaes ha serviços completos tanto de porcellana e crystal, como de prata, merecendo especial menção algumas salvas e pratos travessos de prata.

No meio da sala ha duas grandes mesas ovaes, sobre as quaes, entre varios objectos de gosto e valor, ha tres peças muito importantes que pertencêram á casa Cerqueira Lima: são duas serpentinas de bronze dourado com mangas de crystal, e uma jardineira do mesmo metal, com um grande e bem acabado ramo de flores de panno.

Perto de uma das janellas que deitam sobre o mar ha um grande oculo de alcance, galvanizado de prata, e no espaço entre as duas janellas, em frente de um grande espelho, sobre pedestal de mogno dourado vê-se uma bacia de prata, circulada com uma grinalda de cerca de 80 polegadas de circumferecia, sobresahindo do centro uma rocha, da qual ergue-se uma Nayade, também de prata, que tem na cabeça uma rosa, de cujo centro sae o esguicho.

A figura, que tem 30 polegadas de altura, é de uma execução irreprehensivel, nua, apenas com uma toalha que lhe pende dos hombros. Aos pés nadava um bello cysne de prata, que parecia com o bico segurar a ponta inferior da toalha.

No fundo da sala, sobre um pedestal de jacarandá, ha uma grande jarra de prata de mais de 60

polegadas de altura, e toda lavrada em relevo, com quatro azas entre as quaes quatro Nayades.

A tampa tinha por aza um cysne.

O coco, para tirar agua da jarra, figura um grande calix de flor sabindo de oito folhas; e o cabo, de cerca de 30 polegadas, é o seguimento de uma linda sereia.

Esta talha no pedestal tem 7 palmos de altura, e na sua maior circumferencia cerca de dez. Avaliam-se estas peças em 12:000\$000.

No andar superior, ao sahir da escada, tambem coberta do tapete, entra-se em uma sala de espera, esteirada, com mobilia de jacarandá a Luiz XV. Junto ao sophá ha uma mesa oval toda de tartaruga com pés e rodellas de prata: os *consolos* de pedra côr de noz-raiada de preto.

Os aposentos de dormir de S. S. M. M. occupam o centro do pavimento superior dando as janellas para a rua Direita de Palacio, e ao lado de cada um destes quartos os *toilettes*.

Ahi é que se acha a magnificencia e o luxo.

O toucador de S. M. a Imperatriz é alcatifado de um lindo tapete avelludado, e a mobilia consta de um sophá e doze cadeiras de mogno estofadas, dous consolos com pedra branca sustentando dous espelhos de moldura dourada, e tres serpentinas de prata com cinco ou seis mangas de crystal, figurando uma dellas uma magestosa palmeira. No fundo ha um grande espelho dourado, elevando-se do chão até mais de meia altura da parede, e em frente d'elle uma mesa redonda de charão, embutida de madre-perola, com um pequeno e lindissimo tinteiro de prata rendada, cujos vasos são de crystal azul. No meio uma mesa redonda de Sebastião d'Arruda com pedra marmore toda de mosaico embutido de varias cores e formas. O lavatorio é de mogno com pedra branca; tem um jarro e bacia de prata dourada, e dous jarros de crystal côr de canna, sobre os quaes ha dous espelhos concavos reflectindo todo o aposento. Ha tambem dous guarda-vestidos de mogno, e um piano suiso de excellente

qualidade, um toucador com espelho oval, muitas perfumarias, etc.

O quarto de dormir de S. M. a Imperatriz tem a alcatifa igual ao do seu toucador. O leito é de jacarandá com talha de grande trabalho artistico, cortinados de gasse com ramos e a cupola dourada. A mobilia consta de um sumptuoso sophá e sete cadeiras a Luiz XV, de talha dourada sobre mogno massiço, e estofadas de seda de Lyão vermelha com adamascado dourado; de dous consolos do mesmo estylo com pedra branca, e tendo duas serpentinas de prata com jarras chinezas.

O quarto de dormir de S. M. o Imperador tem a mesma rica mobilia de talha dourada, que o de S. M. a Imperatriz, e alcatifa igual. O leito é tambem de jacarandá, e as colchas de seda amarella bordada de matiz da India, havendo mais um guarda-roupa de jacarandá, duas grandes serpentinas de prata com mangas de crystal e jarras chinezas: capachos de lã de carneiro e reposteiro de seda azul.

O gabinete particular ou toucador de S. M. o Imperador tem um grande sophá com oito cadeiras de mogno, uma mesa de Sebastião de Arruda sustentada por quatro mochos com as azas abertas, e tendo uma rara pedra marmore transparente amarello com grandes veias brancas como madre perola, pedra julgada superior ao alabastro.

Sobre esta mesa ha um rico e primoroso tinteiro de prata, uma charuteira e duas pequenas jarras de prata bordadas em relevo. O toucador, o guarda-roupa e o lavatorio são de erable embutido de mogno com pedra branca.

Sobre um dos *consolos* ha uma magnifica serpentina de prata com mangas de crystal e duas jarras grandes de prata para flores. Sobre o outro ha um relógio de prata, que é a peça que mais tem prendido a attenção, não só pelo seu tamanho, como pela belleza do seu trabalho. Representa um leão e um veado sustentando uma pequena grinalda da qual sae um braço de homem com um martello, assentando os dous animaes, como a bandeija do relógio,

em um pedestal baixo de jacarandá coberto de velludo escarlata. De uma outra grinalda superior sae o mostrador, sobre o qual ha um passaro que parece amedrontado com o sussurro da pendula, querendo transmitir seus receios a um outro passaro que está mais alto. Nos lados do mostrador dous astrónomos consultam o tempo e o determinam. Estas duas figuras têm cerca de 12 polegadas de altura cada uma, e são de prata lixada. Tudo revela o mais primoroso trabalho.

Todos estes commodos têm arandellas de prata com braços e mangas de crystal.

A' direita da sala de espera encontra-se a capella na qual ha dous nichos com dez imagens de prata:

CATALOGO DOS JORNAES BAHIANOS

(Continuação)

197	O Bom Senso.	1856
198	O Estudante.	1856
199	O Povo. 7 de Abril	1856
200	O Raio. 1 ^o de Outubro	1856—57
201	A Lei. (1) 14 de Abril	1857
202	A Opinião. (2) 22 de Julho	1857—58
203	Echo Republicano.	1857
204	O Espelho Magico.	1857
205	O Fiscal. (3)	1857—58
206	O Justiceiro. 5 de Agosto	1857
207	O Rebate.	1857
208	A Imprensa. (4) Dezembro	1858—60
209	O Echo da Ordem. Abril	1858—59
210	O Ferro. (5) 20 de Fevereiro	1858
211	O Norte. (6) Agosto	1858
212	O Pharol. (7) Setembro	1858—59
213	O Telegrapho. 14 de Janeiro	1858
214	O Tempo.	1858
215	O Echo Bahiano.	1859—60
216	A Abelha. (8) Fevereiro	1860—61
217	Bibliotheca Bahiana.	1860
218	Correio do Norte. (9) 8 de Fevereiro	1860
219	Estrella do Norte.	1860
220	Jornal da Tarde.	1860
221	O Brazil Catholico.	1860—63
222	O Descentralizador. 21 de Abril	1860—61
223	O Diabo a Quatro. Fevereiro	1860
224	O Direito.	1860—63
225	O Estudante.	1860

(1) Periodico politico, litterario e commercial.

(2) Periodico politico.

(3) Redactor e responsavel Joaquim José de Araujo.

(4) Periodico politico, litterario e noticioso. Typ. de Antonio Olavo da França Guerra.

(5) Periodico liberal e progressista.

(6) Jornal politico, litterario e commercial.

(7) Periodico politico e litterario.

(8) Jornal politico, litterario e noticioso.

(9) Periodico politico, moral e litterario.

226	O Interesse Publico. (1)	1860—70
227	O Kaleidoscopo.	1860
228	O Lyceista.	1860
229	O Maribondo. (2) 13 de Agosto	1860
230	A Constituição. (3)	1861—63
231	A Cabeçada.	1861
232	A Reforma da Instrucção.	1861
233	Gazeta Medica. (4)	1861
234	Interesse Agricola.	1861
235	O Artista. 6 de Novembro	1861
236	O Capoeira.	1861
237	O Caradura.	1861
238	O Casmurro.	1861
239	O Cosmopolita. 28 de Outubro	1861—62
240	O Cruzeiro. Abril	1861—64
241	O Diabo. 28 de Dezembro	1861—62
242	O Pharol da Razão.	1861
243	O Porvir.	1861
244	Recreio das Senhoras.	1861
245	A Bahia.	1862
246	A Bomba.	1862
247	A Barroca.	1862
248	A Experiencia. Outubro	1862
249	A Luz.	1862
250	A Matraca. 1º de Maio	1862
251	A Nova Epocha. 2 de Outubro	1862—63
252	A Platéa.	1862
253	A Sentinella.	1862
254	A Thesoura.	1862
255	A Violeta.	1862
256	Auxiliador das Artes.	1862
257	Echo Litterario.	1862
258	Jornal Satyrico.	1862
259	O Anjo da Guarda. 10 de Março	1862

(1) Redigido por Domingos Guedes Cabral. Foi processado e preso, sendo solto em Outubro de 1862.

(2) Jornal das verdades.

(3) Periodico politico. Reappareceu em 1865.

(4) Houve outra de igual nome, fundada em 1866, que ainda vive.

260	O Arrocho.	1862
261	O Conciliador.	1862
262	O Estudante.	1862
263	O Lyrico.	1862
264	O Imperialista.	1862
265	O Orgão da Razão e da Lei. 6 de Abril	1862
266	O Panno do Theatro.	1862
267	O Popular. (1) Novembro	1862—63
268	O Telescopio.	1862—63
269	O Vigilante. 1º de Fevereiro	1862
270	A Estrella.	1863
271	A Patria.	1863
272	A Religião.	1863
273	O Alabama. (2) 21 de Dezembro	1863—91
274	O Brazil. (3)	1863
275	O Investigador.	1863
276	O Observador. (4) 14 de Dezembro	1863—66
277	O Patriota. 8 de Março.	1863—65
278	Periodico do Instituto Historico da Bahia. (5)	1863—64
279	Primeiro de Março.	1863
280	A Catana.	1864
281	A Situação.	1864
282	A Tempestade. (6) 15 de Setembro	1864
283	Dous de Julho.	1864
284	Echo do Norte	1864
285	O Gaz. 23 de Maio	1864
286	O Liberal.	1864
287	O Mohican. (7) 21 de Janeiro	1864
288	Sancho Pança.	1864
289	Sete de Setembro.	1864
290	A Constituição. (8)	1865—67

(1) Jornal politico, noticioso e critico.

(2) Periodico critico e chistoso. Typ. do *Interesse Publico*.
Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*.

(3) Jornal catholico, litterario e noticioso.

(4) Jornal politico, litterario e noticioso.

(5) Publicou 8 fasciculos apenas.

(6) Jornal critico e litterario.

(7) Jornal do Povo e para o Povo.

(8) Jornal politico. Propriedade de Fortunato Antonio de
Freitas.

291	A Critica.	1865
292	A Droga.	1865
293	A Estrella d'Alva. (1)	1865—66
294	A Imprensa.	1865
295	O Applicador. (2) Fevereiro	1865—90
296	O Cosmorama.	1865
297	O Critico.	1865
298	O Imparcial. 20 de Fevereiro	1865
299	O Novo Patriota. 16 de Junho	1865
300	O Observador.	1865
301	O Pharol. (3) Abril	1865—69
302	O Voluntario.	1865
303	Revista Academica. (4) Maio	1865
304	A Aurora. Julho	1866—67
305	A Bomba.	1866
306	Bosquejo Litterario.	1866
307	Botão de Rosa.	1866
308	Crepusculo.	1866
309	Gazeta Medica da Bahia. (5) 10 de Julho	1866—90
310	Jardim Recreativo.	1866
311	O Agricultor Bahiano. (6) 20 de Junho	1866

(1) Periodico litterario e scientifico.

¶ (2) Periodico mensal do Collegio Septe de Setembro.

O seu ultimo numero é de Julho de 1890. Era redigido pelo illustrado director do Collegio, o Dr. Luiz F. Pinto de Carvalho.

Foi publicado a principio na Typ. de E. Pedrossa, e depois nas de França Guerra e João Tourinho.

(3) Jornal politico e litterario. Redigido por Bellarmino Barretto.

(4) Publicação mensal. Periodico scientifico e litterario: redactores Americo Pacheco, Satyro Dias, A. Pacifico Pereira, Aprigio de Menezes e Rozendo Muniz Barretto.

(5) Fundada pelos Drs. Virgilio Climaco Damazio e Antonio Pacifico Pereira.

(6) Escripto pelo Dr. Alexandre José de Mello Moraes e consagrado exclusivamente aos interesses da agricultura brasileira sob os auspicios do Imperial Instituto Bahiano de Agricultura.

312	O Azorrague. 1º de Dezembro	1866
313	O Brado do Povo. Jornal politico	1866—67
314	O Cachorro.	1866
315	O Capeta viajante.	1866
316	O Diabo Côxo.	1866
317	O Instituto.	1866
318	O Liberal Progressista. 19 de Fevereiro	1866
319	O Novo Maribondo. 15 de Novembro	1866—67
320	O Oculo Magico. 19 de Maio	1866—72
321	O Progressista.	1866—68
322	O Renegado. 5 de Dezembro	1866—67
323	A Nova Sempre-Viva. 22 de Novembro	1867—68
324	A Canastra.	1867
325	Bemtevi.	1867
326	Correio do Povo. 9 de Agosto	1867
327	A Machambomba. 29 de Julho	1867
328	O Corisco. Illustrado.	1867
329	O Debate. 3 de Maio	1867
330	O Defensor do Povo.	1867
331	O Despertador. 1º de Outubro	1867
332	Orgão da Lei. (1) 26 de Outubro	1867—68
333	O Namoro.	1867
334	O Omnibus. (2) 19 de Janeiro	1867
335	O Raio.	1867
336	O Sentinella Invisivel. 2 de Fevereiro	1867
337	O Trovão. Junho	1867—68
338	Revista Brazileira.	1867
339	A Ideia. (3) Agosto	1868
340	A Nação.	1868—69
341	A Roseira. (4)	1868

(1) Periodico conservador.

(2) Periodico politico, satyrico e recreativo.

(3) Publicação quinzenal. Dr. Moura Magalhães, Julio Mario e Paulo Marques.

(4) Periodico para as familias. Redactor e proprietario Dr. Francisco de Macedo Costa.

342	Bahia Illustrada. (1)	1868—70
343	O Artista. 9 de Outubro	1868
344	O Iris.	1868
345	O Oraculo.	1868
346	Os Defunctos. (2) 7 de Setembro	1868—69
347	O Viajante. 4 de Junho	1868
348	Revista dos Estudantes.	1868
349	Telegrapho Universal. (3) Dezembro	1868—69
350	A Esperança (4) 2 de Outubro	1869
351	A Luz.	1869
352	A Monarchia. (5) Julho	1869
353	A Opinião Publica. (6) 28 de Junho	1869
354	A Sentinella.	1869
355	Chronica Religiosa. (7) 8 de Dezembro	1869—77
356	Jornal do Commercio.	1869
357	O Album. (8) Maio	1869
358	O Brado Liberal da Bahia. 1º de Agosto	1869
359	O Echo d'Além Tumulo. (9) Agosto	1869—71
360	O Echo do Povo.	1869
361	O Furioso. Outubro	1869

(1) Redactores e proprietarios Severiano Cardoso e Bricio Cardoso. Suspendeu a sua publicação em Maio de 1870 com 158 numeros, sendo substituida pela *Phœnix*, gazeta illustrada tambem.

(2) Periodico politico e satyrico, red. por Augusto Pinto Paes.

(3) Jornal de Variedades.

(4) Red. por uma associação de estudantes do collegio *Dons de Dezembro*.

(5) Periodico politico e litterario, redigido por Francisco Pires de Carvalho e Aragão.

(6) Orgão conservador.

(7) Periodico consagrado aos interesses da religião e publicado sob os auspicios do Exm. Arcebispo Conde de S. Salvador. Era redigido pelo Conego Juliano José de Miranda, Cura da Sé.

(8) Periodico litterario e recreativo. Redactor e proprietario Mamede de Vasconcellos.

(9) Monitor do Spiritismo na Bahia, red. por Luiz Olympio Telles de Menezes.

362	O Gladio do Seculo. (1) 14 de Setembro	1869
363	O Grito da Patria.	1869
364	O Porvir. (2) 25 de Junho	1869
365	Zaca.	1869
366	Bahia Litteraria. (3) Fevereiro	1870
367	Boulevard. (4)	1870
368	Brado do Povo.	1870
369	Ensaios Litterarios. (5) 1.º de Abril	1870
370	Jornal dos Caixeiros. (6) 26 de Março	1870
371	Microcosmo (7) 25 de Maio	1870
372	Museu Social. Illustrado. Janeiro	1870
373	O Carril. (8) Novembro	1870
374	O German. (9) Junho	1870
375	O Irmão Terrivel. (10) 2 de Outubro	1870
376	O Patioba. 11 de Agosto	1870
377	O Prenuncio. (11) Junho	1870
378	Phenix. (12) Maio	1870

(1) Orgão do Instituto Litterario Bahiano.

(2) Periodico scientifico, e litterario. Redactores João B. de Castro Rebello, João Machado Sampaio, Pedro Leão Velloso Filho e Severino dos Santos Vieira.

(3) Publicação quinzenal dedicada a litteratura. Redactores João José de Britto e Hermenegildo da Silva Senna.

(4) Periodico instructivo e recreativo, dedicado ao bello sexo. Publicava-se duas vezes por semana.

(5) Publicação quinzenal sob a direcção dos academicos Frederico Lisboa, Alfredo Pompilio, Manoel Dantas e Paula Guimarães.

(6) Orgão da classe caixeiral. Red. por Severiano e Bricio Cardoso.

(7) Periodico scientifico e litterario. red. por academicos.

(8) Periodico. red. por Francisco Bento de Paulo Bahia.

(9) Periodico do curso pharmaceutico sob a direcção de Moura Junior e Leonidas Damazio.

(10) Periodico politico.

(11) Periodico scientifico, litterario e recreativo. red. por Franklin Cezar e Costa Barros.

(12) Gazeta illustrada e hebdomadaria, red. por Severiano e Bricio Cardoso.

379	Revista da Instrucção Publica. (1) 1º de Junho	1870—73
380	Revista Commercial da Bahia. (2) Maio	1870—75
381	União e Industria. (3) 8 de De- zembro	1870—71
382	Alcaçar. Illustrado. 2 de Janeiro	1871
383	A Voz do Sertão. 6 de Maio	1871
384	A Nova Era (4) 2 de Junho	1871
385	Correio da Bahia. (5) 25 de Março	1871—78
386	Ferrabraz.	1871
387	Instituto Academico. (6) 3 de Maio	1871
388	O Abolicionista. (7) 15 de Março	1871—74
389	O Democrata. (8) 24 de Março	1871
390	O Marquez de Pombal. 13 de Maio	1871
391	O Reverbero. Illustrado. 3 de Janeiro	1871
392	O Voluntario. 24 de Maio	1871
393	Tribuna Catholica.	1871
394	A Chrysalida. (9) 10 de Agosto	1872
395	A Perola (10) 7 de Setembro	1872

(1) Publicação quinzenal, creada pela Lei de 16 de Maio de 1870, que reformou os estudos, e red. pelo Dr. Antonio Franco da Costa Meirelles.

(2) Era publicada pelo Sr. João Gonçalves Tourinho.

(3) Periodico destinado a auxiliar a Companhia *União e Industria*, e animar os operarios livres.

(4) Periodico scientifico e litterario, red. pelo Padre Dr. Romualdo de Seixas Barroso, Costa Barros e Barroso de Souza.

(5) Orgão conservador dissidente. Propriedade do Dr. Innocencio Marques de Araujo Góes Junior, era red. pelos Drs. Innocencio Góes e Euzapio Deiró.

(6) Redigido pelos academicos Eutichio Soledade e Alfredo Pompilio.

(7) Orgão quinzenal da Sociedade Libertadora—Sete de Setembro. Red. pelos Drs. Frederico M. de Araujo e Augusto Alvares Guimarães.

(8) Periodico politico e litterario.

(9) Periodico scientifico e litterario, red. por Pedro Leão Velloso Filho, João Baptista Tourinho, Rodrigo Brandão, Frederico de Castro Rebello e outros jovens estudantes.

(10) Periodico, red. por Bernardino José Muniz.

396	Diario de Noticias. (1) 24 de Janeiro	1872
397	Ilustração Bahiana. Ilustrada. 27 de Março	1872
398	O Academico. (2) 1º de Agosto	1872
399	O Apostolo.	1872
400	O Commercial. (3) 26 de Junho	1872—77
401	O Constitucional. (4) 27 de Abril	1872—75
402	O Horisonte. (5) 24 de Maio	1872
403	O Sentinella da Liberdade. (6) 4 de Julho	1872
404	Revista da Bahia.	1872
405	Revista Ecclesiastica 11 de Abril	1872
406	Revista Ilustrada. Maio	1872
407	A Luz. 10 de Maio	1873
408	O Instituto Academico. (7) 1º de Agosto	1873—74
409	Archivo Economico. (8) 26 de Maio	1873—75
410	A Razão. Jornal academico. 1º de Agosto	1874
411	Archivo Ilustrado. (9) 15 de Julho	1874—75
412	A Motuca. (10) 25 de Maio	1874—75

(1) Publicação da tarde. Propriedade de Carvalho & Gama. Houve outro de igual nome em 1875, e que ainda vive.

(2) Periodico dedicado á medicina e á litteratura, e red. pelos academicos Ascendino Reis, Ribeiro da Cunha, Moura Junior e Aréa Leão.

(3) Preço Corrente da Praça. Propriedade de Adolpho Brazão.

(4) Órgão conservador.

(5) Órgão republicano na Bahia, red. pelo Dr. Frederico Lisboa.

(6) Redactor e Proprietario Veridiano de Amazona.

(7) Órgão da Sociedade—Instituto Academico, dedicado á medicina e á litteratura. Era red. pelos academicos Romualdo de Seixas Filho, redactor em chefe, Climerio C. de Oliveira, J. C. Balthazar da Silveira, Frederico de Castro Rebello e Guilherme Pereira Rebello.

(8) Periodico hebdomadario. Publicava escriptos historicos, litterarios e recreativos.

(9) Era publicado na Typographia Perseverança.

(10) Periodico satyrico, chistoso e litterario.

413	A Scentelha. (1) 16 de Setembro	1874
414	Jornal Academico. (2) 10 de Setembro	1874
415	O Lampadophoro. (3) 15 de Agosto	1874
416	O Museu Bahiano. (4) 4 de Outubro	1874
417	O Artista. Periodico illustrado. 8 de Outubro	1874—76
418	O Aqui d'El-Rei. (5) 18 de Abril	1874
419	O Cruzeiro. (6) 6 de Agosto	1874
420	O Estudante.	1874
421	O Incentivo. (7) 27 de Agosto	1874—75
422	O Jesuita. (8) 12 de Junho	1874
423	O Papyro. 23 de Maio	1874
424	A Lei.—Illustrado. 21 de Outubro	1875—78
425	A Mocidade. (9) 15 de Junho	1875
426	A Tribuna.—Illustrado.	1875—80
427	Diario de Noticias. (10) 1º de Março	1875—99
428	Norte-Academico. (11) Setembro	1875—76
429	O Gaíato. 7 de Junho	1875
430	O Velocipede. (12) 4 de Fevereiro	1875
431	A Rabeca. Agosto	1876—77
432	A Tribuna. (13) Outubro	1876
433	Brado da Liberdade.	1876

(1) Era publicado na Imprensa Economica, propriedade de uma associação de academicos. Redactores Julio da Gama e Arthur Americano.

(2) Orgão da Sociedade academica—Sciencias e Lettras.

(3) Orgão academico. Periodico semanal, scientifico e litterario.

(4) Periodico illustrado, satyrico e chistoso.

(5) Orgão politico. Edição unica.

(6) Periodico semanal dedicado a Religião e á Patria.

(7) Periodico da Faculdade de Medicina, redigido por Cimerio C. de Oliveira e Romualdo A. de Seixas Filho.

(8) Jornal humoristico, redigido por Augusto Lessa.

(9) Periodico academico sob a redacção de Bellarmino Dorea e Rodolpho Theophilo.

(10) Gerente e Redactor Manuel da Silva Lopes Cardoso.

(11) Periodico academico, sob a redacção de Victorino Pereira, Ferreira de Campos e Aureliano Garcia.

(12) Jornal de annuncios da casa commercial—65.

(13) Periodico popular.

434	Jornal do Commercio. (1) 7 de Fev.	1876
435	Jornal do Povo. Junho.	1876
436	O Artista. (2)—Illustrado.	1876
437	O Bond.	1876
438	O Labor. (3) 1º de Setembro	1876
439	O Lidador.	1876—78
440	O Monitor. (4) 1º de Junho	1876—81
441	Vinte Cinco de Junho. (5) Março	1876—77
442	A Luz.	1877—78
443	Liga Operaria Bahiana.	1877—78
444	Labarum.	1877
445	O Arco da Velha.—Illustrado.	1877
446	O Binoculo.	1877—78
447	O Parafuzo.	1877
448	A Balança.	1878—79
449	A Epocha.	1878
450	A Navalha.	1878
451	A Sineta.	1878
452	A Vespa.	1878
453	Diario das Petas.	1878
454	Diario do Povo. Fevereiro	1878
455	O Amigo do Povo.	1878
456	O Azorrague.	1878
457	O Atheneu Bahiano. (6) 1º de Março	1878—79
458	O Brazil.	1878
459	O Caixeiro. (7) Março	1878—79
460	O Futuro Através dos Factos. 25 de Dezembro	1878—79

(1) Redigido pelo Dr. Barbosa Nunes.

(2) Artes, commercio e agricultura—J. G. Tourinho.

(3) Semanario litterario e noticioso: orgão de um grupo typographico.

(4) Orgão liberal dissidente. Redigido por Bellarmino Barretto e pelos Drs. Pedro Antonio Falcão Brandão, Antonio Eusebio de Almeida e Antonio Carvalhal.

(5) Periodico conservador: propriedade de Antonio Olavo da França Guerra.

(6) Periodico mensal. Orgão dos alumnos do Collegio.

(7) Publicação litteraria dedicada á classe caixeiral. Redactor e proprietario Severiano Pereira.

461	O Patriota. (1) Março	1878
462	O Patusco.—Illustrado.	1878—79
463	O Raio.	1878
464	O Typographo.	1878
465	Provincia da Bahia.	1878
466	Satanaz.	1878
467	Semana Religiosa da Archidiocese da Bahia. 17 de Julho	1878—80
468	A Chrysalida.	1879
469	Aurora Atheniense. (2) Agosto	1879—81
470	A Evolução. (3) Julho	1879
471	Ao Redor da Beocia (4) Agosto	1879
472	Gazeta da Bahia. (5) 1º de Janeiro	1879—90
473	Guaycurú. 24 de Agosto	1879
474	Jornal de Noticias. (6) 20 de Setembro	1879—99
475	O Balão. (7)—Illustrado. 1º de Julho	1879—88
476	O Dedo de Deus.	1879
477	O Ideal.	1879
478	O Liberal.	1879
479	O Santelmo. (8) Fevereiro	1879—81
480	O Sentinella do Povo. 14 de Julho	1879
481	O Telegrapho. 3 de Março	1879
482	O Telephone. 29 de Janeiro	1879
483	Pequeno Jornal. Maio	1879
484	Revista Democratica. (9) 30 de Junho	1879—80

(1) Periodico critico e litterario.

(2) Orgão dos alumnos do Collegio Atheneu Bahiano, redigido por Alfredo Campos, Salles Barbosa, Urcicino Godinho, Felipe Machado e outros.

(3) Revista academica, redigida por Joaquim Climerio Dantas Bião e outros.

(4) Orgão do Club da Parvania.

(5) Orgão do partido conservador.

(6) Fundado em 1879 e reformado em 1886 por Carlos de Moraes & Carvalho, é propriedade de Aloysio de Carvalho & Irmãos. É redigida pelos Srs. Aloysio de Carvalho, Lelis Piedade e Alfredo Requião.

(7) Redigido por Augusto Lessa; reapareceu em 1896.

(8) Gazeta democratica em Bem do Povo.

(9) Publicação mensal: orgão da Sociedade Democratica Classe Caixeiral.

485 Vapor dos Traficantes.	1879
486 A Escola. (1) 7 de Setembro	1880—81
487 A Gargalhada. (2)	1880
488 A Lyra.	1880
489 A Voz do Commercio. (3) 2 de Dezembro	1880
490 Echo da Verdade.	1880
491 Gazeta da Tarde. (4) 1º de Março	1880—89
492 O Bahiano. (5)	1880
493 O Gladiador.	1880
494 O Satanaz.—Ilustrado.	1880—82
495 O Seculo.	1880
496 Renascimento. (6) 24 de Abril	1880
497 A Bahia.	1881
498 A Instrucção Bahiana. (7) Março	1881
499 Gazeta Militar.	1881—82
500 O Grillo. Junho	1881
501 O Homem. 8 de Agosto	1881
502 O Imparcial.	1881
503 O Movimento.	1881
504 O Retratista. 1º de Janeiro	1881
505 O Tagarella.	1881
506 O Tempo.	1881
507 A Lanterna. 2 de Julho	1882
508 Colombo.	1882
509 Espelho Magico.	1882
510 Gazeta Illustrada.	1882
511 Mephisto	1882

(1) Periodico bimensal do Gremio Normalistico e redigido por Ezequiel Britto, Anisio Vianna, Leopoldo dos Reis e Argollo Castro.

(2) Revista hebdomadaria.

(3) Orgão da Sociedade Democratica Classe Caixeiral.

(4) Orgão abolicionista: propriedade do major Pamphilo de Santa Cruz.

(5) Redigido por Augusto Lessa.

(6) Publicação quinzenal, redigido por Alfredo Ceylão, Octaviano M. Barretto, Bonifacio da Cunha e Luiz Gualberto.

(7) Jornal illustrado, scientifico e litterario, de propriedade de A. Fonseca Sobrinho.

512	O Instituto. (1) 5 de Outubro	1882
513	O Pensamento.	1882—84
514	O Preceptor.	1882
515	O Propheta. (2) 1º de Fevereiro	1882
516	O Socialista.	1882
517	O Telescopio.	1882
518	O Trabalho. (3) 3 de Fevereiro	1882
519	Zingaro.	1882
520	Alencar.—Itapagipe.	1883—84
521	A Eschola.	1883—84
522	A Luta.	1883—84
523	A Phalena, Outubro	1883
524	A Voz do Povo. (4)	1883
525	Correio do Dia. (5)	1883
526	Diario do Povo. 4 de Maio	1883—89
527	Gazeta do Commercio.	1883
528	Gazeta Homceopathica. (6) 15 de Março	1883
529	Gazetinha.	1883
530	Luiz Gama. (7)	1883
531	O Aymoré.—Illustrado.	1883—85
532	O Brazil. 6 de Agosto	1883
533	O Direito. (8) Agosto	1883
534	O Encouraçado. (9)	1883
535	Planeta Venus.	1883
536	Triplíce Alliança. (10)	1883—85
537	A Convicção.	1884
538	A Mutamba. (11)	1884—85

(1) Redigido pelo professor Manuel Florencio dos Passos.

(2) Órgão crítico e noticioso, redigido por Acestes Sobrinho.

(3) Proprietario e redactor Manuel R. Querino.

(4) Litteraria, critica e recreativa.

(5) Periodico commercial e litterario.

(6) Publicação quinzenal. Órgão de propaganda.

(7) Numero unico de jornal especial.

(8) Periodico scientifico e democrata, redigido por João Clodoaldo.

(9) Redigido por Augusto Lessa e José Alvares do Amaral.

(10) Publicação mensal, distribuida gratuitamente. Propriedade do—Bazar 65.

(11) Órgão consagrado á defeza dos calvos.

539 Ave Caritas. (1)	1884
540 Castro Alves.	1884
541 Correio de Noticias. Março	1884
542 Orgão Civil. (2) Agosto	1884
543 O Conservador.	1884--85
544 O Diario da Tarde. (3)	1884
545 O Guerreiro.	1884
556 O Nacional.	1884—89
547 O Proletario.	1884
548 Revista da Sociedade Beneficencia Academica. (4)	1884—85
549 Revista da Instrucção.	1884
550 Revista da Sociedade Homoeopa- thica Bahiana. (5) 1º de Janeiro	1884
551 Tupinambá.	1884
552 A Penna.	1885
553 A Tesoura. 6 de Dezembro.	1885—86
554 Bahia Price Current.	1885
555 Cartas ao Zé Povinho.	1885
556 Gazeta Academica. (6)	1885—87
557 O Abelhudo.	1885
558 O Corsario.	1885—90
559 O Diabrete. Agosto	1885
560 O Faisca. (7)—Ilustrado.	1885—87
561 O Phantasma.	1885 - 86
562 O Pirata.	1885
563 O Réo. (8)	1885--87

(1) Numero unico de jornal especial.

(2) Folha civil, litteraria, artistica, popular e commercial.

(3) Propriedade de Januario Raymundo Martins.

(4) Publicação mensal. Redactor-gerente Braz H. do Amaral.

(5) Publicação mensal. Redactor principal Dr. Silvino Moura. Reappareceu em 1888.

(6) Publicação mensal, redigido por Ezequiel Britto, Constancio Alves, Alfredo Britto, Bruno Miranda e José Albino.

(7) Periodico humoristico. Redactor e gerente Raymundo Bizarria.

(8) "Guerra aos falsarios" era a sua epigraphé.

564	O Tempo.	1885
565	O Urso	1885
566	Revista Popular. 1º de Dezembro	1885—86
567	Vinte de Agosto. (1)	1885—86
568	A Palmatoria. Junho	1886
569	A Reforma.	1886
570	Barão de Macahubas.	1886
571	Diario de Petas.	1886
572	Echo da Verdade. (2) Maio	1886—88
573	Folha Nova	1886
574	O Genio e a Arte. (3) 1º de Julho	1886
575	O Petalogico.	1886
576	O Pharol.	1886
577	Atalaia. (4) 8 de Junho	1887—88
578	A Evolução.	1887
579	A Provincia. (5) 28 de Novembro	1887—88
580	A Religião. (6) 2 de Maio	1887
581	A Troça. (7) Janeiro	1887—88
582	A Voz do Povo.	1887
583	Boletim Geral de Medicina e Cirurgia.	1887
584	Liga Operaria Bahiana.	1887—88
585	O Florete.	1887
586	O Horror. Abril	1887
587	O Litterato. (8) Julho	1887—88
588	O Monitor Catholico. (9)	1887—95
589	O Orgão da Justiça.	1887
590	O Ramalhete.	1887

(1) Propriedade de Guilhermino Alves da Costa Dorea.
 (2) Publicação mensal. "A Biblia, o Pulpito e a Imprensa."

(3) Numero unico de jornal especial. Homenagem do Club Caixeiral ao actor Alvaro Ferreira.

(4) Periodico litterario, religioso e commercial. Gerente João Ramos.

(5) Redactor e Proprietario Manuel R. Querino.

(6) Orgão da Igreja Catholica da Bahia.

(7) Redactores João Friólo, Angelo Pitou e Rabelais Junior.

(8) Proprietario e redactor Argeu Antonio de Freitas.

(9) Publicado sob os auspicios do Sr. Arcebispo D. Luiz Antonio dos Santos

591 O Rebate.	1887
592 O Telephone.	1887
593 O Trabalho.	1887
594 O Trahidor.	1887
595 O Tempo. (1) 26 de Julho	1887
596 O Terror. (2) Novembro	1887
597 Vinte e um de Maio. (3)	1887
598 A Justiça.	1888
599 A Locomotiva. (4)—Illustrada.	1888—89
600 A Republica Federal. (5) 2 de Julho	1888—90
601 Bahia.	1888
602 Correio da Manhã. 3 de Julho	1888
603 Cruz Vermelha. (6)	1888
604 Folha Nova.	1888—89
605 Lynce.	1888
606 Monitor Caixeiral. 4 de Novembro	1888—89
607 Órgão Conservador.	1888
608 O Atheniense. (7) 7 de Setembro	1888
609 O Bedengó.	1888
610 O Boreas.—Illustrado.	1888
611 O Brasileiro.	1888
612 O Diabo. (8) 6 de Julho.	1888—89
613 O Domingo. Janeiro	1888—91
614 O Encouraçado.	1888
615 O Lapis.—Illustrado. Setembro	1888
616 O Neto do Diabo. (9) 4 de Maio	1888—89
617 O Progresso.	1888

(1) Periodico scientifico, litterario e critico. Director Julio Pimentel.

(2) "Órgão da moralidade social."

(3) Órgão do Club Caixeiral, redigido por M. Rosentino e Baptista Massena.

(4) Folha illustrada hebdomadaria. Empreza Candido Ferraz. Redacção-diversos.

(5) Órgão do Club Republicano Federal.

(6) Numero unico de jornal especial.

(7) Idem, Idem. Homenagem do Club Atheniense ao dia 7 de Setembro.

(8) Periodico critico, chistoso e moralizador.

(9) Critico, litterario e chistoso.

618	O Tentame. (1) 11 de Agosto	1888
619	Revista Carnavalesca.	1888
620	Treze de Maio. (2)	1888
621	A Justiça. (3)	1889—96
622	A Regeneração.	1889—90
623	A Voz da Patria.	1889
624	Cruzada.	1889
625	Derby.	1889
626	Diário do Commercio. (4) 12 de Janeiro	1889
627	Echo Itapagipano.—Itapagipe. 13 de Janeiro	1889
628	Incentivo.	1889
629	Jornal do Commercio. (5) 4 de Fevereiro	1889
630	Jornal do Povo. (6)	1889—90
631	Labaro.	1889
632	Leituras Religiosas. (7) 21 de Abril	1889—99
633	O Cruzeiro.	1889
634	O Duende. (8) Junho	1889
635	O Grito Nacional.	1889
636	O Movimento. (9)—Itapagipe—Dezembro	1889
637	Pega-Pega.	1889
638	Pequeno Jornal. (10) Dezembro	1889—92
639	Reporter. 4 de Agosto	1889
640	Revista Militar.	1889

(1) Publicação hebdomadaria, redigido por Virgilio de Lemos, R. de Azevedo e Conrado Lages.

(2) Orgão moral, litterario e chistoso. Gerente Claudiano Guerra.

(3) Publicação semanal. Redactor Albino H. da Silva.

(4) Sob a administração de Benjamim Neves da Rocha.

(5) Propriedade de Aristides R. de Sant'Anna.

(6) Noticioso e litterario, idem, idem.

(7) Redactor e proprietario conego Clarindo de Souza.

(8) Critico, chistoso e litterario.

(9) Orgão republicano, litterario e noticioso.

(10) Redactores—Eduardo Carigé, Dr. Antonio José de Mello e Cerqueira Lima. Passou depois a ser redigido pelo Dr. Cezar Zama.

641	Sentinella da Liberdade.	1889
642	Sport.	1889
643	Turf. (1) Janeiro.	1889
644	A Lanterna.	1890
645	A Patria.	1890
646	A Reforma. (2) 17 de Julho	1890—91
647	A Situação. (3) Setembro	1890
648	A Toca.	1890
649	A Tribuna.	1890
650	A Verdade. (4) 1º de Maio	1890
651	As Pégas. (5) 30 de Agosto	1890
652	Bala.—Rio Vermelho.	1890
653	Brado Federal. 9 de Setembro	1890
654	Christão.	1890
655	Comedia.	1890
656	Estado da Bahia. (6) 21 de Agosto	1890—96
657	Gazeta Nova. Dezembro	1890
658	Jornal da Manhã. 10 de Abril	1890
659	Jornal da Tarde. Maio	1890
660	O Cidadão. (7) 20 de Novembro	1890
661	O Cartaz.—Ilustrado.—Janeiro	1890
662	O Democrata. (8) Abril	1890
663	O Novo Estado do Rio Vermelho.	1890
664	O Operário.	1890
665	O Paladino.—Lapinha.	1890
666	O Socialista. 24 de Junho	1890

(1) Órgão das corridas do hypodromo S. Salvador. Redigido por José Bonifacio Pereira de Mesquita.

(2) Publicação quinzenal. Órgão do Gremio do professorado Bahiano, redigido pelos professores A. Bahia, Vital Prudente e Gassiano Gomes.

(3) Propriedade de Augusto Lessa.

(4) Órgão dos alumnos do Lyceu de Artes e Officios. Redactores Leal Junior e F. Santiago.

(5) Hebdomadario, critico e humoristico. Director e proprietario Francisco da Bocage.

(6) Ex-Gazeta da Bahia. Órgão do partido nacional, e depois do partido constitucional.

(7) Órgão popular. Redactor e proprietario M. Alexandrino de Andrade.

(8) Órgão do Centro Republicano Democrata.

667 Tribuna Popular. -- Illustrada. 19 de Janeiro	1890
668 A Lucta. 25 de Maio	1891
669 A Nova Patria. (1) 24 de Janeiro	1891
670 A Palavra. (2) 30 de Julho	1891—92
671 A Voz do Operario. (3) 5 de Setembro.	1891
672 Correio do Povo. (4) 1º de Abril	1891
673 Gazeta Academica. (5) Maio	1891
674 O Azorrague. Junho	1891—92
675 O Combate.	1891
676 O Commercio.	1891
677 O Narrador. 15 de Agosto	1891
678 Orgão Federal.	1891
679 O Popular. 14 de Maio	1891
680 O Tio do Diabo. (6) Maio	1891
681 O Trabalho. (7) 25 de Abril	1891
682 Pequeno Diario.	1891
683 Revista Academica. (8) Abril	1891
684 Salão da Elegancia. — Jornal de modas. Junho	1891
685 A Federação. 17 de Março	1892—93
686 A Republica.	1892
687 Correio de Noticias. (9) 28 de Abril	1892—99
688 Echo do Povo.	1892

(1) Semanario sob a redacção de Lourenço de Castro, para doutrinar "as classes populares."

(2) Orgão da seita evangelica.

(3) Orgão official do partido operario.

(4) Orgão doutrinario. Proprietario e redactor Aristides R. de Sant'Anna.

(5) Publicação quinzenal. Redactores Santos Silva e Duarte Gamelleira.

(6) Orgão infernal, redigido por Lucifer, Lusbel, Satanaz e Chico Furia.

(7) Orgão das classes operarias.

(8) Orgão scientifico e litterario, redigido por Egas Muniz Barretto de Aragão e outros.

(9) Propriedade de Arthur, Mendes & Comp.—Passou a ser orgão official em 24 de Abril de 1894 como propriedade de uma associação.

689	Gazeta Academica. (1) 1º de Julho	1892
690	O Brazil. (2) 9 de Fevereiro	1892
691	O Monarchista. (3) Setembro	1892—93
692	O Mungango.	1892
693	O Papagaio. Janeiro	1892
694	O Publicista.	1892
695	O Trabalho. (4) 3 de Fevereiro	1892
696	Revista Commercial. (5) 5 de Maio	1892—93
697	Revista do Ensino Primario.	1892—93
698	Revista da Faculdade Livre de Direito da Bahia. (6) Setembro	1892—93
699	A Platéa.	1893
700	Echo da Mocidade.	1893
701	A Renascença. (7) 27 de Setembro	1894
702	Gazeta de Noticias (8) 30 de Março	1894—96
703	O Livro. (9) Maio	1894—95
704	O Pantheon. (10) 20 de Setembro	1894—95
705	O Triumvirato. (11) 24 de Outubro	1894
706	Revista do Gremio Evolução. (12)	1894

(1) Faculdade Livre de Direito. Redactores Mario Tourinho, Trasybulo Ferraz e Affonso Fachinetti.

(2) Periodico critico e litterario, redigido por Pedro G. dos Passos

(3) Redigido por Francisco Pires de Carvalho e Antonio Cavalcante de Albuquerque.

(4) Redigido por Manoel Raymundo Querino.

(5) Organizada por Gustavo Hasselmann e José Joaquim Correia de Moraes.

(6) Reappareceu em 1898.

(7) Propriedade de uma associação. Redigida pelos Drs. Julio Barbuda, Manuel Brito, Filinto Bastos, e Pethion de Villar.

(8) Propriedade de Cincinato J. Melchhiades.

(9) Publicação hebdomadaria, redigida por Evangelista Pereira, Pedro Licínio, Dr. Manoel Brito e outros.

(10) Revista mensal illustrada. Director litterario Lellis Piedade, director artistico Rodolpho Lindemann.

(11) Revista litteraria e humoristica.

(12) Numero especial. Tributo ao grandioso e emerito poeta bahiano Antonio de Castro Alves.

707	Revista dos Tribunaes. (1)	1894—99
708	Revista Trimensal do Instituto Geographico e Historico da Bahia Setembro.	1894—99
709	A Lucta.	1895
710	Annaes da Sociedade de Medicina e Cirurgia	1895—96
711	A Revista.—Illustrada.	1895
712	A Revista do Norte.	1895
713	O Bacamartista.	1895
714	Diario do Commercio.	1895
715	Diario Mercantil.	1895
716	Luiza Leonardo. (2)	1895
717	O Domingo.	1895
718	O Litterato.	1895
719	Revista Spiritica. (3) 15 de Agosto	1895
720	Revista Medico Legal. (4) 1° de Setembro.	1895—97
721	Sirius.	1895
722	Tribuna Academica.	1895
723	Annuncio. (5) e	1896
724	A Bahia. (6) 8 de Abril	1896—99
725	A Escola.	1896
726	A Penna.	1896
727	A Satyra.	1896
728	Bahia Monthly. (7)	1896
729	Cidade do Salvador. (8) 1° de Dezembro	1896—98

(1) Publicação mensal, redigida pelos Cons. Drs. Joaquim Spinola e João Torres.

(2) Numero unico de jornal especial.

(3) Publicação quinzenal, redigida pelo Dr. S. Moura.

(4) Publicada pela Sociedade de Medicina Legal da Bahia sob a direcção e redacção do Dr. Nina Rodrigues e outros.

(5) Numero unico de jornal especial.

(6) Director-Proprietario J. B. de Castro Rebello, passando depois uma associação.

(7) Impresso no Rio de Janeiro.

(8) Era propriedade de de uma associação, e passou a pertencer ao Dr. Domingos Guimarães, que pouco tempo depois fez cessão da typographia ao Arcebispo.

730 Condor.	1896
731 Cruzeiro do Sul. 15 de Junho	1896
732 Itapagipano.—Itapagipe.	1896
733 O Nacional.	1896
734 O S. Francisco. (1) 24 de Fevereiro	1896
735 A Coisa. (2) 30 de Agosto	1897—99
736 A Evolução. (3) 1º de Janeiro	1897
737 A Malagueta.—Illustrado. 15 de Dezembro	1897
738 Nova Vida. (Ex-Echo da Mocidade)	1897
739 O Album. (4)—Illustrado. 3 de Novembro	1897—98
740 O Operario.—Boa Viagem. 4 de Julho	1897
741 O Republicano. 2 de Junho	1897—98
742 Revista Bahiana. (5) 31 de Janeiro	1897
743 Revista Popular. Setembro	1897—98
744 Revista Typographica. Abril	1897
745 Salve. (6)	1897
746 A Lamparina. 15 de Maio	1898
747 A Verdade. 2 de Julho	1898
748 O Colibri.	1898—99
749 O Echo do Norte. 24 de Julho	1898
750 O Tempo.	1898
751 Revista Politica. 15 de Abril	1898
752 A Malagueta.	1899
753 Bahia Illustrada. (7) 5 de Agosto	1899

(1) Numero unico de jornal especial. Homenagem do commercio da Bahia ao Dr. Miguel de Teive e Argollo, Director e Engenheiro Chefe do Prolongamento da estrada de ferro da Bahia ao S. Francisco.

(2) Jornal critico e noticioso. Do 2.º numero em diante o periodico começou a crescer de tamanho.

(3) Publicação hebdomadaria; redactor principal Virgilio de Lemos.

(4) Revista illustrada sob a direcção artistica de Lopes Rodrigues. Director litterario J. A. Costa Pinto.

(5) Editor-proprietario Martiniano S. Junior.

(6) Numero unico de jornal especial.

(7) Revista hebdomadaria sob a redacção dos Drs. Virgilio Cunha e Abilio de Carvalho.

42	Gazeta de Noticias.	1880—81
43	Diario da Cachoeira.	1880—81
44	A Lyra.	1880
45	O Rochedo.	1880
46	Santelmo.	1880
47	O Domingo.	1881
48	O Echo do Povo.	1881
49	A Faisca.	1881—83
50	Revista das Senhoras.	1881
51	Planeta Venus.	1883—87
52	A Imprensa.	1884
53	Tributo a Actriz Marion. (*)	1886
54	Asteroide.	1887—89
55	Jornal da Tarde.	1887
56	O Tempo.	1887—91
57	A Luz.	1888
58	A Patria.	1888—89
59	Heróes. (*)	1888
60	Republicano.	1890—91
61	Santelmo.	1891
62	A Vida.	1892
63	O Vigia do Serra. (1) Setembro	1894
64	Cachoeirano.	1896
65	A Cachoeira.—Orgão republicano. 24 de Setembro	1896—99
66	A Democracia.	1897

IX. CAETITÉ

1	A Penna.	1898
---	----------	------

X. CANNAVIEIRAS

1	Correio do Sul.	1889
2	O Municipio.	1889—92

(*) Numero unico de jornal especial.

(1) Boletim da Semana. Redigido pelo Dr. Henrique Alvares dos Santos.

754	Cidade do Bem. (1) 1º de Janeiro	1899
755	Diario do Commercio. Janeiro	1899
756	Ensaio Litterario. (2) 15 de Setembro	1899
757	O Cysne. 11 de Abril	1899
758	O Lyrio. (3) Março	1899
759	O Mundo em Ceroulas. (4) 27 de Fevereiro	1899

VI. BARRA DO RIO GRANDE

1	Echo do Rio S. Francisco.	1874—77
2	Pequena Gazeta.	1893

VII. BOMFIM (EX-VILLA-NOVA)

1	O Futuro. 28 de Julho.	1898
---	------------------------	------

VIII. CACHOEIRA

1	O Independente Constitucional	1823
2	O Recopilador Cachoeirense.	1835—36
3	Jornal de Agricultura.	1835
4	Constitucional Cachoeirano.	1837—38
5	O Legalista.	1837—38
6	O Brasileiro.	1846
7	Cachoeirano. (5) 3 de Setembro	1847—48
8	O Nacional. (6)	1848
9	O Povo Cachoeirano.	1849
10	Almotacé.	1850—51
11	Argos Cachoeirano. 7 de Setembro	1850—52
12	O Apostolo em Cachoeira.	1852
13	Vinte e Cinco de Junho.	1852—54

(1) Revista da Villa Operaria, sob a direcção de Mucio Teixeira.

(2) Revista scientifica e litteraria, redigida por Leonardo Pereira, Rodrigues Nunes e outros.

(3) Orgão litterario do Gymnasio Bahiano.

(4) Numero unico. Critica, humoristica e litteraria.

(5) Jornal politico, litterario e moral.

(6) Periodico puramente politico.

XI. CARAVELLAS

- | | |
|----------------|------|
| 1 O Precursor. | 1881 |
|----------------|------|

XII. CIDADE DE CURRALINHO

- | | |
|-----------------------------|---------|
| 1 Curralinhense. | 1882—84 |
| 2 Tribuno. | 1884 |
| 3 Voz do Povo. | 1886—87 |
| 4 O Autonomista. 13 de Maio | 1894—99 |
| 5 O Lyrio. | 1895 |
| 6 O Livro. | 1896 |
| 7 Curralinho. | 1897 |
| 8 Cysne. | 1897 |
| 9 Poema. | 1897 |
| 10 Cidade de Curralinho. | 1898 |

XIII. CONCEIÇÃO DO ALMEIDA

- | | |
|-----------------------|---------|
| 1 Boa-Nova. 6 de Maio | 1894—98 |
|-----------------------|---------|

XIV. FEIRA DE SANTANNA

- | | |
|--|---------|
| 1 O Feirense. | 1862—63 |
| 2 O Nacional. | 1863—64 |
| 3 O Commercial. | 1867—76 |
| 4 A Gazeta do Povo. | 1868 |
| 5 O Mercantil. | 1868 |
| 6 O Duende. — Periódico chistoso e litterario. Novembro | 1875 |
| 7 Capitulo. | 1877 |
| 8 O Motor. — Orgão do commercio, da lavoura e da Industria. Maio | 1877—81 |
| 9 O Vigilante. (1) Janeiro. | 1877—90 |
| 10 Echo Feirense. | 1878 |
| 11 Correio da Feira. | 1881 |
| 12 Chapa. | 1882 |
| 13 Progresso. | 1882 |
| 14 Jornal da Feira. | 1884 |

(1) Substituiu ao "Commercial".

14	O Prêlo. (1) Janeiro	1853
15	O Jornal. (2) Março.	1855—62
16	O Cachoeirano.	1857—60
17	O Defensor Cachoeirano. Setembro	1857—60
18	O Progresso. (3)	1860—79
19	O Americano.	1865—92
20	O Lince.	1867
21	O Critico.	1869—70
22	A Formiga. (4)	1869—72
23	O Vergel. (5)	1869—70
24	A Grinalda. (6)	1869—70
25	A Imprensa. 3 de Dezembro	1870—71
26	A Lyra. (7) Julho	1870—71
27	A Ordem. 2 de Junho	1870—99
28	A Sempreviva. (8)	1870
29	O Patusco. (9) 17 de Junho	1870
30	Sentinella da Liberdade. Janeiro	1870—71
31	A Esperança.	1872
32	O Brazil.	1872
33	O Tamanduá. 23 de Março.	1872
34	O Seculo. 1º de Agosto	1873—74
35	O Archivo. (10) 1º de Agosto	1874
36	O Echo Popular.	1874—77
37	A Verdade.	1876—83
38	Labor.	1878
39	O Futuro.	1878—80
40	O Guarany. (11)	1878—93
41	A Palavra.	1879

- (1) Periodico noticioso, litterario e commercial.
 (2) Propriedade de José Bruno da Silva Santos.
 (3) Redigido por Augusto Ferreira da Motta.
 (4) Periodico politico e chistoso.
 (5) Periodico litterario e recreativo.
 (6) Orgão democratico, noticiario, litterario e commercial.
 (7) Jornal litterario e religioso.
 (8) Periodico litterario e recreativo, redigido por José Joaquim Villasboas.
 (9) "Periodico para fazer rir".
 (10) Periodico litterario e recreativo.
 (11) Litterario e commercial. Redigido por Augusto Ferreira Motta.

15	O Conservador.	1884
16	A Convicção.	1884
17	Correio de Noticias.	1885
18	Esforço.	1886—87
19	O Noticiador.	1886
20	Cidade da Feira. Outubro	1888
21	Bilontra.	1889
22	A Epocha.	1889
23	Evolução.	1889
24	A Reacção.	1889—90
25	Gazeta do Povo. 12 de Janeiro.	1890—93
26	O Municipio.	1891
27	O Propulsor. 15 de Outubro	1895—99
28	O Porvir.	1896
29	O Clarim. 14 de Julho	1899

XV. ITAPARICA

1	O Echo da Ilha.—Periodico noticioso e litterario.	1860
2	O Insular. Novembro	1879
3	O Beriberico, 9 de Novembro	1879
4	Septe de Janeiro de 1823. (*)	1884
5	O Municipio. (1)	1894—96

XVI. JOAZEIRO

1	Cidade de Joazeiro.	1896
2	O Commercio.	1899

XVII. MARAGOGIPE

1	O Maragogipano. 14 de Outubro	1860--61
2	O Espelho das Bellas.—Periodico litterario.	1860—61
3	Labaro.	1880—83
4	A Situação.	1880—84

(*) Numero unico de jornal especial.

(1) Fundado por Vicente Marques.

5 Colibri.	1882
6 O Democrata.	1882—90
7 A Magnolia.	1882
8 Echo Maragogipano.	1884—87
9 O Pylampo.	1888
10 Nova Era.	1889—99
11 O Jacaré.	1891
12 Interesse Publico.	1891
13 O Jaburú.	1895
14 Constitucional.	1895—97
15 Novo Seculo. 19 de Dezembro	1897
16 A Epocha. 10 de Março.	1899

XVIII. MATTA DE S. JOÃO E ABRANTES

1 O Gladiador. (1) 25 de Julho	1880
--------------------------------	------

XIX. NAZARETH.

1 O Industrial.	1857—61
2 O Regenerador. Novembro	1861—99
3 A Voz do Povo.	1868
4 O Povo. 23 de Junho	1872
5 O Artista Nazareno.	1873—74
6 A Opinião Liberal. (2) 7 de Maio	1876—84
7 O Arrebol.	1880
8 Phenix.	1883
9 O Independente.	1883—97
10 Tribuna Liberal. Julho	1885—87
11 O Nazareno.	1890
12 A Opinião Publica.	1891—92
13 Combate.	1895
14 O Evangelista.	1897

(1) Periodico litterario e noticioso. Proprietario e redactor Antonio Firmino Menezes. Era impresso na capital na Typ. do Constitucional.

(2) Propriedade de uma associação. Era redigido pelo Dr. Manoel Pedro de Rezende, Americo Muniz Barretto e outros.

XX. SANTO AMARO

1 Philopatria.	1846
2 Abatirá.	1850—51
3 Argos Sant'Amarense. (1)	1850—52
4 Aymoré.	1850
5 O Justiceiro. (2)	1851
6 O Brasileiro. (3)	1852
7 O Ramalhete. (4)	1852
8 Cigarra e Bemtevi.	1852
9 Rabecão, Rabeca e Rabequinha.	1853
10 A Atalaia. (5)	1857—59
11 A Primavera. (6)	1857—58
12 A Alvorada. (7)	1859
13 O Commercio.	1859
14 O Lidador. (8)	1860—64
15 O Ypiranga.	1860
16 A Imprensa.	1868
17 O Popular. (9)	1868—99
18 A Propaganda.	1874—75
19 A Crise.	1875

(1) Propriedade do Major Manoel Domingues Dorea.

(2) Propriedade de Henrique da Silva Moraes.

(3) Propriedade de José Correia da Silva Oliveira.

(4) Propriedade de Domingos Faria Machado.

(5) Propriedade de Antonio Correia da Silva Oliveira. Redigida pelo professor Henrique Teixeira dos Santos Imbassahy, Dr. Emilio Imbassahy, Dr. Olympio Pinheiro e Armando Brasileiro sob o pseudonymo de Vedeta de S. Francisco.

(6) Redactores Drs. Antonio Joaquim dos Passos e José Pinto de Souza Velloso.

(7) Succedeu á Primavera com os mesmos redactores.

(8) Succedeu á Atalaia. Redigido pelos Drs. Jayme de Almeida Couto, Cid Cardoso e Ricardo Deiró.

(9) Succedeu ao Lidador. Propriedade de Ignacio Xavier de Santa Barbara. Foi redigido a principio pelos Drs. Cid Cardoso e Ricardo Deiró. É o unico periodico que existe em Santo Amaro, actualmente sob a direcção do Dr. Rodrigo Falcão Brandão.

20	O Sant'Amarense. (1) 1º de Setembro	1875
21	O Liberal. (2) Setembro	1876—89
22	O Artista. Novembro	1877—78
23	O Echo Sant'Amarense. (3) Janeiro	1882—84
24	A União.	1882—83
25	O Povo.	1883
26	A Actualidade. (4)	1884
27	O Raio.	1885
28	O Para-raio.	1885
29	A Democracia. (5)	1885
30	A Ordem. (6)	1885
31	A Situação.	1887—89
32	O Mercantil.	1888
33	O Santelmo.	1888
34	O Semanario.	1888—89
35	A Matraca.	1889
36	A Propaganda.	1889
37	O Commercial. (7)	1890—95
38	O Verdadeiro.	1890
39	2 de Fevereiro. (8)	1894
40	O Labaro. (9) 11 de Outubro	1896—97

(1) Jornal politico, commercial e agricola. Orgão do partido conservador.

(2) Orgão do partido liberal. Era propriedade de uma associação.

(3) Orgão do partido conservador, sob a redacção dos Drs. Pedro Muniz e Olavo Góes.

(4) Pertencia a uma associação do partido liberal.

(5) Orgão de propaganda abolicionista. Redactores Dr. Francisco Bulcão, Octaviano Muniz, Cruz Rios e Francisco dos Santos Silva.

(6) Sob a redacção do Dr. Manoel de Araujo Góes.

(7) Fundado por Leonidio Monteiro, foi redigido pelo Dr. Arlindo Fragozo.

(8) Numero unico de jornal especial.

(9) Propriedade do Dr. Ervidio Velho.

XXI. SANTO ANTONIO DE JESUS

1	Mocidade	1882
2	A Tribuna.	1886—88
3	A Grinalda.	1887
4	A Actualidade.	1890—93
5	O Progresso.	1895
6	O Combate. 14 de Julho	1898
7	O Commercio.	1898
8	O Municipio.	1899

XXII. S. BENTO DAS LAGES

1	A Aspiração.	1896
2	Revista da Escola Agricola. De- zembro	1897—98

XXIII. S. FELIX

1	O Paraguassú.	1847
2	Paraguassú. 1.º de Junho	1869
3	Panorama.	1878
4	O São Felixta.	1878
5	Globo.	1881
6	Phanal.	1884—85
7	Valete.	1885
8	A Aurora.	1887
9	O Beija-Flor.	1887
10	O Direito.	1887
11	Recreativo.	1889
12	O Paraguassú	1890—98
13	A Voz do Povo.	1890—91
14	Vinte de Dezembro. (*)	1890
15	A Patria. Junho	1891—99

(*) Numero unico de jornal especial.

XXIV. S. GONÇALO

1 A Luz.

1895

XXV. VALENÇA

1	Jornal de Valença.	1870—81
2	Echo do Sul.	1879
3	A União.	1881—88
4	O Valenciano	1882
5	A Aurora.	1883—84
6	O Occaso.	1884
7	O Inspirado.	1888
8	Gazeta de Valença	1888—93
9	O Popular.	1890
10	Tribuna Republicana.	1890
11	A Actualidade.	1891
12	O Esforço.	1892
13	O Povo.	1893
14	O Motivo.	1894
15	O Municipio.	1894—95
16	A Verdade.	1895
17	Poder da Vontade. 15 de Novembro	1897
18	A Vida Valenciana.	1898—99

RESUMO

Jornaes segundo as localidades

I. Alagoinhas	18
II. Amargosa	11
III. Aratuhype	3
IV. Areia	5
V. Bahia	759
VI. Barra do Rio Grande	2
VII. Bomfim (ex-Villa-Nova)	1
VIII. Cachoeira	66
IX. Caetité	1
X. Cannavieiras.	2
XI. Caravellas	1
XII. Conceição do Almeida	1
XIII. Curralinho	10
XIV. Feira de Sant'Anna	29
XV. Itaparica	5
XVI. Joazeiro	2
XVII. Maragogipe	16
XVIII. Matta de S. João e Abrantes	1
XIX. Nazareth	14
XX. Santo Amaro	40
XXI. Santo Antonio de Jesus	8
XXII. S. Bento das Lages (S. Francisco)	2
XXIII. S. Felix.	15
XXIV. S. Gonçalo.	1
XXV. Valença.	18
	<hr/>
Total	1031

Recife, 1899.

ALFREDO DE CARVALHO.

Actas das Sessões e Offertas

71ª SESSÃO, EM 15 DE OUTUBRO DE 1899

Presidencia do Exm. Snr. Cons. Salvador Pires

Aos 15 dias do mez de Outubro de 1899, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Cons. Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e João Nepomuceno Torres, Drs. Braz Hermenegildo do Amaral, Satyro de Oliveira Dias, José Francisco da Silva Lima, Glycerio Velloso da Silva, Thomaz Garcez Patanhos Montenegro e Bonitacio de Aragão Faria Rocha, capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Horacio Urpia Junior, Professor Austrielliano Francisco Coelho, Eloy de Oliveira Guimarães, Henrique Pragner e Isaias de Carvalho Santos, foi aberta a sessão, sendo lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior.

O expediente constou da leitura de duas propostas para admissão de socios, que forão remetidas á commissão competente.

O Sr. Cons. Presidente declarou, que a sessão tinha sido convocada a pedido da grande commissão do Centenario, por um de seus membros; que no dia 26 de Setembro ultimo o Instituto tivera a honra de receber a visita do illustre consocio Dr. Octaviano Muniz Barretto, Secretario interino do interior, justiça e instrucção publica; que o mesmo Instituto se fez representar na chegada do Exm. Snr. Cons. Luiz Vianna, e propunha que se nomeasse uma commissão para comprimentar a S. Ex. Revma., o Snr. Arcebispo, o que foi approvado, sendo desi-

gnados os socios Drs. Bonifacio de Aragão Faria Rocha, Glycerio Velloso da Silva e Cap. Francisco Gomes Ferreira Braga para comporem essa commissão.

Em seguida o Dr. José Francisco da Silva Lima, pedindo a palavra, expoz o estado dos trabalhos da grande commissão do centenario, lembrou a conveniencia de serem distribuidas, entre os socios, as listas para subscrição de exemplares da carta de Vaz de Caminha e perguntou si o Instituto insiste em cunhar medalhas commemorativas apesar do alto preço exigido pela Casa da moeda.

Usaram da palavra o Dr. Glycerio Velloso da Silva e o Cons. Dr. João Torres, ficando deliberado que sejam cunhadas as medalhas, para o que a commissão é autorizada a contractar o trabalho onde for mais conveniente.

O Dr. Satyro de Oliveira Dias disse que leu a noticia de uma conferencia do Dr. Augusto de Carvalho, no Rio de Janeiro, em que o mesmo procurou demonstrar que a descoberta do Brazil não fora obra do acaso, antes fôra devida a instrucções completas dadas ao grande navegador Pedro Alvares Cabral. Disse ainda, que o assumpto é muito interessante, e como sabe que esse litterato está disposto a vir aqui fazer outra conferencia, propõe que a meza dirija-lhe um convite nesse sentido. Esta proposta foi approvada, sendo nomeada uma commissão composta dos Drs. Octaviano Muniz Barretto, Satyro de Oliveira Dias, Braz Hermenegildo do Amaral e Arlindo Fragoso para incumbir-se de tudo quanto fosse relativo a recepção do mesmo Dr. Carvalho e á conferencia.

Nada mais havendo, lavrou-se a presente acta, que vai assignada pela meza—*Salvador Feres de Carvalho e Albuquerque—João Nepomuceno Torres—Isaias de Carvalho Santos.*

72ª SESSÃO, EM 3 DE DEZEMBRO DE 1899

SESSÃO EXTRAORDINARIA PARA UMA CONFERENCIA PUBLICA
SOBRE PONTOS IMPORTANTES DA HISTORIA PATRIA

*Presidencia do Exm. Sr. Cons. Salvador Pires de
Carvalho e Albuquerque.—Orador o Exm. Sr.
Dr. Augusto de Carvalho.*

A's 12 horas do dia 3 de Dezembro de 1899, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, presentes o Exm Sr. Cons. Salvador Pires, presidente, Dr. Satyro de Oliveira Dias, vice-presidente, Dr. Braz Hermegildo do Amaral, orador, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, thesoureiro, Isaias de Carvalho Santos, 2.º secretario, Dr. Abilio de Carvalho, supplente de secretario, que foi convidado a servir na ausencia do 1.º secretario Cons. Dr. João Nepomuceno Torres, e os socios Drs. José Francisco da Silva Lima, José Octacilio dos Santos, Alfredo Antonio de Andrade, Innocencio Munoz de Araujo Góes, Manoel Pedro de Rezende, Augusto de Araujo Góes, Cons. Drs. Antonio Carneiro da Rocha e José Botelho Benjamim, Desembargador Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, Coronel Ernesto Barbosa Coelho, Pharmaceutico, Commendador Manoel Joaquim de Sant'Anna, Alfredo Octaviano Soledade, Horacio Urpia, Henrique Prager, Damasceno Vieira, Professor Francisco Torquato Bahia da Silva Araujo, Pharmaceutico Luiz Antonio Figueiras, Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Desembargador Manoel Jeronymo Gonçalves, e, tambem presentes, o Exm. Sr. Cons. Luiz Vianna, Governador do Estado, os Exms. Snrs. Drs. José Antonio Costa, Secretario da Agricultura, Asclepiades Jambeyro, Secretario da Policia e Segurança Publica, Octaviano Muniz Barretto, Secretario interino do Interior, João Joaquim Salgado, Consul de Portugal e diversos representantes das differentes classes sociaes a saber: deputados federaes e esta-

duaes, senadores estaduais, membros da magistratura superior, dos institutos de instrucção superior, do commercio, das artes, do exercito, da armada e da policia estadual, foi pelo Exm. Snr. Conselheiro Dr. Presidente declarada aberta a sessão e convidado o Exm. Snr. Cons. Dr. Governador do Estado a tomar assento á meza.

Em seguida, expondo o motivo porque fóra convocada a sessão, o mesmo Snr. Cons. Presidente fez a apresentação do Dr. Augusto de Carvalho, que viera a esta capital para realizar conferencias sobre pontos importantes da nossa historia e deu a palavra ao referido Dr. Augusto de Carvalho, que leu diversos trabalhos referentes á descoberta intencional do Brazil e ao papel que desempenharam illustres navegadores portuguezes nesse empreendimento.

Esse trabalho é dividido em duas partes, referindo-se uma á Atlantida e a outra, a origem e primitiva significação da palavra—Brazil.

Por ultimo o orador fez algumas considerações sobre o assumpto da proxima conferencia e leu um trabalho a respeito, afim do auditorio melhor orientar-se.

Nada mais havendo a tratar-se o Snr. Cons. Presidente declarou encerrada a sessão, do que, para constar, eu, 2.^o secretario, lavrei a presente acta, que vai escripta com uma penna de ouro, offereci-la para esse fim pelo conferente, e pela meza assignada.
—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.* — *João Nepomuceno Torres.* — *Isaias do Carvalho Santos.*

73.^o SESSÃO, EM 10 DE DEZEMBRO DE 1899

SESSÃO EXTRAORDINARIA PARA A CONFERENCIA DO DR.
AUGUSTO DE CARVALHO

Presidencia do Exm. Snr. Cons. Salvador Pires

Aos 10 dias do mez de Dezembro de 1899, a 1 hora da tarde, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, presentes os Exms. Snrs. Cons. Dr. Salvador Pires de Carvalho

e Albuquerque, Presidente, Dr. Satyro de Oliveira Dias, 1.º vice-presidente e Cons. Dr. Pedro Mariani, 2.º Vice-Presidente, Cons. Dr. João Nepomuceno Torres, 1.º, secretario, Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, Orador, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Thesoureiro, e os socios Cons. Drs. Antonio Carneiro da Rocha e José Botelho Benjamin, Drs. Arlindo Fragoso, José Octacilio dos Santos, Manoel Pedro de Rezende, Innocencio Munoz de Araujo Goes e José Francisco da Silva Lima, Barão de S. Francisco, Professores Elias de Figueiredo Nazareth e Manoel Raymundo Querino, Pharmaceutico Luiz Antonio Filgueiras, Comendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Horacio Uripia, Coronel Affonso Pedreira, Conegos Manfredo Alves de Lima e Elpidio Tapi-ranga, Damasceno Vieira, Nicolau Tolentino Carneiro da Cunha, Eloy Cuimarães, Henrique Pra-guer, Desembargador Thomaz Garcez Paranhos Montenegro e Isaias de Carvalho Santos, 2.º, secre-tario, e presentes tambem o Exm. Snr. Cons. Luiz Vianna, Governador do Estado, os Exms. Snrs. Drs. José Antonio Costa, Secretario da Agricultura, As-clepiades Jambeiro, Secretario da Policia e Segu-rança Publica, Octaviano Muniz Barretto, Secretario interino do Interior, Justiça e Instrucção Publica, Theophilo Borges Falcão, Secretario interino do Thesouro e Fazenda do Estado, e diversos repre-sentantes das differentes classes sociaes, a saber: deputados e senadores federaes e estaduaes, mem-bros da magistratura superior, dos Institutos de instrucção superior, do Commercio, das artes, do exercito, da armada e da policia estadual, foi decla-rada aberta a sessão, e convidado o Exm. Snr. Cons. Dr. Governador do Estado a tomar assento á meza da presidencia.

Em seguida foi concedida a palavra ao conferente Dr. Augusto de Carvalho que, por espaço de duas horas, occupou a tribuna discorrendo sobre a his-toria do descobrimento do Brazil.

Durante a conferencia esteve exposta no salão do

Instituto a planta do monumento commemorativo da descoberta do Brazil, concebida e executada pelo conferente.

Este, ao iniciar a conferencia, leu a letra do hymno do 4.º centenario, que compoz para ser posto em musica, e ao terminar essa leitura foi executado o hymno pela banda de musica do 1.º Batalhão do Regimento Policial.

Finda a conferencia foi o orador muito apolaudido pelo selecto auditorio; e nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão. E de tudo, para constar, eu, 2.º secretario, lavrei a presente acta, que vai devidamente assignada. Isaias de Carvalho Santos.

—*Dr. Satyro Dias—João Nepomuceno Torres—Conego Manofredo de Lima.*

OFFERTAS

(Mez de Outubro)

—Pelo Cons. Dr. *Pedro dos Santos*: Dous machados de pedra.

—Pelo socio Dr. *Glycerio Velloso*: Diversas cedulas do Paraguay.

—Pelo Dr. *Antonio Barretto Praeger*: «Os Mosquitos e a Malaria no Amazonas», pelo offertante.

—Pelo cidadão *Alberto F. Rodrigues*: Almanack Popular Brasileiro para o anno de 1900 (Porto Alegre) pelo offertante.

—Pelo socio Cons. *Pedro Mariani*: 22 moedas de cobre estrangeiras.

—Pelo Dr. *Pedro do Rego Barros Cavalcante*: Um quadro de bustos e chronologia dos soberanos de Portugal.

—Pelo socio *Nicoláo Tolentino Carneiro da Cunha*: Uma pequena photographia de D. Pedro de Alcantara.

—Pelo cidadão *Teixeira Barbosa*: Os dous opus-

culos «Pedro quer ser Augusto» e «Estudo sobre o missal de Estevam Gonçalves», por José Feliciano de Castilho.

—Pelo Dr. *Gonçalo Moniz*: Considerações sobre a Peste Bubonica, pelo offertante, 1899.

—Pelas respectivas *redacções*:

Revista Portugueza, Colonial e Maritima, n. 24, 2º anno, 4º vol.; Gazeta Medica da Bahia, ns. 2 e 3, anno 31; Revista Maritima Brasileira, n. 2, anno 19; Bulletin de la Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, ns. 17 e 18 de 1899; Bolletino della Società Geografica Italiana, n. 8, vol. 12, Agosto de 1899; The National Geographic Magazine, n. 10, vol. 10; Bulletin de la Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, ns. 19 e 20 de 1899.

(Mez de Novembro)

—Pelo socio Dr. *Manoel de Mello Cardoso Barata*: Estudos sobre o Pará, por Arthur O. N. Vianna

—Pelo socio *Coronel Gonçalo de Athayde*: Uma carta geographica do reconcavo da Bahia, organizada pelo Engenheiro Civil Theodoro Fernandes Sampaio.

—Pelo socio Dr. *Manoel Landacta Rosales*: Tres Proceres de la causa liberal—Generaes Donato Rõiz da Silva, Zoilo Medrana y José de Jesus Gonzalez; Guerra de Venezuela em 1898; Hoja de servicios del General Antonio Guzman Blanco.

—Pelo socio Dr. *Mariano A. Pellisa*: Memoria de Relaciones Exteriores y Culto presentado al Honorable Congresso Nacional em 1899.

—Pela *Secretaria do Interior, Justiça e Instrucção Publica*: Relatorio apresentado ao Governo do Estado pelo Secretario de Estado, Dr. Satyro de Oliveira Dias.

—Pelas respectivas *redacções*:

Bolletín de la Sociedad Geografica de Madrid, terceiro trimestre de 1899 e n. 21, Agosto de 1899; Revista Maritima Brasileira, ns. 3 e 4, anno 19; Re-

vista Portugueza, Colonial e Maritima, n. 25, 5.º vol.; Bolletino della Società Geografica Italiana, ns. 9 e 10, vol. 12. Bericht der Senckenbergischen, naturforschenden Gesellschaft in Frankfurt am Main—1899; Bolletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, n. 12; Bulletin de la Société de Géographie de Paris, 3.º trimestre, anno de 1899.

(Mez de Dezembro)

—Pelo socio Dr. *Manoel Pedro de Rezende*: «A Opinião Liberal» 1878 e 1879, 1 vol.

—Pelo socio *Candido Costa*: The City of Manáos—1893.

—Pelo cidadão *Alfredo C. Rodrigues*: «O Estado do Amazonas»—1899, Almanach Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul para o anno de 1900, pelo offertante; Notas para a historia da Imprensa do Rio Grande do Sul—1828 a 1844; Perfil Biographico de Antonio Vicente Fontoura, Ministro da Fazenda da Republica Rio-Grande—1807 a 1860.

—Pelo socio Dr. *Manoel de Mello Cardoso Barata*: Um mappa estatistico da divisão administrativa, judiciaria e eleitoral do Estado do Pará.

—Pela *Secretaria do Interior, Justiça e Instrucção Publica*: Leis sancionadas no Estado da Bahia em 1898 de ns. 223 a 295.

—Pelas respectivas redacções:

The National Geographic Magazine, n. 11, vol. 10; Bulletin of the Bureau of American Republics, n. 4, vol. 17, 1899; Bolletino della Società Geografica Italiana, n. 11, vol. 12 de 1899; Bulletin de la Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, ns. 21 e 22 de 1899, Bulletin of the American Geographical Society, n. 14, vol. 31 de 1899; Bulletin de la Société de la Géographie Commerciale du Havre, 3º trimestre de 1899; Revista dos Tribunaes (Bahia) n. 4, vol. 16 de 1899; A Lavoura—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira, Outubro e Novembro de 1899.

HISTÓRIA PATRIA

Balthazar de Aragão

SECULO XVII

O bellissimo tracto de mar que forma a bahia, de Todos os Santos, era sulcado, ao finalizar o seculo XVI, por naves armadas em guerra, francezas, inglezas ou hollandezas, que appareciam e subitamente desappareciam, depois de algum recontro com as caravellas de Hespanha ou de Portugal, ancoradas no porto, em defeza da nascente colonia.

Essas naves aventureiras, vindas de longe em busca de facil e rendosa presa, surgiam na bahia, de velas ao vento propicio, e annunciavam aos timidos, e nesse então poucos moradores da cidade do Salvador, a approximação de temeroso inimigo, audaz, ambicioso e valente diante da fraqueza da praça e da escassez dos meios maritimos de defeza.

Rara era a vez, infelizmente, em que os corsarios, de torna viagem dessas aventuras, não desappareciam lentamente no horisonte encinzeirado, levando os bateis apresados no reconcavo, e cujas bordas beijavam o mar, farto o seu bojo do carregamento de assucar dos nascentes engenhos, das madeiras e especiarias preciosas da terra mysteriosa e havia poucas decadas descoberta.

De 1581 em diante, principalmente, accentua-se fortemente esse estado de franca hostilidade, e Portugal, unido á Hespanha, herda os inimigos implacaveis da grande nação, e vê as suas colo-

nias successivamente atacadas, os seus navios incendiados nos portos da America e as suas esquadras mercantes enriquecerem os atrevidos filhos da Batavia, os mais intransigentes adversarios, que, depois de sacudir o jugo omminoso do duque d'Alba, conseguiram a supremacia no mar desde a celebre tregua com a Hespanha em 1609, e dirigiram todos os seus esforços, todas as suas vistas ambiciosas, todos os seus justificados anhelos de vindicta contra a mais vasta e fertil das colonias hispano-portuguezas; o Brazil, d'oravante será o alvo ardentemente desejado de todas as suas tentativas colonisadoras, de todas as suas necessidades de expansão e de vitalidade.

Naquella data, despontava no vasto territorio a cidade do Salvador, e contra ella incessantemente dirigiram-se todos os ataques da Hollanda, e até a França, e a Inglaterra, e a propria Turquia, cubicaram o mundo de Cabral, povoado de raças desconhecidas, de selvícolas que traziam aos marinheiros, ora timidos, ora aggressivos, as mãos em signal de prece, ou offertando, submissos, o ouro e as pedrarias dos seus sertões, ou nervosas e rijas, manejando atrevidamente a arma temivel do Tupinambá.

Os nossos escriptores eruditos do seculo XVII dizem que a Bahia fora atacada até 1604 por quatro poderosas esquadras, e duas dellas traziam por chefes a Withrington e a van Ceulen, dous temiveis homens do mar, que devastaram todo o littoral.

O temor continuo de uma investida mais seria e mais efficaz, contra a cidade, por parte das esquadras inimigas, fazia escrever ao classico chronista Gabriel Soares que os moradores da Bahia viviam atemorizados, esperando sempre a appa-

rição de qualquer veleiro grande para internarem-se nas frondosas mattas do interior.

A esse attribulado estado de cousas, ás constantes reclamações, ao grito de alarma dado pelas populações ribeirinhas, o governo da metropole respondera com a carta regia de 30 de Outubro de 1592, em que estabelecia um imposto de entrada e de sahida nos generos das colonias para o custeio de uma esquadra effectiva de doze navios para a defeza das costas e para combóiar e proteger os navios mercantes.

Essa providencia salutar não foi executada, e as costas do Brazil continuaram a abastecer durante annos os mercados da Hollanda.

Era tal, porém, a contingencia em que se achava a Bahia, era tal a sua estreiteza em recursos e em meios de defeza, que não raro era vêr-se particulares empenharem-se em luctas temerosas, quasi sempre fataes.

Nas chronicas antigas, e melhor ainda, nos poucos documentos particulares que nos restam da phase historica que serve de pallida moldura á figura altiva e forte de Balthazar de Aragão, encontram-se indicações de factos taes. E aquelle que mais deveria ser impressionado á nascente cidade foi, incontestavelmente, o que teve por theatro sanguinolento o nosso porto, em um dos mezes do anno de 1613.

Era Balthazar de Aragão, quando veiu á Bahã, como capitão-mór, homem já feito em idade, haveres e fama. Occupára, durante annos, igual cargo em Angola e exercera-o alli tão rijamente que a multidão africana o appellidára o Bangala, ou inflexivel.

Pouca cousa sabe-se relativamente ao capitão mór de Angola, e a sua passagem pela Bahia deixou igualmente poucos vestigios officiaes,

Esse silencio, essa ausencia, porém, de documentos, é, infelizmente, natural quando recordamos que os nossos archivos foram destruidos e em parte remettidos para a Hollanda em 1624, quando o almirante batavo Jacobs Willekens apoderou-se da cidade.

Assim é que somente dessa data em diante encontram-se documentos nos archivos do Estado, da municipalidade e de alguns cartorios.

Um frade que escreveu em 1768, chronista erudito da «provincia de Santo Antonio do Brasil», hoje maxima competencia em certos assumptos, é o unico a citar-lhe o nome no catalogo genealogico das principaes familias da Bahia, e a indicar o grande successo de sua morte em 1613.

Apezar da confiança que pode merecer um escriptor da respeitabilidade de Jaboatão, não me era dado ter como indiscutivel um facto historico de grande interesse, maxime quando elle era o unico a cital-o. Porque o silencio dos outros chronistas ou historiadores?

Seria tão somente uma lenda que chegara à epocha em que viveu e escreveu Jaboatão, adulterada ou sem origem pura e certa, e por isto mesmo desprezada pelos outros historiadores?

Todas essas duvidas, todas essas difficuldades na averiguação da verdade, levaram-me a realizar pesquisas incessantes, coroadas, finalmente, do melhor exito.

Não estão de accordo os genealogistas, os autores mais competentes dos antigos livros de linhagens, sobre a origem do appellido illustre de Aragão. Dizem uns que esse nome procede de Rucones, povo que alguns julgam ter existido junto à Navarra, e que foi combatido e vencido

Esse silencio, essa ausencia, porém, de documentos, é, infelizmente, natural quando recordamos que os nossos archivos foram destruidos e em parte remettidos para a Hollanda em 1624, quando o almirante batavo Jacobs Willekens apoderou-se da cidade.

Assim é que somente dessa data em diante encontram-se documentos nos archivos do Estado, da municipalidade e de alguns cartorios.

Um frade que escreveu em 1768, chronista erudito da «provincia de Santo Antonio do Brasil», hoje maxima competencia em certos assumptos, é o unico a citar-lhe o nome no catalogo genealogico das principaes familias da Bahia, e a indicar o grande successo de sua morte em 1613.

Apezar da confiança que pode merecer um escriptor da respeitabilidade de Jaboaão, não me era dado ter como indiscutivel um facto historico de grande interesse, maxime quando elle era o unico a cital-o. Porque o silencio dos outros chronistas ou historiadores?

Seria tão somente uma lenda que chegara à epocha em que viveu e escreveu Jaboaão, adulterada ou sem origem pura e certa, e por isto mesmo despresada pelos outros historiadores?

Todas essas duvidas, todas essas difficuldades na averiguação da verdade, levaram-me a realizar pesquisas incessantes, coroadas, fualmente, do melhor exito.

Não estão de accordo os genealogistas, os autores mais competentes dos antigos livros de linhagens, sobre a origem do appellido illustre de Aragão. Dizem uns que esse nome procede de Rucones, povo que alguns julgam ter existido junto à Navarra, e que foi combatido e vencido

pelo rei Artamiro, em 567, no dizer da chronica antiga e de S. Izidoro.

João, abbade de Valdara, antigo escriptor portuguez, porém, discorda da denominação dada àquelle povo, e o chama aragones, ou os actuaes aragonezes.

Outros historiadores, Vasco, Nebrisa e Florião do Campo, afastando-se daquelles não menos competentes em taes assumptos, dizem que na palayra Tarragones deve-se ir buscar a origem do nome que nos occupa, supprimindo-se a primeira lettra.

Successivamente, si consultarmos dezenas de chronicas dos escriptores dos primeiros seculos da éra christã, encontraremos outras tantas opiniões, cada qual mais verosimil.

Nas minhas investigações, porém, não me deixei levar somente pelos trabalhos de escriptores mais ou menos antigos, e procurei logo aquelle que me apresentasse documentos que provassem fortemente a verdade de sua opinião historica.

As fontes diplomaticas da historia, representadas por toda especie de documentos reconhecidamente authenticos, depois de apurado estudo paleographico e critico, prestam esse relevante serviço á apreciação de epochas remotas, cujos chronistas muita vez adulteravam factos ou os transmittiam aos posteros sem averiguar-lhes a pureza da origem.

Hoje o estudo da historia tem por base a paleographia e a diplomatica, que é a philosophia della; outr'ora as fontes chamadas narrativas preponderavam, e por isso chegaram até nós verdadeiros absurdos historicos, admiravelmente apontados por Jubanville.

Seguindo, portanto, esse systema, inclinei-me logo á opinião do abbade Valdara, quanto a ori-

gem do nome de Aragão, porque vi em Frei Bernardo de Britto a citação de um decreto do Papa Hormisda, eleito pontifice no anno de Christo de 517 e fallecido em 525, dirigido a Sacrario, rei dos aragones. Antes, portanto, de Artamiro subir ao throno e desbaratar os Rucões, existia já um povo com aquelle nome.

Deixando ahí rapidamente descripta a origem mais provavel desse nome, e afastando-me de tratar das familias reinantes, e das da alta nobreza da Hespanha que o usaram, direi, que Balthazar de Aragão pertencia ao ramo que floresceu em Portugal e teve por tronco a Martim de Aragão, cavalheiro que acompanhou aquelle paiz a rainha D. Dulce, mulher de D. Sancho I. Isso dizem Brandão na sua «Monarchia luzitana», e o «Nobiliario» do conde D. Pedro.

Não me foi possivel precisar, apezar de todos os meus esforços, de todas as minhas pesquisas nos archivos publicos e no meu particular, a data exacta da chegada á Bahia de Balthazar Aragão. E' certo, porém, que elle achava-se aqui em 1599, pois a 13 de Novembro desse anno desposava uma bisneta de Catharina Paraguassú.

Governava nessa data a Bahia, D. Francisco de Souza, segundo Governador nomeado por Felippe II, já Portugal sob o dominio da Hespanha. A Bahia começava a realizar sensiveis progressos; a sua população avultava rapidamente, e dava-lhe grande importancia o ser a séde do governo geral, a residencia das mais altas auctoridades coloniacas, além do governador, o ouvidor, o provedor, o bispo, e o provincial da Companhia de Jesus.

Não sei si o capitão mór, ao chegar a capital da colonia, era ainda solteiro ou si era viuvo; inclino-me porém á primeira hypothese, porque

os papéis de família que possuo, tratando da sua descendencia americana, nada dizem relativamente a um primeiro matrimonio que elle houvesse contrahido.

Na epocha da sua chegada á America, a familia de maior importancia na Bahia era, incontestavelmente, a de Catharina Paraguassú. Os descendentes de Diogo Alvares viviam cercados da maior consideração, aureolados, por assim dizer, pela lenda do Caramurú, que lhes illustrára o berço.

Quer nos parecer que além da altivez, e de fria inflexibilidade, e do valor temerario que constituíam o fundo do character de Balthazar de Aragão, a ambição estimulava todas aquellas qualidades, faceis, é verdade, de encontrar reunidas nos feros cavalheiros de alguns seculos passados.

Capitão-mór na Bahia, revestido das prerogativas e da importancia que naquella epocha tinham esses funcionarios, Balthazar julgou talvez estender a sua influencia e augmentar os seus haveres, entrando em uma familia de grande importancia, casando-se em 13 de Novembro de 1599, na Sé, com Maria de Araujo, bisneta, por Maria Dias e Genebra Alvares, de Catharina Paraguassú e Diogo Alvares. Tinha Maria nessa data pouco mais ou menos de vinte annos de idade, baptisada como fóra, na Sé, em 21 de Agosto de 1579.

Installou-se então o capitão-mór em uma casa nobre que havia na rua chamada desde essa occasião do Bangala, denominação por que é ainda em nossos dias conhecida e que, no dizer de Mello Moraes, o curioso e infatigavel investigador dessas tradições, assim era chamada

por morar nella Balthazar de Aragão, mais conhecido por semelhante alcunha.

Quem conhecer bem a epocha em que viveu na Bahia o capitão-mór, sabendo minuciosamente o modo por que se tratava a nobreza e tambem os ricos moradores da cidade do Salvador, ostentando bellos cavallos, jaezes preciosos, ricas alfaias, creados e escravos importados cuidadosamente para differentes misteres, especialmente escolhidos os mais garbosos e de puras formas athleticas para carregar as liteiras e as cadeirinhas douradas e de cortinas de seda do oriente, levando nas jaquetas as cores vistosas dos escudos de armas dos nobres senhores; lembrando os trajes do seculo XVI da severa côrte portugueza, alterados já pela influencia dos costumes mais elegantes e mais dissolutos da nobreza hespanhola, os calções, o gibão de setim ou de damasco, o gorro, as plumas e as armas preciosas cravejadas de pedrarias, poderá fazer uma nitida idéa do viver do rico e nobre Balthazar de Aragão.

Apezar da existencia luxuosa e ao parecer calma, que se levava na nova cidade, raro era o mez em que os sinos da Sé não tocavam a rebate, annunciando áchar-se á vista, lá para as bandas do norte, um navio suspeito, e logo após a sua nacionalidade inimiga era indicada, attrahindo as auctoridades e o povo á praça, onde, dizem os chronistas coevos, se corriam touros quando convinha.

E durante algum tempo, via-se affluir de todas as arterias que desembocavam naquelle local, precipitadamente, os peões curiosos e amedrontados, os cavalheiros garbosos e atrevidos, afivelando ainda, na carreira, o cinto da espada,

os garotos e as mulheres em pranto pedindo aos céos os saivassem do hollandez.

Nesses momentos tremendos as altas patentes cercavam o Governador, e apraz-me divisar dentre ellas a Balthazar de Aragão, que morando mais distante, naturalmente vinha montado no seu ginete ajaezado de prata, acompanhado dos seus lacaios. E curioso, como todos, de medir a extensão do perigo, provavelmente apparecia a uma das janellas da «nobre casa em que se agazalhavam os governadores»; e talvez ficasse algum tempo a considerar, mudo e afflicto, na offensa que o hollandez irrogava á Hespanha e a Portugal. Desconsolado lançaria um olhar para a inutilidade da «artilheria grossa» assentada na praça, ao poente, e da qual zombava o inimigo audaz.

A vozeria do povo, inclinado sobre o barranco da praça, que dava para o mar, rodeando os poucos canhões que a defendiam, annunciava a cada momento as differentes manobras da esquadra ou do navio inimigo. Do palacio do Governador partiam precipitadamente soldados montados que levavam ordens para a defeza da cidade em caso de ataque.

Foi provavelmente em um desses dias atribulados, de vergonha e de raiva impotente, que nasceu subitamente na alma violenta, irrequita e altiva de Bangala a idéa temeraria de dar combate a umas dessas náos hollandezas que menosprezavam do valor e brio dos portuguezes.

Talvez em uma bella tarde de verão, apoiado a um dos canhões inuteis da praça, Balthazar se entretivesse comsigo mesmo dessa aventureosa empreza, no segredo do seu intimo, antes de communicar-a á familia e aos amigos. O seu porte que me apraz considerar alto e forte des-

tacava-se no horizonte sereno de um crepusculo dos tropicos; e a sua cabeça arrogante e de traços severos e firmes, que não podia deixar de ser assim constituido um homem talhado a tão arriscadas emprezas, e que já havia dado de si sufficientes provas de rigor na acção de governar e de valor nos combates, era illuminada por um olhar frio e penetrante, revelador de um espirito intemerato e inflexivel.

Balthazar contemplava e espreitava as aguas limpidas da bahia, docemente frisadas pelo vento de terra, em uma tarde de verão, enquanto o seu genio construia o drama em que seria protagonista e que lhe daria invejavel renome; calculava friamente as vantagens e o arriscado da empreza, sem contudo desanimar. Voltando ao lar, julgo que por um momento talvez naquelle peito frio passasse o ardor de alguma emoção ao recebê-lo no limiar Maria de Araujo, rodeada de seus filhos, aos quaes nada referiu do seu projecto. Quer me parecer que foi somente dias depois, ao reunir em torno á sua mesa os mais importantes amigos, que o capitão-mór dirigiu a conversa para o assumpto sempre palpitante e lembrou os repetidos prejuizos que soffria a colonia, e chegou insensivelmente a propôr o alvitre de sahirem os particulares abastados a combatel-os em navios equipados e armados á sua custa, lembrando que elle como que estava indicado para enfrentar o primeiro impeto do hollandez, dada a coincidencia de terem entrado no porto, no mesmo anno em que desposára Maria de Araujo, quatro naves daquella nação.

Os convivas mais experimentados e idosos, talvez permanecessem mudos ou procurassem dissuadil-o de tal intento; os outros, porém, jovens e ambiciosos, receberam, alegremente a nobre,

mas perigosa proposta, e ao finalizar a ceia só Maria de Araujo permanecia triste e silenciosa, temendo desgostar o seu marido e senhor.

Tinha já Balthazar de Aragão, em 1613, anno emque se passou este successo, (em que mez não me foi dado descobrir) varios filhos, alguns dos quaes foram troncos das mais illustres e nobres familias da Bahia. Um dos seus netos, Francisco de Araujo de Aragão, foi alcaide-mór desta cidade por Carta Regia de 1 de Março de 1687, e o livro antiquissimo de Preto e menagem dos governadores e alcaides-móres, existente no Archivo Publico, o dá como passado em 2 de Outubro do mesmo anno.

Seu filho Manoel, bisneto de Balthazar, succedeu a seu pae, e esta foi a primeira mercê que fez D. João V para o Brazil; prestou juramento em 21 de Junho de 1707. A descendencia de Balthazar de Aragão continuou a figurar e ainda occupa em 1899 altos cargos na Bahia.

Jaboatão, ao dizer laconicamente que Balthazar de Aragão fallecera em 1613, sahindo em uma não a pelejar contra os hollandezes, accrescenta que elle governava a Bahia por morte do governador D. Diogo de Menezes.

Aquelle facto que levou-me logo a trabalhosas pesquisas ficou felizmente elucidado ao receber do Archivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, as cópias mandadas extrahir alli pelo illustre director do nosso Archivo das cartas régias que nomearam os alcaides-móres desta cidade. Em uma dellas, como eu previa, a que nomeava Francisco de Araujo de Aragão, neto do capitão-mór, encontrei como um dos motivos preponderantes da alta escolha que el-rei fazia do nomeado, o ter-se embarcado seu avô, o çá-

pitão-mór Balthazar de Aragão, em um seu navio de guerra, armado e equipado a custa da sua fazenda, a pelejar com os holandezes que infestavam as costas, morrendo afogado, visto ter-se virado a não em que ia.

Esse documento, de uma authenticidade indiscutivel, veio fazer de Balthazar de Aragão uma figura interessantissima e dar-me verdadeiro prazer por ter tido a occasião de tirar do esquecimento o nome de um illustre ascendente.

O outro facto, porém, tambem citado por Jaboaão, de governar o capitão mór a Bahia por ter fallecido D. Diogo de Menezes, conservou-se até o presente envolto no maior mysterio, apesar dos meus esforços. Talvez encontre ainda algum livro ou documento particular que tivesse escapado á sanha holandezza e que authenticue o facto.

Muito abastado em haveres devia ter sido o Bangala para lançar-se a uma empreza que, além de arriscada, deveria consumir avultadas sommas; loucura, o era incontestavelmente. Um official de terra, desacostumado ás lides do mar, sem o pessoal practico talvez, e sufficiente para lutar com os atrevidos e notaveis marinheiros batavos que tinham, além do mais, a superioridade que dá o habito de vencer, não poderia ter esperanza de exito si não tivesse a coragem do Bangala. Si eu vivesse no primeiro quartel do seculo XVII, teria concorrido com a população toda da cidade do Salvador, a observar das eminencias della a sahida do porto da não armada em guerra em que ia o capitão-mór.

Teria visto a anciedade de todos, os elogios de alguns, as lagrimas de muitos. E a não, bordejando a principio, a espera de propicia ara-

gem, afastar-se lentamente, as velas cheias finalmente, em demanda das caravellas hollandezas, cujos vultos branquejavam no horizonte encinzeirado, de onde não deveria voltar Balthazar de Aragão.

Francisco Gil de Araujo

CAPITULO XVII

Da leitura de um curioso relatorio assignado por Frei Raymundo da Madre de Deus Pontes, Manoel Correia Garcia, F. M. Raposo d'Almeida e Dr. Odorico Octavio Odilon, commissão encarregada pelo Instituto Historico da Bahia de proceder a pesquisas archeologicas no subsolo da egreja Cathedral, onde se descobrira um vacuo abobadado ao proceder-se a inhumação dos restos do arcebispo Primaz do Brazil, D. Romualdo de Seixas, Marquez da Santa Cruz, nasceu a idéa de completar com alguns apontamentos biographicos aquella interessante noticia sobre o cavalheiro cujos restos foram encontrados naquelle subterraneo.

Aquella commissão, conforme se vê do trecho que transcrevo do seu relatorio, em 4 de Dezembro de 1862, dirigiu-se ao antigo e historico templo jesuitico e procedeu ao exame da abertura que se descobrira no plano da capella-mór da Cathedral.

«Ao meio dia, pouco mais ou menos, diz a commissão, era arrancada a pedra de marmore, que serve como porta a esse subterraneo; apenas levantada essa lage descortinamos quatro degrãos de alvenaria que dão ingresso ao mesmo subter-

raneo e por onde apenas pode passar um homem, descemos por essa abertura ao interior e ali, ao clarão das luzes, podemos ver uma pequena camara abobadada, cujo comprimento é de 13 palmos e 3 polegadas, e a altura, do vertice da aboboda, 7 palmos e 7 polegadas, sendo o pavimento de tijollos já muito estragados pela humidade do lugar.»

Nesse vacuo encontrou a commissão ossos humanos calcinados, alguns pedaços de galão de ouro, tiras de velludo, alças de cobre, uma fechadura primorosamente trabalhada e outros objectos, parecendo ter sido o cadaver sepultado com vestes de cavalheiro.»

Extraordinaria foi a curiosidade que despertou essa descoberta, principalmente depois que se encontrou sobre a lápide de marmore que cobria esse jazigo uma inscripção latina que dava o nome do fidalgo alli sepultado. Dizia ella:

Hic iacet

Franciscos Gil de Araujo

Praefecturae et vs sancte

Domine gubernator

Conditor magnifice patron

Singularis huius maioris sacelli Quod

Sanctiss.^o iesu nomine erexit in titulum ipsis societati construxit in monumento sibi ac posteris suis, posvit in sepulchro.

Obiit anno domini M. DCCXXXV Decem XX. (*)

Quem seria esse desconhecido? não podia dei-

(*)—O Dr. J. A. Teixeira de Mello no vol. 2.^o das suas «Ephemerides Nacionaes» traz a data de 24 de Dezembro de 1685 como o dia em que falleceu na Bahia o coronel Francisco Gil de Araujo, donatario da Capitania do Espirito Santo, tendo-a comprado em 1674, por Alvará de licença de 6 de Junho, por 40.000 cruzados.

xar de ser uma influencia naquella data e no meio em que viveu. A collocação de seu sepulchro de familia em logar privilegiado no collegio dos jesuitas isso attestava. A commissão, porém, nada poudo adiantar a esse respeito; no seu relatório diz que «apenas poudo saber que esse Gil de Araujo é um dos troncos genealogicos de uma antiga e grande familia desta provincia, a dos Garcias, Pachecos, Pimenteais e Aragões, á qual tambem pertence a casa da Torre Garcia d'Avilla.»

A mesma curiosidade que ha trinta e cinco annos assaltou os espiritos daquelles illustres homens de letras, veiu lançar-me em pesquisas historicas e genealogicas. Consegui, felizmente, saber minuciosamente quem fóra Francisco Gil de Araujo. Prende-se sua ascendencia nada menos que á Catharina Paraguassú, a lendaria princeza brasilica, a esposa de Diogo Alvares.

Das quatro filhas legitimas deste matrimonio, Genebra Alvares casou com Vicente Dias, de Beja, de cujo enlace, entre outros filhos, teve a Maria Dias que casou com Francisco de Araujo, natural de Ponte de Lima, da nobilissima familia desse appellido que ha na provincia de Entre-Douro e Minho. Neto de Maria Dias por sua mãe Maria de Araujo, casada em primeiras nupcias com o capitão-mór Balthazar de Aragão, o Bangala por alcunha, pela rigidez e pela crudidade do seu governo em Angola, e em segundas em 2 de Dezembro de 1657 com Pedro Garcia que foi seu pai, a quem chamavam o velho, mercador mui rico para aquelles tempos, natural da ilha de S. Miguel e filho de Manoel Pereira e de sua mulher Joanna Garcia, Francisco de Araujo achou-se trineto de Catharina, e, portanto, alliado ás mais illustres familias brazileiras.

Seu pai fez doação aos religiosos de Santo An-

tonio da terra necessaria para a fundação do convento de Paraguassù e nelle foi sepultado em 7 de Maio de 1691.

Herdeiro de um grande nome e de avultada fortuna, parece que Francisco de Araujo foi homem generoso, activo e ambicioso.

Conservou as vastas propriedades de sua familia e dotou principescamente suas sobrinhas, filhas de sua irmã Joanna casada com Antonio da Silva Pimentel, alcaide-mór da Bahia.

Foi donatario da Capitania do Espirito Santo por compra que della fez ao seu proprietario o almotacé-mor Antonio Luiz Gonçaves da Camara Coutinho, pela somma de quarenta mil cruzados.

Casou-se, em data que não posso precisar, com Joanna Pimentel, descendente desse Bernardo Pimentel de Almeida, fidalgo muito honrado, diz Jaboação, que passou á Bahia em 1584.

Desse matrimonio teve quatro filhos e dentre elles Manoel Garcia Pimentel que herdou a casa de seu pai, foi como elle donatario da capitania do Espirito Santo, seu governador e capitão-mór, e senhor do morgado que lhe deixou seu tio o padre Pedro Garcia de Araujo.

Foi senhor da villa Velha, cavalleiro de Christo e successor da commenda que foi de seu pai.

Este velho e abastado fidalgo, querendo concorrer para que os jesuitas terminassem as obras internas do seu collegio, deu-lhes a importante quantia de trinta mil cruzados para fazer-se a capella-mór.

Eis, finalmente, desvendado o mysterio da preferencia honrosa que deram aos restos do seu bemfeitor os padres da Companhia de Jesus.

Abril 99.

INNOCENCIO GÓES.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME 6º

N. 19.	Paginas
Archeologia—Exploração do escondrijo de uma casa á rua do Castanheda	3
O Dique da Bahia, pelo Dr. J. F. da Silva Lima	13
Ephemerides Cachoeiranas, pelo Dr. A. Milton (Mez de Maio).	27
Riqueza Mineral do Estado da Bahia—O Diamante—por Henrique Prager.	57
Descripção da Bahia de Todos os Santos, por Simão de Vasconcellos.	69
Noticia sobre a descoberta das Lavras Diamantinas na Bahia, pelo coronel Gonçalo Pereira	75
Apontamentos Historicos sobre o antigo Instituto Bahiano (Anno de 1867)	81
Documentos Historicos	85
Actas e Offertas :	
(Janeiro a Março de 1899).	101
Apontamentos Biographicos :	
Frei Carneiro da Cunha	110
Ignacio Alves Nazareth	116
Padre Joaquim Cacique de Barros.	118
Dr. Alfredo Kantack	121
Dr. Sá Oliveira	125

	Paginas
Ephemerides e Anedoctas, pelo Engenheiro Moraes de los Rios	129
Noticiario e Variedades	149
N. 20.	
A Litteratura Brasileira Colonial, pelo Dr. Antonio da Cunha Barbosa.	161
Ephemerides Cachoeiranas, pelo Dr. Aristides Milton (Mez de Junho)	207
Municipio dos Poções (Comarca da Conquista), pelo Dr. Tranquilino Torres	253
Centenario do Brazil. O primitivo e o actual Porto Seguro	269
Actas das Sessões e Offertas (Abril e Maio de 1899)	293
Neerologia:	
Cons. Guimarães Cerne	311
Noticiario:	
Deliberações tomadas pela Commissão do Centenario do Brazil na Bahia.	315
N. 21.	
Noticia Historica sobre o Collegio dos Orphãos de S. Joaquim no 1.º centenario de sua fundação, pelo Cons. João Torres	327
Ephemerides Cachoeiranas, pelo Dr. Aristides Milton. (Mez de Julho)	363
A Imprensa Bahiana de 1811 a 1899.—Catalogo dos Jornaes Bahianos, pelo Dr. Alfredo de Carvalho	397
Actas e Offertas:	
(Mezes de Junho a Setembro de 1899)	421
Dr. Teixeira de Freitas. (Discurso do Cons. Filinto Bastos na sessão de 11 de Agosto de 1899, no Tribunal de Appellação e Revista	441

	Paginas
Poetas Bahianos, pelo Dr. Manoel Brito:	
Padre Miguel Luiz Teixeira	465
Padre Francisco de Almeida	466
Variedade Historica:	
A Patente de Santo Antonio	469
Licença para fogos de artificio	472
N. 22.	
Municipio do Prado—A Joia do Estado da Bahia—, por Henrique Pragner	479
Ephemerides Cachoeiranas, pelo Dr. Aristides Milton. (Mez de Agosto).	489
O antigo palacio do Governo da Bahia	537
Catalogo dos Jornaes Bahianos	549
Actas e Offertas:	
(Outubro a Dezembro)	583
Historia Patria:	
Balthazar de Aragão	591
Francisco Gil de Araujo	603